

6 MEMÓRIA E CIDADE: SURGE UMA NOVA OLINDA

“Olinda:

Bem na lapela do Atlântico
Olinda está incrustada
Como estrela-da-manhã
Na beira-mar encravada
Nascendo para ser vivida
Vivendo para ser amada.”

Fernando Gondim¹



Fotografia 64 – Praia de Casa Caiada em Olinda²

Neste capítulo vamos, inicialmente, acompanhar os depoentes em seus relatos sobre como guardaram na memória as mudanças que Olinda vivenciou, entre as décadas de 1950 e 1970, notadamente em seu crescimento populacional, e o que isso implicou para a cidade. Assim, as lembranças de Carlos Ivan de Melo permitem-lhe rememorar esse período em Olinda:

¹ Poema extraído de TEIXEIRA NETO, 2004, p. 195

² A fotografia mostra o crescimento vertical e os novos prédios na orla recentemente urbanizada pela prefeitura. Não há diques de pedra e é possível à população ter acesso ao banho de mar. Fonte: Acervo Particular da autora. 2007.

Olinda se expandiu. Quem é da nossa geração, que via Olinda antiga só o Sítio Histórico, hoje em dia a gente vai à Tabajara, Ouro Preto, é tudo novo! Eu acho que Olinda ainda precisa muito para deixar de ser uma cidade dormitório, porque tem um comércio no Bairro Novo, se você quer comprar uma coisa você vai ter que andar um pedaço enorme! No Varadouro, o comércio piorou, diminuiu.

Podemos observar, pelas lembranças de D. Maria José [Zeinha], as mudanças que percebeu e traz através de sua memória:

A partir de 1950 o bairro do Bonsucesso ficou muito diferente. Apareceram mais supermercados que não tinha antes, granjas de venda de aves. Os ônibus antes não passavam em Bonsucesso, agora passam. As casas se remodelaram. Surgiram ruas novas; a minha casa e a de junto antes não existiam. O bairro cresceu. Já nos Quatro Cantos, [Sítio Histórico] não mudou nada.

Marília Didier Oliveira Reis traz sua visão da cidade, de seu crescimento e dos problemas econômicos enfrentados com essas transformações:

A população de Olinda aumentou e a de Boa Viagem também. Mas foi diferente de Olinda, que cresceu de uma forma muito mais desordenada. Por ex: o comércio em Olinda é quase inexistente. Olinda tem dois supermercados só. Se você for comparar, Olinda cresceu, mas o comércio não cresceu e a indústria zerou. Não tem um grande hotel. No Sítio Histórico tem as pousadas. A população cresceu, mas a infra-estrutura não acompanhou. Eu acho que essa população que está crescendo é uma população de baixa renda e encontra casa mais barata, então vai para Olinda. Trabalha em Recife e vai pra Olinda e fica na periferia.

Já Dione Nascimento Silva, recorda-se do crescimento de Olinda e de suas mudanças:

Olinda não tinha supermercado, era feira em Bonsucesso e a dos Milagres. O meu pai mesmo fazia a feira e mamãe ficava em casa. Hoje já tem o hipermercado e temos o Shopping Tacaruna, que é um sucesso! Os bairros tiveram um bom crescimento. Nos colégios hoje tem computador; meus bisnetos já com sete anos, sabem mexer em tudo. Isso tem evoluído muito nas escolas. Em compensação o

comércio de Olinda não mudou muito. Eu sou do tempo do bonde, era bom; agora o transporte na cidade melhorou.

Importante destacar as memórias dos olindenses, cuja marca que mais aparece como simbólica desse crescimento é a presença de grandes supermercados, que dão aos moradores a idéia de estarem vivendo numa cidade mais moderna. Destacamos que foi lembrada também a presença de um *shopping center*, o Tacaruna, existente na estrada que liga Olinda a Recife, e que também é um marco dessa evolução que a cidade experimentou. Ambos são símbolos das cidades grandes e metrópoles, no tocante a ofertas de serviços a seus moradores e representam uma sofisticação que as cidades menores não costumam dispor.

Percebemos que, ao lado disso, a cidade foi também perdendo as características típicas das cidades pequenas, nas quais o abastecimento dos mantimentos costumava acontecer nas feiras locais ou mercearias, onde a população se conhecia. Era o local de encontro entre conhecidos e vizinhos que se reuniam para colocar as notícias em dia. Podemos perceber, nos relatos dos mais idosos, os aspectos de ganhos para a cidade, mas também de perdas relativas a este tipo de sociabilidade, muito comum em cidades pequenas, onde há mais proximidade e trocas entre as pessoas, mais participação da comunidade em atividades comuns — a ida às feiras, às missas, por exemplo — enfim, todas as formas de sociabilidade são facilitadas.

Passaremos agora a enfatizar a história recente da cidade de Olinda, notadamente em seus aspectos de crescimento da população, do surgimento dos novos bairros motivado pela expansão urbana apontada nos depoimentos citados, e as mudanças que isso implicou.

Nas décadas de 50 a 70 do século passado, Olinda experimentou uma nova onda de desenvolvimento e um grande crescimento populacional, uma “subida”, como descreveu Alexandre Alves Dias em seu depoimento inicial. Foi criada uma nova Faculdade de Direito em seu Sítio Histórico, uma das primeiras de uma série de instituições de nível superior que vieram a ser instaladas em Olinda. Hoje ela já dispõe de oito unidades de ensino superior, o que foi muito festejado por sua população. Afinal, os cursos jurídicos retornaram à cidade, pois, desde 1854 foram transferidos para Recife. Em 1917, os cursos de graduação em Agronomia e Medicina Veterinária, que funcionavam no Mosteiro de São Bento em Olinda, também foram transferidos. Toda a população tinha que estudar fora de Olinda, porque não havia curso universitário na cidade. O retorno das instituições de nível superior possibilitou que um novo desenvolvimento educacional e cultural fosse experimentado por sua população. Olinda hoje conta com várias instituições universitárias, mas todas particulares. Ao lado do

plano educacional, o município registrou um grande crescimento habitacional, com a implantação dos projetos imobiliários pelo governo federal, durante o regime militar, após 1964, com financiamentos do Banco Nacional de Habitação (BNH), fruto do chamado “milagre brasileiro”.³

Novas políticas econômicas do governo federal e os subsídios e créditos do BNH permitiram o acesso da classe média ao financiamento da casa própria e isso possibilitou ao país experimentar um crescimento significativo. “A COHAB em Pernambuco teve em Olinda sua principal área da atuação.”⁴ Ela implantou uma experiência pioneira de construção de residências para a população de baixa renda que morava em mocambos: o Projeto “Casa Embrião”, em Jatobá, Rio Doce e Peixinhos, bairros de população extremamente pobre, visava a erradicação dos mocambos e sua substituição por moradias construídas em alvenaria e financiadas pelo governo.⁵ Fernando Novaes⁶ registra alguns problemas a respeito:

Nos primeiros anos de funcionamento do BNH houve um açodamento de empresários, em construir grandes conjuntos, sem que as obras de infra-estrutura estivessem prontas ou então em lugares onde fosse inexistente essa infra-estrutura. Em virtude desses abusos o BNH houve por bem determinar, em 1972, que as COHABS, INOCOOPS e também empresas particulares, atacassem primeiro as obras de infra-estrutura dos conjuntos habitacionais, antes de erguer casas, passando a fazer o financiamento dessas obras diretamente, o que antes era feito por diversos órgãos.

O autor avalia que isto foi um ponto fundamental de dificuldade para o êxito dessas políticas sociais, porque a prefeitura de Olinda, por exemplo, não poderia, sozinha, dar conta da implantação dos serviços que um grande conjunto habitacional demanda, principalmente em regiões onde não existia a mínima estrutura para receber o imenso contingente populacional que ocuparia esses grandes conjuntos. O governo federal, por meio do BNH, criou linhas de financiamento aos municípios para os serviços básicos de infra-estrutura a esses núcleos habitacionais, tais como: distribuição de água, redes pluviais e de saneamento, rede elétrica, arruamento, calçamento e as estradas de acesso.

Como Olinda está muito próxima do Recife e faz parte de sua região metropolitana, também se beneficiou com estes financiamentos, que originaram bairros como: Vila Popular, Jardim Atlântico, Ouro Preto, Jatobá, Jardim Brasil, Tabajara, entre outros. Esses bairros,

³ SOARES, Lucila. *Não é mais um sonho impossível*. Disponível em: <<http://clipping.planejamento.gov.br/Noticias.asp?NOTCod=342136>> Acesso em: 24 out. 2008.

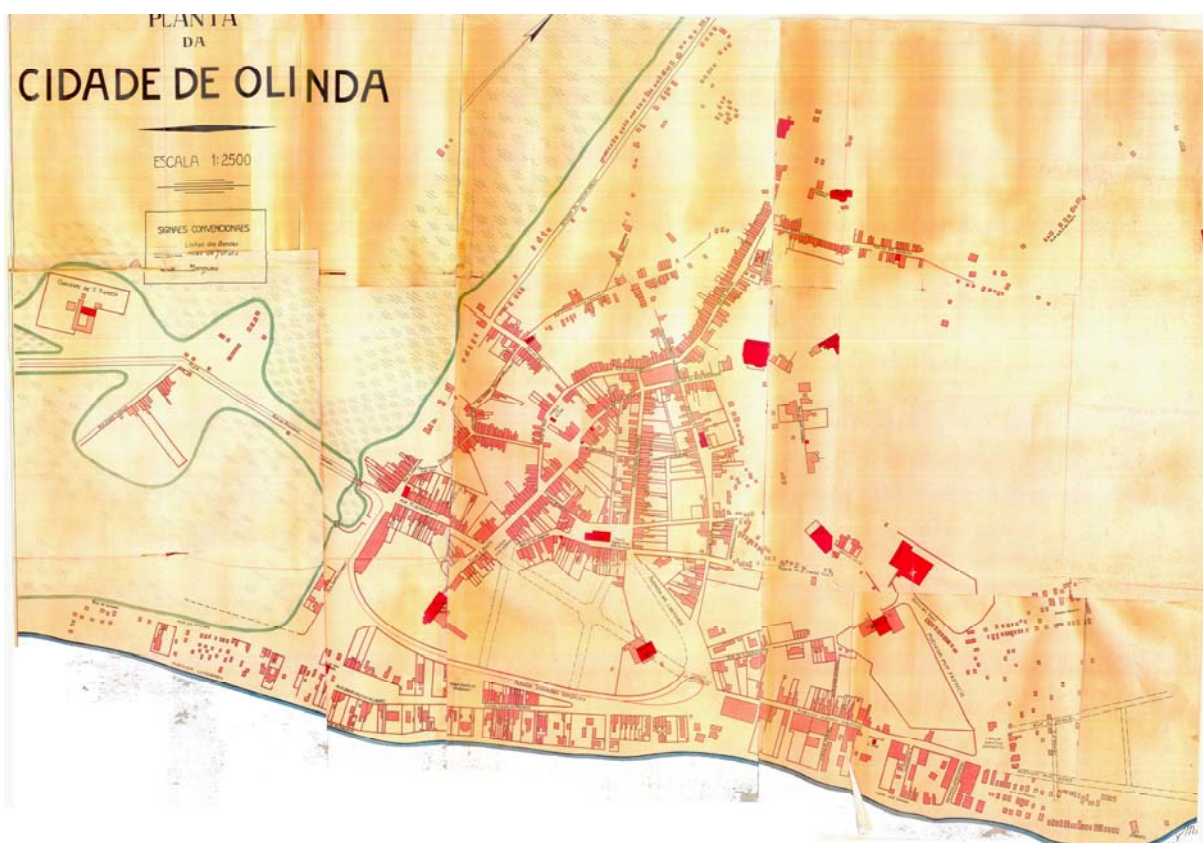
⁴ NOVAES, 1990, p. 67.

⁵ BNH INVESTE 11 bilhões em obras do CURA em Olinda. *Jornal do Comércio*, Recife, p. 1, 13 abr. 1874.

⁶ NOVAES, op. cit., p. 68.

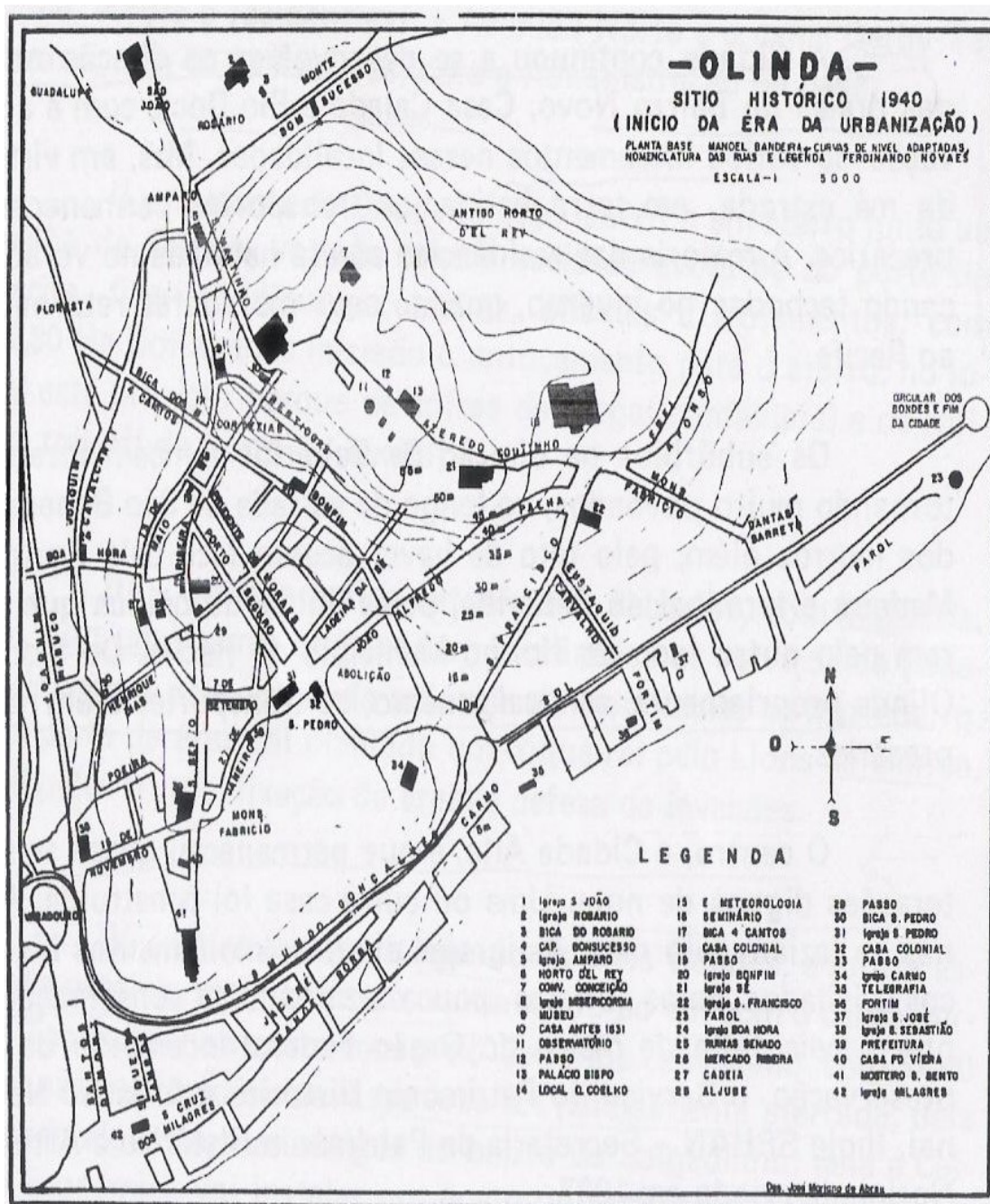
periféricos ao Sítio Histórico da cidade, foram se estabelecendo, principalmente nas áreas desocupadas ou ocupadas por antigas chácaras, na zona rural de Olinda ou ao longo de sua orla marítima. Importante ainda destacar que nesses bairros, os acessos pelas novas avenidas possibilitaram aos moradores chegar a Recife em poucos minutos, sem sequer precisar passar pelo secular centro da cidade — o Sítio Histórico de Olinda. Tudo isso implicou em mudanças e novidades para a velha Olinda.

As plantas a seguir vão revelar o crescimento urbano e a ocupação territorial de Olinda, a partir das primeiras décadas do século XX, e ilustram o vertiginoso crescimento ocupacional da cidade, notadamente a partir dos anos 1950-1970, quando surgiram seus primeiros conjuntos habitacionais.. É possível observar a direção que tomou o crescimento da cidade e como foram sendo ocupados seus espaços, tanto na zona rural como no sentido norte, em direção a sua orla marítima:



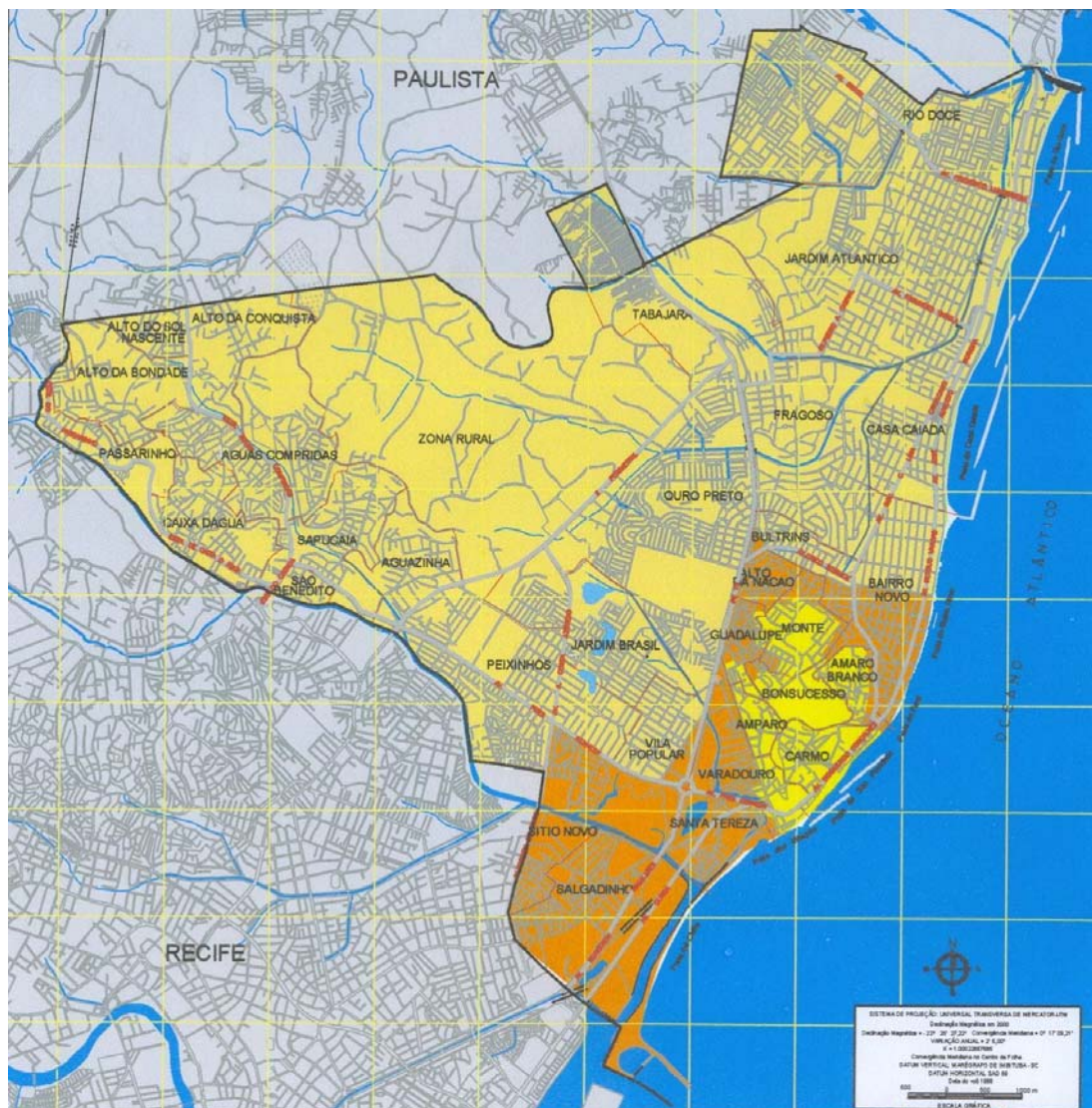
Mapa 1 – Olinda de 1915⁷

⁷ É visível a concentração de logradouros e as edificações em torno do secular Sítio Histórico, em sua parte alta e enladeirada, cujo centro é o Alto da Sé. A região interior, sua zona rural e sua orla marítima, ainda estão muito desocupadas. Fonte: NOVAES, 1990, p. 38.



Mapa 2 – Cidade de Olinda, em 1940⁸

⁸ Em destaque, o Sítio Histórico com seus antigos logradouros e os que foram surgindo com o início da expansão urbana, ocupando as áreas desabitadas da cidade. Fonte: NOVAES, 1990, p. 41.



Mapa 3 – Nova organização político-administrativa do município de Olinda⁹

O crescimento de Olinda se dá num momento em que o país vê surgir esta onda de mudanças e modernização, com a criação de importantes instituições que vão marcar seu desenvolvimento. Foi criada a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), no final da década de 1950, importante autarquia federal, que tinha como finalidade diminuir as distâncias econômico-regionais do país, no que diz respeito à diferença de crescimento e de renda entre as regiões Sul e Nordeste e a presença dos bolsões de miséria da população nordestina. Pedro Vasconcelos¹⁰ assim se refere a esse período:

⁹ As áreas ocupadas pelos novos bairros e suas respectivas zonas. Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE OLINDA. Secretaria de Planejamento, Transportes e Meio Ambiente (SEPLAMA / DIM). *Mapas Temáticos - Olinda em Dados*. Olinda, 2006a. v. III.

¹⁰ VASCONCELOS, 2004, p. 11.

Os anos 50 foram importantes para a economia nordestina, com o início da exploração do petróleo no Recôncavo baiano, com as atividades da Petrobrás (1953) e com a abertura da refinaria de Mataripe, dando início à formação da Região Metropolitana de Salvador, enquanto que o desenvolvimento de Recife foi ainda mais acentuado após 1959, com a fundação da Sudene e a implantação de distritos industriais apoiados nos novos incentivos fiscais.

Foram criados os Centros Industriais nas regiões metropolitanas das capitais, resultantes dos incentivos fiscais concedidos às indústrias da região Sudeste que optassem por implantar filial na região Nordeste, no chamado “Polígono das Secas”. Os estados da Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão, Piauí, norte de Minas Gerais e o Território de Fernando de Noronha, faziam parte desta região submetida aos ciclos periódicos de seca, cuja economia não acompanhava o crescimento do centro sul do país. Era uma tentativa de estimular o crescimento industrial pela geração de emprego e renda e, conseqüentemente, promover o crescimento econômico da região nordestina, diminuindo o fosso existente entre as regiões do Brasil, no tocante ao desenvolvimento.

Com a criação das zonas industriais nas regiões metropolitanas, novas vias de acesso foram construídas, juntamente com novas estradas interligando as capitais dos Estados aos Municípios onde essas zonas foram instaladas. Vários órgãos foram criados e são reveladores de uma nova época, a exemplo da Comissão do Vale de São Francisco (CVSF) e da Companhia Hidroelétrica do São Francisco (CHESF), criadas na década de 1940, a posterior criação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) e da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) e os planos de desenvolvimento para o Nordeste e Norte.

Nas décadas de 1950 e 1960, surgiram no país os cursos de nível superior em Administração Pública e Economia, que propiciaram a formação de profissionais especializados, com uma nova visão da administração e da gestão pública, o que promoveu a melhoria nos quadros técnicos do governo, com conseqüência para o desenvolvimento do país.¹¹

Destacamos nesse período o crescimento demográfico de Olinda, com a implantação desses novos conjuntos habitacionais. Em 1950, a cidade contava com 62.435 habitantes e em 1970, passou para 196.152, segundo o censo do IBGE, como vimos no capítulo anterior. Sua população triplicou em apenas três décadas, experimentando um crescimento intenso, algo completamente novo em sua secular história. Olinda passou a contar com novos bairros e, conseqüentemente, nova população.

¹¹ SOARES, 2008.

Já o crescimento do Recife, nesse mesmo período, se fez de forma muito mais rápida, pois em 1950 tinha 788.336 habitantes e em 1970 passou para 1.203.229. Olinda, entretanto, mesmo crescendo com a implantação dos conjuntos habitacionais e seus novos bairros, não mais alcançou o desenvolvimento populacional, nem econômico experimentado pelo Recife, que se transformou em uma grande metrópole regional. A partir do início do século XX, Recife, além de sede do governo do Estado, transformou-se na mais importante metrópole comercial e industrial da região Nordeste. Seu porto teve um importante papel em seu crescimento econômico, como centro exportador e importador de produtos da toda a região.

6.1 OLINDA: CRESCIMENTO E MODERNIZAÇÃO

Como era Olinda antes desses novos bairros? Vamos destacar como estava a cidade, nos anos de 1950, antes, portanto, da construção dos grandes conjuntos habitacionais, que deram origem ao crescimento descrito pelos depoentes.

A seguir, informamos os dados sobre Olinda fornecidos pelo IBGE,¹² relativos à década citada, para que possamos ter um perfil da cidade na época, quando das mudanças mais estruturais:

- Área urbana:	58 km ²
- População:	62.435 habitantes (censo de 1950).
- Atividades econômicas:	Principais indústrias: Fosforita Olinda S/A Fábrica Amorim Costa Ltda Dois estabelecimentos atacadistas e nove varejistas; uma agência bancária
- Aspectos Urbanos:	258 logradouros, 149 pavimentados 459 automóveis Dois cinemas (801 e 820 lugares)
- Assistência Médico-Sanitária:	Hospital Regional Hermano Lundgren (31 leitos) Hospital Tricentenário (36 leitos) Centro de Saúde

¹² MIRANDA, Manuela Buarque. Histórico. In: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. p. 175-183. Fonte dos dados: Agência Municipal de Estatística e Departamento Estadual de Estatística.

- Educação e Ensino: 35 unidades de ensino primário
20 unidades de ensino supletivo
Três unidades de ensino secundário
Um estabelecimento de ensino superior
- Aspectos Culturais: Semanário, jornal *A Voz de Olinda*
Revista (anual) *Anuário de Olinda*
Rádio Emissora: Rádio de Olinda

Como ficou para os olindenses que viveram esta realidade do crescimento de sua cidade? Como eles perceberam estas mudanças? Afinal, era a mesma e velha Olinda ou tratava-se de uma outra cidade? Como seria a vivência em Olinda desta nova população que chegava? Como era nascer, crescer, viver nos bairros novos e periféricos? Haveria também neles as vivências de “orgulho”, “amor” e “apaixonamento” pela cidade, como nos falaram os olindenses no Capítulo 2? Como seria a identidade desta nova população que chegou a Olinda a partir da década de 1950, cujos filhos nasceram e cresceram nessa nova realidade?

Passamos a expor as representações sociais construídas pela memória e narradas pelos depoentes sobre esta nova realidade da cidade, motivada pelo crescimento imobiliário. A narrativa de Ilmar Belo dos Santos,¹³ em suas lembranças, assim descreve o que observou do crescimento da cidade. A depoente relata como se expandiu Olinda e como percebeu as muitas melhorias que a cidade experimentou:

O comércio foi muito ampliado a partir das gestões de Germano Coelho (1976 e 1992). Ele conseguiu incrementar o comércio em Olinda, que já existia nas cidades mais próximas. O comércio atualmente é muito bom, com várias lojas muito boas e com supermercados. E a linha de ônibus melhorou, era muito restrito, só de Olinda para Recife. Este prefeito conseguiu botar linha entre os bairros da cidade, porque tem bairros longe um dos outros. Ficou muito bom. Os bairros cresceram, por exemplo, Peixinhos, era um bairro que só tinha um Matadouro, hoje em dia tem um comércio próprio e com linhas de ônibus. Em Bairro Novo, Jardim Atlântico e Casa Caiada, esses novos bairros foram surgindo, porque a população ia aumentando, e

¹³ Ilmar Belo dos Santos, 62 anos, professora, olindense, filha de tradicional família de Olinda. Atualmente aposentada pela Prefeitura de Olinda. Trabalhou durante 11 anos como professora primária do município e foi presidente e supervisora do MOBREAL - Educação Integrada e de Alfabetização. Foi supervisora do ensino de 1º grau do Município de Olinda e diretora das Escolas Municipais Manuel Borba e Monsenhor Fabrício. Foi também diretora da Divisão de Educação dos Adultos, da Secretaria de Educação de Olinda e trabalhou na Biblioteca Pública Osvaldo Guimarães. Foi durante um ano e meio secretária do diretor de Turismo, na Secretaria de Turismo de Olinda. Sempre residiu em Olinda. Tem filhos e netos, todos olindenses.

iam construindo novas casas e apartamentos. Rio Doce era um bairro que não tinha nada, só caju, manga e veraneio. Era uma casa bem distante da outra. Também foram criadas as faculdades e isso melhorou muito Olinda.

Segundo a narrativa de Adilson de Almeida Vasconcelos, os primeiros conjuntos habitacionais foram os localizados entre Varadouro e Peixinhos:

Construiu-se primeiro a Vila Popular, entre o Varadouro e Peixinhos, que foi o primeiro conjunto habitacional que surgiu em Olinda, destinado a abrigar pessoas de baixa renda. Não sei se foi por influência do Serviço Social Contra o Mocambo (parece-me que criado por Agamenon Magalhães), mas a Vila Popular foi uma verdadeira precursora dos "conjuntos habitacionais" pós 64, embora à época não tivesse essa denominação.

Isto foi veiculado em matéria publicada na imprensa que divulgava a implantação desses primeiros conjuntos habitacionais em Olinda. Trata-se do Projeto MINTER / BIRD / Região Metropolitana do Recife, para a construção de 1.000 unidades residenciais no bairro popular de Peixinhos, em Olinda.¹⁴ O depoimento anterior já aponta para o crescimento vertiginoso que Olinda experimentou a partir dos anos 1950-1970, o que é ilustrado por Adicélia Cristina Nascimento,¹⁵ também depoente da pesquisa, que nos fala do novo bairro, conhecido como COHAB - 7º RO [Ouro Preto]. Neste bairro viveram seus pais, uma das primeiras famílias moradoras da localidade e onde ela reside até hoje. Trata-se de um dos conjuntos implantado em Olinda e que ocupou áreas antes despovoadas do município e próximas ao quartel da 7ª Região de Obuses, onde antes só havia a estrada PE-15, que fazia a ligação de Olinda com o município de Paulista:

Sempre morei no bairro COHAB - 7º RO [Ouro Preto], desde solteira, com a minha mãe. Ela reside aqui mesmo, na Rua F 1, e meu pai, praticamente inaugurou a COHAB; foi um dos seus primeiros moradores. Hoje já é falecido. Quando casei, vim morar aqui. Antigamente a rua era só barro, massapê, ruim para andar. Colégio só

¹⁴ NOVAES, 1990.

¹⁵ Adicélia Cristina Cavalcanti Lobo do Nascimento, 33 anos, olindense, filha de antiga família moradora do bairro COHAB. Acompanhou todo o desenvolvimento do bairro onde cresceu, ao lado dos pais. É casada, tem uma filha. Trabalha como auxiliar administrativo da Prefeitura Municipal de Olinda. Atualmente reside com a sua própria família nesse mesmo bairro.

tinha o Mascarenhas de Moraes. Hoje já têm outros, isso tem melhorado muito. Tem posto de saúde com atendimento à família, que precisa ainda melhorar mais. Não existia praticamente comércio aqui, melhorou muito. Antes não tinha padaria, hoje já tem até sorveteria. A COHAB começou aqui há 33 anos. Olinda é uma cidade que oferece muitas coisas boas; onde eu moro existem coisas próximas. Em 20 minutos pego um ônibus e chego ao centro da cidade de Recife. Quando preciso de alguma coisa que não tem aqui, a gente tem que sair do bairro. Por exemplo, compro roupas no shopping. Abastecimento, a gente tem aqui no mercadinho, que é um preço bem melhor; no bairro mesmo faço as minhas compras. Falta um posto de polícia, mas Olinda é maravilhosa, sua cultura, as praias, suas igrejas. Eu estou feliz por morar em Olinda.

Importante o depoimento de Adicélia, que mostra a facilidade do acesso ao centro do Recife, aonde ela vai em busca de suas compras, quando não encontra em seu bairro. Isso implica que ela tem uma ligação direta por estradas que chegam ao Recife e a seu comércio, sem passar por Olinda antiga. Isso não é motivo para que sua relação com a cidade de Olinda seja diferente, pois ela revela seu amor a esta cidade, usando as expressões “maravilhosa” e “feliz”, que vimos ser usadas pelos depoentes no segundo capítulo, e que revelam os traços identitários dos olindenses e sua ligação e amor à cidade.

Como acompanharam os irmãos e depoentes, Aldo e José Cisneiro Bezerra Cavalcanti, a evolução e a administração da cidade? Por serem idosos e terem sempre vivido em Olinda, revelam essas modificações que a cidade experimentou, principalmente o crescimento, e também descrevem o fenômeno das “invasões”. A seguir, o relato de Aldo Bezerra Cavalcanti, sobre esse período de Olinda, descrevendo-a como uma “cidade dormitório”, pois sua população trabalhava em Recife e não havia miséria nem violência:

Quanto ao aspecto político da cidade, as administrações que foram mais importantes para Olinda, tomando o Varadouro como referência, foi a de Barreto Guimarães [deputado e depois prefeito de Olinda em 1960], que fez a estrada para chegar a Recife, conhecida como o Complexo de Salgadinho. O Comércio daqui do Varadouro desapareceu. Surgiu novo comércio nos bairros, principalmente no Bairro Novo, na Avenida Getúlio Vargas, que era só residencial e se transformou em comercial. O comércio cresceu a partir do surgimento desses novos bairros: Bairro Novo, Casa Caiada, Ouro Preto. Antes em Peixinhos, era tudo mangue. Não tinha estrada, a gente ia para Beberibe a pé. Não tinha transporte, era um areal branco. No Varadouro,

tinha muito comerciante pequeno, a maioria era empregada por aqui. Eu trabalhei em táxi por 12 anos e nunca fui assaltado. Naquele tempo, parte da população de Olinda trabalhava em Recife, aqui era um dormitório. O bairro do Varadouro está melhorando, mas antes não havia a miséria de hoje, era só pobreza, porque as pessoas tinham televisor, geladeira, eram trabalhadores. Houve a invasão, as pessoas chegavam colocavam umas cordas e diziam: isso aqui é meu, fizeram até casas boas aí, tudo invasão [Refere-se às favelas V-8, V-9, V-10, no Varadouro]. Depois foi melhorando, chegou luz, água, cada vereador foi melhorando, ajudando, eram famílias de fora e de Olinda que invadiam, na época do prefeito José Arnaldo (1983).

O depoimento de seu irmão, José Cisneiro Cavalcanti, traz toda uma memória de sua vida no Bairro do Varadouro, no Sítio Histórico, seus costumes e tradições, descreve o dia-a-dia e revela a proximidade entre os antigos moradores, seus vizinhos, suas ocupações e trabalho, antes do crescimento de Olinda. O depoente viu esse bairro se modificar, crescer, mas também viu o surgimento das invasões que se transformaram hoje nas favelas do Sítio Histórico e de seu entorno. Assim ele relembra esse tempo:

Eu trabalhei como motorista em táxi e caminhão, mais de 20 anos. Era diferente. Só podia ter táxi a cidade que tivesse 500.000 habitantes. Aliás, antes era carro de aluguel e depois passou a táxi. Recife passou de 500 mil, 800 mil, um milhão de habitantes. Em 1966 em diante, na década de 70, nesta época, no bairro do Varadouro, não tinha favela nem invasão, era “quadro”, que era onde moravam as lavadeiras, as domésticas, os carregadores de feira. Não tinha posto de gasolina. As lojas eram as mesmas de hoje, só com novos proprietários. A gente vivia pescando caranguejo, tudinho era mangue. Também tinha gente que sobrevivia disso. As famílias vizinhas trabalhavam em pequeno comércio, como oficina de bicicletas, farmácia, barbearia. Eu lembro do Sr. Nestor; ele tinha uma garagem de bicicleta, era o dono. O Sr. Augustinho era o gerente da banca do jogo do Bicho: “O Pivô da Sorte”. Tinha a Farmácia de Alfredo Cunha, embaixo do sobrado onde a gente morava. Tinha o Sr. Rosendo, que era um marceneiro. Tudo era vizinho da gente. Tinha uma barbearia, o Antonio, o Zé e Euclides eram barbeiros. Tinha Martim, que tinha um restaurantezinho ao lado do cinema, um restaurante muito bom. Lauro Alcoforado, que tinha um barzinho de petiscos, o filho dele botou uma sorveteria junto, também não tem mais, tinha ainda a “A Toca do Caranguejo”, de 50 para cá.

As crianças estudavam no Grupo Escolar Duarte Coelho, no Sigismundo Gonçalves ou em D. Glorinha, que tinha uma escolinha particular. As famílias faziam o abastecimento nas vendas de Cornélio Souza e em Silva Barbosa, aqui mesmo. Hoje tudo é em supermercado. As feiras livres eram lá nos Milagres. O meio de transporte da população daqui era o ônibus e depois, a ‘sopa’ [micro ônibus] e a lotação. O bonde terminou na década de 50 ou 60. No Varadouro tudo era mangue. Essas ruas não existiam. O mangue sumiu, foi tudo aterrado. Faziam um pedaço, foi o DNOS, é obra de saneamento. Foi o que fez o Canal da Malária, aterraram tudo.

O depoente nos mostra o que foi se modificando em seu bairro, mas chama atenção para a mudança em relação à moradia da população pobre e a ausência de miséria e violência na região, na época. O Varadouro apresentava um comércio pequeno, mas os empreendimentos eram a fonte de renda dos próprios moradores, como ele descreve. Fala de uma vida calma, em que a população se conhecia e havia muita proximidade entre os vizinhos, que se conheciam pelos nomes, o que é típico de cidades de pequeno porte, como já vimos.

Dayse Maria da Silva Correia, que nasceu em Recife, mas foi para Olinda com um ano e três meses, se considera olindense. É moradora do bairro de Ouro Preto há 27 anos. Bairro do entorno do Sítio Histórico, também foi se formando com os novos conjuntos habitacionais, que foram sendo implantados nessa época na cidade.

Viver em Olinda é muito bom. Eu gosto muito, principalmente pelo lado cultural que a cidade apresenta. Pra mim a cidade de Olinda é a minha casa, onde eu me identifiquei desde pequena, estudei e pra mim morar é lá, é muito gratificante. Estudei lá e tenho o 2º grau completo e fiz Pedagogia na FUNESO, em Olinda, mas não concluí. Acho que houve um grande avanço onde eu moro, em relação às pavimentações de ruas. Quando eu cheguei aqui era tudo de barro e hoje em dia é de asfalto. Hoje já tem um pequeno comércio, antigamente não tinha nada. Tem mais escolas do que quando eu era pequena. Lá a gente se diverte indo para o Sítio Histórico em Olinda, o Alto da Sé, Quatro Cantos, Largo do Amparo, isso se diversifica, ou então lá no Recife Antigo. Os eventos culturais também acontecem no Centro de Convenções. Quando tem shows, a gente vai. Gosto de assistir às apresentações de canto gregoriano no Mosteiro de São Bento em Olinda.

José Ataíde de Melo¹⁶ assim descreve a história da cidade que viu crescer e se modificar. Aprecia a moradia em seus novos bairros, pois é também morador do bairro de Ouro Preto e se sente totalmente integrado a Olinda. Elogia e defende como o melhor bairro da cidade para se morar, por ter excelente clima e vias de acesso muito boas e próximas ao Sítio Histórico, onde desenvolve suas atividades:

Anos 50, Olinda era cidade dormitório. Em agosto de 1940, 400 casas em Olinda foram destruídas. Em 1948 Olinda ainda sofre as ressacas que destruíram ruas inteiras e intervieram nas praias e o veraneio acabou! Surge o Loteamento do Bairro Novo. Antes o bonde só chegava até a Praça 12 de Março. A elite antes morava na Cidade Alta e vai se transferindo para os novos bairros. Olinda era antes a cidade alta, abastecimento na Ribeira, comércio no Varadouro e Quatro Cantos.

Na parte antiga foi ficando a população pobre, que não tinha rendas para manter as casas. Foi a decadência de Olinda com as ressacas e o empobrecimento da população da cidade alta. A expansão se deu com o BNH e o surgimento de grandes conjuntos habitacionais. Isso não significou em melhorias, porque a cidade tem que dar a infraestrutura, os serviços, mas é pouca a receita. Para a moradia em Olinda, se diz que o melhor bairro é o de Casa Caiada. Não concordo, a melhor moradia é Ouro Preto, ótimo clima e muito próximo. Já o Rio Doce é violento.

Interessante destacar o que o depoente acima nos apresenta, a partir do bairro de Ouro Preto em que mora, revelando que é o melhor bairro de Olinda. Já Dayse Maria da Silva Correia acima fala de sua convivência com as duas cidades, Olinda e Recife, principalmente com relação à facilidade de usufruir, em termos culturais e de lazer, do que elas têm a oferecer. Mostra-se explicitamente integrada a seu bairro e à cidade de Olinda, uma vez que se apresenta como olindense, identificada a esta cidade “gratificante”. A chama de “minha casa”, como se Olinda fosse parte de si mesma.

Lembramos que a casa é uma projeção e representa simbolicamente o próprio corpo do sujeito, e é assim, com essa particularidade, que ela fala de sua cidade, tamanha a sua intimidade com a mesma, como sua propriedade e posse, sendo ela sua dona, como é de sua

¹⁶ José Ataíde de Melo, nascido em Olinda, na Rua do Sol, há 66 anos, filho de pai paraibano, voltou para a Paraíba e retornou a Olinda com 10 anos. Estudou no Colégio Agrícola e viveu na Ilha do Maroim até os anos 90. Segundo ele, é a primeira favela de Pernambuco e sua casa era a única de alvenaria do local. Trabalhou na Prefeitura, desde os 23 anos, em várias funções, inclusive como guarda municipal. Hoje é escritor, jornalista aposentado, folclorista e intelectual, autor de livro sobre o carnaval de Olinda e um dos maiores especialistas sobre o tema. Estudou música, é compositor, estudioso do carnaval e das manifestações populares de Olinda.

casa. Traços fortes de sua identificação a sua cidade. Olinda é como uma continuação de seu próprio corpo, portanto, imaginária e amorosamente, faz parte do próprio sujeito.

A relação de Rosa Maria Assis dos Santos com Olinda é significativa, pois é moradora de Tabajara, um dos novos bairros que cresceu com os grandes loteamentos. A depoente nos traz sua visão da cidade e seus traços identificatórios com a urbe:

Moro em Tabajara há 18 anos. É um bairro no sentido norte. Olinda é maravilhosa, pois, realmente, tem tudo o que eu quero. É uma cidade que me faz ter várias idéias, ela é bem mágica. Ela ter sido colonizada pelos portugueses, e eu amar essa terra... ela tem praias, tem rios que, infelizmente, hoje não são bons para banho, tem montanhas, um verde maravilhoso. Ela tem a mata de passarinhos, que é realmente fantástica! Tudo isso favorece para cada vez mais eu gostar dela. A Mata de Passarinho hoje já não é tão grande, mas ainda é muito vasta, só podemos andar nela com um guia. Tem uma floresta bastante rica. Os estudantes olindenses visitam em excursões. Eu me sinto orgulhosa de morar em Olinda, pois passei toda a minha infância aqui. Então as recordações são muito boas. Ainda tem esse ar puro. Olinda representa muita coisa boa.

Seu depoimento revela os mesmos traços mostrados pelos olindenses no Capítulo 2, no qual aparecem os mesmos significantes — “orgulho”, “maravilhosa” — em relação à cidade e acrescenta o significante “mágica”, pois a cidade, em seu imaginário, chega a estimular suas idéias e criatividade. Portanto, o fato de ser moradora desses novos bairros não modificou sua identificação e o amor em relação à Olinda. Ela, no entanto, aponta os aspectos negativos e as perdas que a cidade vem vivenciando em relação aos aspectos ecológicos.

Olinda cresceu e junto a seu crescimento imobiliário, com a chegada de muitos moradores para seus novos bairros, transformou-se em uma nova cidade. Esta transformação, entretanto, exigiu planejamento, para que pudesse ser mais bem administrada.

Em março de 1973, Olinda ganhou seu Plano Diretor, chamado Plano Desenvolvimento Local Integrado de Olinda (PDLI), foi o primeiro a ser elaborado no município e este fato foi anunciado pela imprensa de Recife.¹⁷ O Plano analisava a situação da cidade e a tendência do desenvolvimento urbano de Olinda. Foi um trabalho feito em conjunto com a assessoria da Sociedade Civil de Planejamento Ltda. (SOCIPLAN) e o Serviço Federal

¹⁷ Ver: *Jornal do Commercio*, Recife, p. 1, 11 mar. 1973, onde, em manchete, é anunciada a conclusão, pela Prefeitura, do Plano Diretor da Cidade de Olinda - o PDLI.

de Habitação e Urbanismo (SERFHAU), órgão do governo federal ligado ao então Ministério do Interior, voltado à política de desenvolvimento urbano do país.¹⁸

Começava a se traçar uma política de desenvolvimento e de planejamento urbano para a cidade de Olinda. No Plano constava: análise da situação e tendências do desenvolvimento, diagnóstico e prognóstico, diretrizes para o desenvolvimento da cidade, programas setoriais, plano de ação do governo municipal, orçamentos plurianuais de investimentos, legislações básicas e urbanísticas. Numa segunda etapa, houve sua implantação pela administração da cidade, com reformas administrativa e financeira. Foi um amplo estudo de base e de planejamento, que serviu como matriz para todos os outros Planos Diretores que a cidade veio a ter, até o presente momento.¹⁹

O Plano de Desenvolvimento foi elaborado de forma sistêmica, permitindo o controle de sua execução e sua adequação às eventuais modificações futuras. Nele constava o levantamento dos recursos financeiros, como também indicações do uso e da natureza do solo, o zoneamento do sítio histórico e dos bairros, os estudos dos mangues, morros e rios. Contemplava ainda a sistematização dos serviços públicos prestados à população pela prefeitura, bem como informações sobre as redes de comércio e indústrias do município. Foi o primeiro estudo amplo e abrangente sobre a cidade, visando não só a necessidade de sua preservação, mas também estudos de sua infra-estrutura como o tráfego, as construções e abairramentos da cidade.

Com a intenção de planejar obras públicas no âmbito municipal e coordenar as ações dos órgãos nelas envolvidos, foi criada em Olinda, pela Lei Municipal nº. 4.062, de 1978, a Empresa de Urbanização e Desenvolvimento Integrado de Olinda (URB), sendo sua atuação muito importante para a cidade na área de urbanização e preservação do Sítio Histórico.²⁰

Passamos às memórias dessa época, com o depoimento do ex-prefeito de Olinda, cidade onde iniciou sua vida política e esteve à frente da Prefeitura por duas gestões, que se iniciaram nos anos de 1959 e 1972, respectivamente. Foi responsável pela implantação do primeiro Plano Diretor da Cidade — o Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Olinda (PDLI) —

¹⁸ PREFEITURA MUNICIPAL DE OLINDA. Sociedade Civil de Planejamento. Ltda. (SOCIPLAN). Serviço Federal de Habitação e Urbanismo (SERFHAU). *Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Olinda*. Olinda, 1973. v. 1-8.

PREFEITURA MUNICIPAL DE OLINDA. *Atas do Conselho de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda*. Olinda, 1983. v. 1, p. III.

¹⁹ Idem, 1973

²⁰ Idem, 1983.

trabalho iniciado por seu antecessor, prefeito Eudes Costa, interventor da cidade na época da ditadura militar, que iniciou sua gestão em 1969. Segundo Ubiratan de Castro e Silva:²¹

Olinda nunca tinha tido nada de planejamento, nunca tinha tido nada de estudos, isto foi um trabalho que eu já encontrei do Interventor Eudes Costa. Ele tinha começado este trabalho, através de uma equipe que tinha contratado, e estava com este plano em elaboração e começando a trabalhar nele. Quando eu cheguei, fui procurado pelos técnicos. Nesta época já havia a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE, que não ajudou em nada, mas o Plano de Desenvolvimento Local Integrado foi criado através da CIPLAN, empresa que executou o trabalho. Eu peguei este PDLI, juntei tudo e o executei, transformei toda a Prefeitura, sua organização, principalmente a parte administrativa.

Importante acompanhar a gestão do prefeito Ubiratan de Castro, por que foi justamente quando teve início em Olinda o crescimento imobiliário e foram implantados os Planos Diretores que deram às administrações da cidade um caráter mais técnico, planejado e moderno nas gestões administrativas que lhe seguiram até hoje. Assim o ex-prefeito descreve sua gestão frente à cidade:

Fiz uma reforma administrativa geral. A Secretaria de Administração, a de Finanças, todas com uma nova estrutura. Criou-se uma nova prefeitura moderna. Foi o primeiro trabalho feito no Norte e Nordeste, não sei se da Bahia pra cima foi feito. Aqui foi o primeiro trabalho existente. Implantei, cada uma com suas diretrizes de trabalho. Eu fui mudando, saí e deixei a prefeitura pronta. O prefeito que me seguiu, o Arêdo Sodré da Mota, engavetou o Plano e ele ficou guardado. Depois o prefeito Germano Coelho encomendou um plano, e foi o mesmo plano de Ubiratan de Castro, não mudaram nada, só mudaram a nomenclatura. Germano começa a trabalhar com o plano, eu era um assessor dele na Câmara, e era vereador na época. Eu ia, orientava. Minha vida se resume assim como administrador. A cidade neste período melhorou, a cidade vai

²¹ Ubiratan de Castro e Silva, olindense, 83 anos, ex-prefeito de Olinda em duas gestões. Eleito em 1959, retornou em 1972. Importante figura do cenário político da cidade. Atualmente reside na cidade de Olinda, no Bairro Novo, e está preparando um livro com suas memórias, e gentilmente nos cedeu cópias. A sua esposa, D. Carmem, também auxiliou o marido nas lembranças dos fatos. Assim ele se apresentou para dar esses depoimentos. “Primeiro que tudo, eu devo fazer a minha apresentação política: a minha vivência e o envolvimento que tive com a cidade. Nasci e me criei na cidade alta, filho de família pobre, que nunca deu valor à política, e eu ingressei nela por querer dirigir uma cidade que meu pai não dava muito valor. Então eu saí, entrei na política e passei a ser um autêntico administrador.”

melhorando cada vez mais. Os bairros, os Bultrins eles já existiam, eles foram crescendo e se desenvolvendo. Já existia o BNH, que emprestava dinheiro, financiava projetos das prefeituras.

A despeito da afirmação de Ubiratan de Castro em relação à execução do PDLI, o jornal *Diário de Pernambuco*²² informou que o Plano teve continuidade dada pelo prefeito Arêdo Sodré Motta, o que revela que foi também seqüenciado em outra gestão. Ubiratan de Castro relata ainda que, durante sua administração, o crescimento imobiliário em Olinda foi muito grande; praticamente surgiu outra Olinda dentro da velha cidade, em torno do Sítio Histórico. Eis seu depoimento a respeito:

Eu fui prefeito e fiz 4.500 casas só em Ouro Preto, em Olinda. Dr. Eraldo Gueiros, ex-governador de Pernambuco, chegou, botou a mão em meu ombro e disse: “veja, prefeito: Olinda com uma cidade nova dentro de casa” eu disse: “Governador, está tudo bom agora mas quem vai manter os serviços? Infra-estrutura, limpeza, urbanismo, tudo. Olinda não tem condições de sustentar”. Estas expansões urbanas de Olinda, notadamente por conta dos conjuntos habitacionais novos, muitas casas, levar iluminação pública, saneamento, levar transporte, levar serviço de saúde, de repente chegam 4.500 casas e a infra-estrutura? A prefeitura tinha aperto financeiro para fazer com recursos próprios. Ela não tinha esse potencial, eu pedi ajuda ao governo federal, ao governo estadual e recebi e assim fui levando. Em Olinda neste período houve grandes mudanças que aconteceram na cidade, porque antes tinha 50.000 habitantes. Eu acompanhei, melhorou a qualidade de vida, a cidade vai melhorando cada vez mais. Eu não tenho dúvidas, a cidade melhorou. Os bairros que já existiam, foram crescendo, se desenvolvendo. Dirigir uma cidade na época com 50 mil habitantes, e demonstrar ao meu pai e à minha mãe, que a vida pública é também um sacerdócio para qualquer pessoa. Se eu dediquei a minha vida pública em defesa dos olindenses, é uma prova eloqüente de que eu tinha muita vontade de fazer algo em benefício do povo de Olinda”.

²² Matéria publicada no *Diário de Pernambuco* divulga que o PDLI foi também executado pelo prefeito que sucedeu a Ubiratan de Castro, conforme destaca sua manchete: PLANO de Desenvolvimento Local Integrado executado pelo prefeito Arêdo Sodré Motta. *Diário de Pernambuco*, Recife, p. 3, 3 abr. 1974.

Outros projetos foram realizados e divulgados pela imprensa local. Matéria do *Jornal do Comércio* destacou a implantação do Projeto Federal de Complementação de Recuperação Acelerada (CURA), em convênio com o BNH. A área do projeto abrangia 754 hectares e englobava o istmo, Salgadinho, Sítio Histórico, Bairro Novo, Casa Caiada e o Jardim Atlântico. O Projeto visava o desenvolvimento econômico e social da região, a implementação da infra-estrutura e dos equipamentos urbanos e a revitalização dos monumentos da cidade, com verbas da prefeitura e do BNH. O projeto CURA foi aprovado por unanimidade no Senado. A imprensa noticiou ainda: “Câmara aprova projeto CURA que visa tornar Olinda economicamente viável” e tem aprovação unânime do Senado.²³ A Fundação Centro de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda, criada pelo Decreto 018/1980, também recuperou o antigo Sítio, com recursos do Projeto CURA.

Sem sombra de dúvidas, era uma época em que os governos federal, estadual e municipal iniciaram um processo de preservação do patrimônio com uma preocupação mais técnica com o planejamento e a gestão pública. Na seqüência, damos a conhecer o que a memória de Alexandre Alves Dias registrou sobre o crescimento de Olinda nesta época, já que viveu na cidade no período de sua evolução urbana e modernização, com o aparecimento de novos bairros e a ampliação do sistema viário:

Uma parte dessa nova cidade eu vi surgir; foi assim que Casa Caiada começou a crescer. Eu me lembro do antigo terminal do ônibus e enorme terreno só de coqueiros. Entre 1974-78. Nessa área foram construídos muitos prédios no Jardim Atlântico. Papai comprou um terreno lá e tudo tinha sido desmatado. Também fizeram nos Bultrins, no Jardim Frágoso, tudo sumiu. Arrancavam as matas de caju, e iam demarcando os novos lotes. Isso nos anos 70. Não vai se saber mais o que é Jaboatão dos Guararapes, nem o que é Itamaracá. Os urbanistas chamam de conurbação. Com o fenômeno do surgimento dos espigões, [prédios altos] começa a cidade a se verticalizar, em ruas estreitas que não suportam esse tráfego. No Recife, no Espinheiro, onde antes havia um belíssimo casarão, hoje tem um prédio de 10-20-30 andares. Estes problemas do crescimento desenfreado é um impulso descontrolado e mal planejado e está acontecendo também em Olinda. Lá de cima, nas colinas da Sé,

²³ Matéria veiculada no *Jornal do Comércio*, de Recife, em 26/03/1977, destaca a implantação do Projeto Federal de Complementação de Recuperação Acelerada (CURA), em Olinda, PE. O *Diário de Pernambuco*, em sua edição de 29/09/77, destaca: “Câmara aprova projeto CURA que visa tornar Olinda economicamente viável”. O mesmo jornal, em março de 1978, em manchete anuncia: “Projeto CURA que beneficia Olinda, tem aprovação unânime do Senado”. O *Jornal do Comércio*, de 29 de janeiro de 1983, anuncia a recuperação do Sítio Histórico pelo projeto CURA.

dá para se ver um prédio enorme que foi construído no Bairro Novo ou em Casa Caiada. Antigamente não havia esta idéia de preservação e construíram a caixa d'água no alto da Sé, que é hoje um marco da arquitetura moderna, pela utilização do combogó, e já está integrada à paisagem. A idéia da cidade que você quer conservar, que ganhou o título de Patrimônio da Humanidade pela UNESCO, está cada vez mais “capengando”, o que tenho visto cada vez mais são coisas negativas e mais destruição e mais perdas.

São mudanças muito grandes, em relativamente pouco tempo, as que o depoente aponta. É interessante observar as notícias que a imprensa publicava a respeito.²⁴ A matéria trazia a maquete do novo conjunto residencial em Olinda e mostrava as transformações na cidade, revelando, assim, a idéia de modernidade. Tratava-se de um novo tempo, em que surgiram em Olinda, principalmente na orla marítima, prédios de apartamentos a beira-mar, como os da Fotografia 63, no início deste capítulo, de arquitetura contemporânea, completamente diferentes dos velhos casarios da parte alta e antiga da cidade. Era a verticalização em sua orla marítima, de que nos fala Alexandre Alves Dias, em seu depoimento.

A cidade se transformou, cresceu. Em sua nova estrutura possui bairros que se integram aos municípios vizinhos de Paulista e Recife e sua população pode se deslocar para essa cidade sem passar pelo Sítio Histórico de Olinda. Esse crescimento trouxe uma particularidade: é, ao mesmo tempo, a velha e histórica Olinda, com seu casario colonial, e uma Olinda nova, com construções modernas e contemporâneas, semelhantes aos outros bairros do Recife e com um considerável aumento populacional.

Por ter vivido este crescimento, Olinda hoje dispõe de casas de estilos os mais variados possíveis, desde os velhos casarões coloniais até construções modernas e contemporâneas. Sobre esta questão André Pina²⁵ comenta:

O Sítio Histórico de Olinda possui casas de todos os estilos e épocas, também encontramos as casas contemporâneas, construídas a partir dos anos 1940, principalmente no trecho do Carmo ao Varadouro [...] As casas tradicionais de

²⁴ O jornal *Diário de Pernambuco*, em sua edição de 24/03/68, p. 6, trazia a seguinte manchete: “Velha paisagem de Olinda é substituída por novos e modernos edifícios”, já chamando a atenção dos leitores para as mudanças na fisionomia da cidade e o seu crescimento: “Um trabalho de edificação que se caracteriza pela participação de todos e de tudo. Povo, governo e Igreja, ativamente juntos nessa empresa, que tem como axioma: ‘Casa para o povo.’” Encontramos ainda a nota anunciando o surgimento de um dos maiores conjuntos habitacionais de Olinda, a Vila da COHAB, no bairro de Rio Doce. O *Jornal do Comércio*, de Recife, em 6/4/1977, p.10, anunciava: “Rangel inaugura a Vila da COHAB do Rio Doce” — conjunto habitacional e um dos primeiros de grandes dimensões a se instalar em Olinda.

²⁵ A situação atual do casario olindense é detalhada em PINA, 2006, p. 83-85.

Olinda são as casas térreas e os sobrados de dois pavimentos. Normalmente são conjugados e quando tem quintal, no lado possui um terraço coberto em toda extensão da fachada lateral [...] Quanto aos estilos tradicionais existentes na cidade, além do colonial encontramos as casas neoclássicas, as ecléticas e os chalés.

Para dar conta dos efeitos desse crescimento, Olinda recebeu um novo Plano Diretor, em 1997, já na gestão da prefeita Jacilda Urquiza, organizado com o apoio de diversos órgãos, incluindo a Universidade Federal de Pernambuco, por seu Mestrado de Desenvolvimento Urbano, o Centro de Pesquisa Josué de Castro e demais órgãos do Estado: Companhia Energética de Pernambuco (CELPE); Telecomunicações de Pernambuco (TELPE); Companhia Pernambucana de Saneamento (COMPESA), Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco (CONDEPE/FIDEM), Companhia Habitacional de Pernambuco (COHAB/PE), Correios e Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE/Olinda).

A este plano sucederam-se os estudos coordenados pelo Grupo de Trabalho do Plano Diretor da Prefeitura Municipal de Olinda, sob a coordenação da atual prefeita Luciana Santos, cuja administração foi iniciada em 2001. Em sua apresentação, destacou-se sua linha básica: “Construindo um querer coletivo: O processo de Elaboração do Plano Diretor”. Como o anterior, este novo Plano Diretor trouxe o histórico da evolução urbana, descreveu as características físicas da cidade e fez o diagnóstico do município, apresentando posteriormente as propostas preliminares de um esquema de diretrizes e um plano de governabilidade. Em seqüência, Olinda viu uma série de Projetos e estudos que geraram o atual Plano Diretor, criado pela Lei Complementar nº. 26/2004, de 10 de janeiro de 2004, em vigor. Consta em seu texto:

O desenvolvimento urbano de Olinda vai ganhar um instrumento de planejamento capaz de direcionar o crescimento da cidade e ordenar as novas construções a partir de um enfoque mais social. Esse instrumento é o novo Plano Diretor, que estabelece algumas normas para a construção de edifícios e cria mecanismos de estímulo à ocupação de áreas hoje ainda pouco exploradas.²⁶

Nesta passagem, podemos perceber a intenção de ordenar as edificações na cidade. A despeito de defender a existência de áreas ainda desocupadas, o texto mostra como a ocupação de grandes áreas de Olinda foram acontecendo em pouco espaço de tempo e como a cidade sofreu com as questões relacionadas à falta de oferta da infra-estrutura. Neste sentido, ratifica o que foi revelado pelos depoentes e pela imprensa.

²⁶ OLINDA Patrimônio da Humanidade. Prefeitura Popular. Secretaria de Planejamento, Transporte e Meio Ambiente. *Plano Diretor*. Disponível em: <http://portalolinda.interjornal.com.br/planejamento_meio_ambiente_planodiretor.shtml> Acesso em: 13 fev. 2008. p. 1.

6.2 OLINDA E A NOVA ORGANIZAÇÃO TERRITORIAL

Olinda se expandiu muito nas áreas fora do perímetro do Sítio Histórico. Vejamos como foram enfrentadas as questões do sistema viário da cidade. Em 1956 foi publicada matéria de Barreto Guimarães, sobre a ampliação do sistema viário da cidade.²⁷ Tratava-se da avenida cujo trecho partia da Fábrica da Tacaruna e daria acesso aos centros industriais de Paulista e Goiana. A matéria anunciava ainda que foram desapropriados terrenos entre a estrada de Paulista e o Quartel da 7ª R.O. para este fim.

Em 1974 foi criado o chamado “Complexo Viário de Salgadinho”, com interligação entre a Av. Agamenon Magalhães, a Av. Cruz Cabugá em Recife e a Av. Kennedy em Olinda. Esta obra resultou de planejamento conjunto do governo de Pernambuco, por seu Departamento de Estradas de Rodagem (DER) e da Prefeitura de Olinda. A nova expansão da cidade se deu acompanhando o desenho de sua orla litorânea ao norte, ainda desocupada, em direção às praias do Bairro Novo, Casa Caiada, Rio Doce, e para o interior, quando se expandiu no sentido das margens do Rio Beberibe, em direção às estradas de Goiana e de São Benedito, seguindo do Varadouro até Peixinhos. Segundo registro de Duarte:²⁸

Complexo de Salgadinho: instalação e funcionamento. Ele foi construído em duas etapas, a primeira que liga a Av. Cruz Cabugá em Recife ao Varadouro, interligada à Avenida Agamenon Magalhães, importante via de acesso entre as duas. A segunda etapa, a Construção da Avenida Kennedy – 7ª R.O, que articula a Avenida Joaquim Nabuco em frente à Vila COHAB, ao bairro de São Benedito.

Para a concretização muito contribuiu a ação do então Vice-Governador do Estado de Pernambuco, Barreto Guimarães, morador e admirador de Olinda, da qual foi prefeito de 1959-1963, se constituindo na mais positiva realização do Governo Eraldo Gueiros Leite.

Foi construída também uma via paralela à orla, para fazer a ligação do Bairro do Carmo ao Bairro Novo, pois a estreita Rua do Sol não era suficiente para dar conta do escoamento do intenso tráfego da região. Olinda apresentou grande crescimento populacional, e a cidade se expandiu para além de seu centro histórico, mas tem suas especificidades como cidade: “Guarda características peculiares como a dualidade íntima do antigo e do moderno,

²⁷ Em 1973, o *Jornal do Commercio* de Recife, anunciava, em sua edição de 22/11: “Complexo de Salgadinho tem entrega prevista para o 1º Semestre de 1974 pelo Governador.” A construção do Complexo Viário de Salgadinho foi um importante marco nas comunicações entre as duas cidades: Olinda e Recife. Foi inaugurado pelo Governador de Pernambuco, Eraldo Gueiros Leite, em 28/12/75. Matéria de Barreto Guimarães sobre a ampliação do sistema viário da cidade com uma nova avenida foi publicada no *Diário da Noite*, Recife, em 18/09/1976: “O governador Etelvino Lins prometia a inauguração da nova Avenida Olinda, nos festejos do Tricentenário da Restauração Pernambucana.”

²⁸ DUARTE, 1976, p. 77.

representadas pela Cidade Alta dos sobrados e igrejas e as praias com modernos blocos de apartamentos, e as casas individuais desde as populares até as mais sofisticadas edificações.”²⁹

Com a construção do Eixo de Integração viário estadual, a estrada que sai de Beberibe, cortando a Estrada Estadual PE-15, entre Olinda e Paulista, facilitou o acesso ao litoral de Olinda e aproximou mais as duas cidades. A construção da Avenida Presidente Kennedy também deu um grande impulso ao crescimento de Olinda. Esta e a Avenida Carlos de Lima Cavalcanti, paralela à orla marítima, em muito melhoraram o tráfego da região.

Outra obra viária importante, que atendeu a uma velha reivindicação dos moradores, foi a criação do acesso às praias do litoral norte, com a Avenida Beira Mar, que inicia na Praça do Carmo e chega até o Bairro Novo. Foi concretizada na administração do Prefeito Germano Coelho (1976-1992).³⁰

Destacamos agora outros registros de como foram vividos pelos olindenses estas grandes transformações porque passou a cidade de Olinda, o surgimento de novos bairros, das novas avenidas, e o que ficou disso na memória de seus moradores, quais as lembranças e representações sociais que construíram a respeito. Sandra Maria Maia Silva viu a cidade crescer e aponta suas especificidades e suas carências:

Eu vou falar de algumas coisas que são todas recentes. A cidade se expandiu e eu acho que a chegada das novas faculdades valorizou mais Olinda. A cidade precisa se expandir mais ainda, mesmo porque só temos faculdade aqui particular e a nossa população é carente, tanto é que existe na periferia aquela população toda. Olinda ainda é muito carente. Mas isso contribuiu, como aconteceu agora, com o comércio que está crescendo.

André Renato Pina Moreira chama atenção para a evolução da cidade e o surgimento do Bairro Novo, o primeiro de uma série de novas moradias para a classe média olindense:

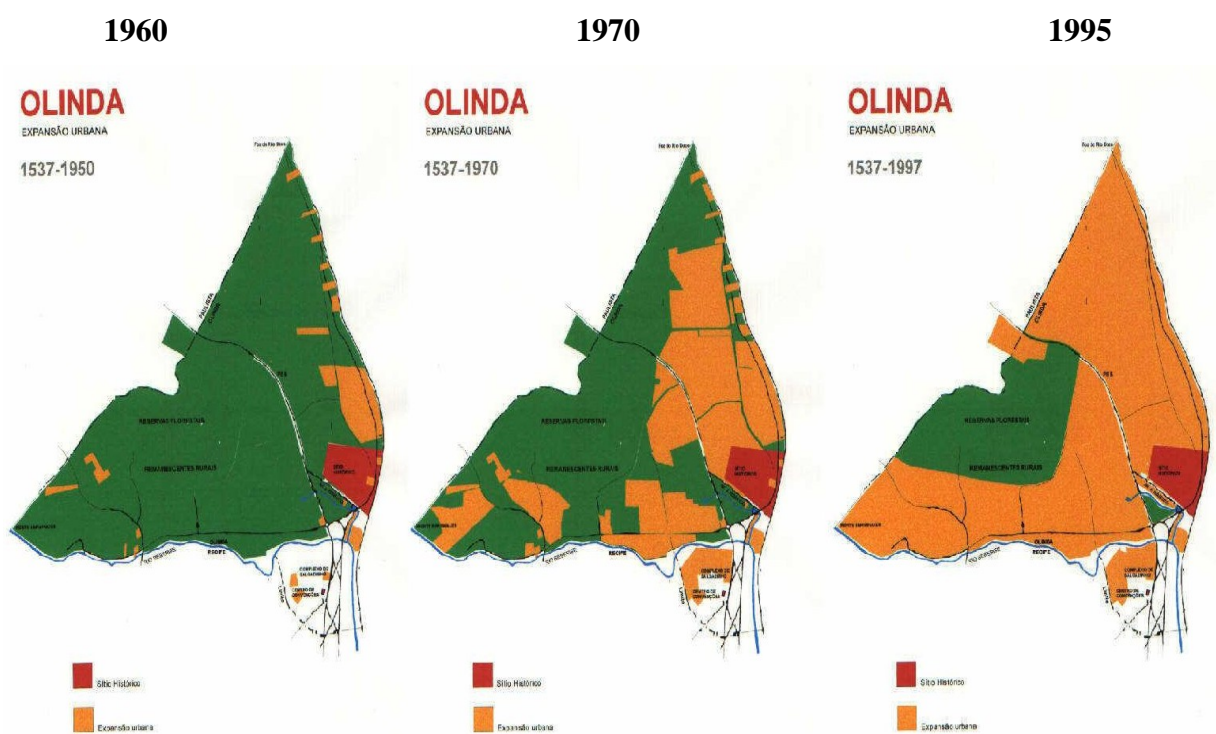
Eu nasci no Recife, porque naquela época não existiam maternidades aqui, mas vim da maternidade para Olinda. Moro numa localidade chamada Umarama e estudei aqui na cidade [Olinda]. Vivenciei Olinda, nestes momentos, desde a decadência e o ostracismo que ela tinha nas décadas de 50 e 60 até esta nova vida que ela passou a

²⁹ NOVAES, 1990, p. 35.

³⁰ O jornal *Diário da Noite* de 01/07/1974 informou em manchete a continuidade das obras da Av. Beira Mar: “Olinda vai prosseguir abertura da Av. Beira Mar”. O *Diário Oficial do Estado de Pernambuco*, em 30/09/82, publicou que o governo estadual concedeu CR\$ 23,5 milhões [cruzeiros], para obras do sistema viário de Olinda.

ter com esse novo interesse, dentro do Sítio Histórico da cidade. E vi também crescer a nova cidade. Eu vi o Bairro Novo ser construído e a evolução da cidade. Ela só tinha praticamente o centro histórico e algumas coisas espalhadas, e de repente a cidade começou a crescer. A ocupação da área norte da cidade, as chácaras, e nos anos quarenta e cinquenta, com os novos loteamentos, a cidade cresceu para o interior. Surge o que é hoje a Av. Kennedy.

As plantas de Olinda, apresentadas a seguir, revelam o crescimento urbano e a ocupação territorial de Olinda e ilustram o vertiginoso crescimento da cidade, notadamente entre os anos 1960-1990, quando surgiram os primeiros conjuntos habitacionais. É possível observar, no Mapa 4, a direção em que a cidade cresceu e como foram sendo ocupados seus espaços, tanto em direção a sua zona rural como no sentido norte, em direção a sua orla marítima:



Mapa 4 – Olinda em 1960, 1970 e 1995³¹

³¹ Esses mapas revelam o crescimento populacional e a ocupação de Olinda entre 1960 e 1995. É possível perceber que toda a área verde da cidade foi desaparecendo e hoje está restrita a sua zona rural. No período em foco, o território de Olinda foi praticamente todo ocupado pelos novos bairros. Fonte: Prefeitura Municipal de Olinda/SEPLAMA/DIM, 2006.

O início da expansão urbana de Olinda foi se dando inicialmente na parte alta, com os principais logradouros em torno desta região. O Mapa 4 permite a visualização da ocupação da faixa litorânea, em que a região das praias já começava a ser ocupada, inicialmente com a implantação do Bairro Novo. A região rural, entretanto, permanecia ainda desabitada. Os traçados das ruas onde foi se dando a ocupação territorial, com a chegada dos conjuntos habitacionais, deram outra fisionomia à cidade. O Bairro Novo foi um marco dessa ampliação, representou uma novidade e para lá se mudaram os moradores da antiga Olinda, porque representava uma melhoria de *status* para a classe média. Era uma zona residencial “nobre”, com casas de padrão arquitetônico moderno, diferentes das antigas casas coloniais conjugadas do Sítio Histórico, que foram sendo ocupadas pela população de poder aquisitivo mais baixo e com mais dificuldades de manter as antigas casas.

O Bairro Novo foi o primeiro de uma série de bairros na orla marítima de Olinda, que tornou a região norte da cidade mais valorizada, seguida pelos bairros de Jardim Atlântico e Casa Caiada. É importante observar a área ocupada pelo antigo Sítio Histórico, que permaneceu como era antes, desde o período colonial, e as novas áreas ocupadas pelos novos bairros, em todo o seu entorno. Nos mapas acima, podemos ver a ocupação de Olinda e as novas vias de acesso que foram sendo construídas e que unem as duas cidades e seus bairros novos. Não obstante mais reduzida, a cidade ainda permanece com sua zona rural. Nela estão estabelecidas atividades agrícolas de subsistência, como granjas, chácaras, sítios e pequenas propriedades com criação de animais em pequena escala.

Vejamos, em detalhes, como permanece hoje seu Sítio Histórico, região mais importante da cidade e que lhe dá sua identidade, como uma das mais importantes cidades históricas do país, pois se trata da região onde o primeiro núcleo urbano foi fundado.

6.3 SÍTIO HISTÓRICO: DEMARCAÇÃO, LEGISLAÇÃO E PRESERVAÇÃO

Em destaque também o Sítio Histórico de Olinda, que ocupa uma área de 1,20 km², inserido num polígono de preservação de 10,4 km². Esta área de núcleo urbano histórico é especialmente residencial, cultural e de lazer. É a parte mais antiga da cidade, onde estão seus principais monumentos. Nele se desenvolvem atividades comerciais varejistas de âmbito local e voltadas para atendimento turístico, prestação de serviços, inclusive de hotelaria (pousadas e pequenos hotéis) e restaurantes. Concentra ainda toda a administração municipal.

O Sítio Histórico tem mais de 300 imóveis tombados. Cerca de 80 artistas plásticos exercem suas atividades em mais de 50 ateliês de artes plásticas, lojas de artesanato, espaços culturais, museus, igrejas, mosteiros e conventos. Do total dos imóveis 88% são residenciais e destes 80% pertencem a seus proprietários. Já 96% são de uso unifamiliar, 61% dos moradores têm renda mensal de três salários mínimos e 56% de sua população tem até 30 anos.³²

Olinda, como uma das cidades mais antigas do país, mantém um importante acervo monumental do período colonial em seu centro histórico. Ao lado de outras cidades históricas brasileiras, como é o caso de Igarassu em Pernambuco, Ouro Preto e Diamantina em Minas Gerais e Cachoeira na Bahia, para citar apenas algumas, guarda em suas construções as marcas da história de nosso país.

Olinda teve seu tombamento determinado pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN), em 1968, antigo Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), criado desde 1937, com a finalidade de promover o tombamento e a conservação dos monumentos nacionais. O controle do patrimônio cultural do Sítio Histórico de Olinda, entretanto, foi determinado, na esfera federal, pela Rerratificação da Notificação nº. 1.155/79, que compatibilizou as duas legislações a respeito, a federal e a municipal.³³ Isto foi estabelecido pela Lei nº. 4.119/79, que criou o Sistema Municipal de Preservação, composto pelo Conselho de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda, pelo Instituto do Tombamento Municipal, pelo Fundo de Preservação e pela Fundação Centro de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda. A Fundação Centro de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda foi autorizada pela Lei nº. 4119/79 e criada pelo Decreto 018 de 1980. Foi extinta e substituída em suas atribuições pela Secretaria do Patrimônio, Ciência, Cultura e Turismo, órgão da Prefeitura do Município de Olinda (SEPACCTUR). A Lei municipal nº. 4.849/92 determinou o zoneamento do Sítio Histórico para efeitos de normas urbanísticas e definições de uso e atividades e é a que está em vigor.³⁴

Nos anos de 1980, ao ter sido elevada à categoria de monumento nacional, o que trouxe como fruto maior visibilidade para a cidade, que já contava, desde 1937, com sua área tombada e delimitada como Sítio Histórico, Olinda foi dividida em zonas, como vimos no Mapa 5, neste capítulo. A Zona Especial de Paisagística (ZEPC1) corresponde ao núcleo urbano primitivo da cidade, compreendendo as edificações e os espaços verdes, na parte antiga da cidade e em seu entorno imediato.

³² PREFEITURA MUNICIPAL DE OLINDA. Secretaria de Patrimônio Ciência, Cultura e Turismo. *Pagus*. Olinda, 2006b. 1 CD.

³³ Rerratificação da Notificação 1.155/79, aprovada em 18/11/1985, do SPHAN.

³⁴ PINA, 2006.

A partir de abril de 2005, o controle do uso do solo na área do Sítio Histórico de Olinda foi exercido pela Diretoria de Controle Urbano e Ambiental da Secretaria de Planejamento, Transportes e Meio Ambiente (SEPLAMA), por decisão da prefeitura de Olinda. Por ser uma cidade histórica, seu Sítio Histórico deve ser cuidadosamente preservado. Olinda já recebeu importantes títulos como cidade histórica. Foi elevada a Monumento Nacional em 1980, resultante do Projeto de Lei nº. 1.440, do Deputado Fernando Coelho, publicada no Diário Oficial da União em 27/11/80, retificada em 28 de novembro do mesmo ano. Foi assinado pelo Presidente João Figueiredo, durante o regime militar. Olinda também recebeu o título de “Cidade Ecológica” em 29/06/1982, decretado pelo Prefeito de Olinda, Germano Coelho, pelo Decreto nº. 023/82, resultante de todo um movimento pela preservação do verde e do meio ambiente na cidade. Sua titulação maior, no entanto, é o de “Cidade Patrimônio Cultural da Humanidade”, que lhe foi conferido pela UNESCO, em 14/02/82, com aprovação por unanimidade em sua 6ª Assembléia, em Paris, depois de um longo processo, que teve início em 1978. Os principais defensores desta premiação foram a Prefeitura de Olinda e políticos, como o deputado federal Fernando de Vasconcellos Coelho e o artista plástico e na época Secretário do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Aloísio Magalhães, este último representante do Brasil na UNESCO.³⁵

Seu mais recente título é o de primeira “Capital Brasileira da Cultura”, que recebeu em 26 de outubro de 2005, concedido pela ONG Capital Brasileira de Cultura (CBC), em parceria com o Ministério da Cultura. Foi outorgado pelo então Ministro da Cultura, Gilberto Gil. Isto novamente trouxe para a cidade uma onda de desenvolvimento do turismo e é o reconhecimento por todos os brasileiros de seu valioso patrimônio e de sua vida artística e cultural.³⁶

Esses títulos demonstram a importância da cidade e de seu acervo histórico, bem como de suas belezas naturais. Pina³⁷ assim descreve o lugar: “O Sítio Histórico de Olinda possui um magnífico conjunto arquitetônico e urbanístico, que forma um cenário deslumbrante, aliado ao verde de sua cobertura vegetal, ao azul do céu e ao verde furta-cor do mar.” É interessante que não foi diferente a percepção de Amadou Mahtar M’bow,³⁸ Diretor Geral da UNESCO, que assim se referiu à cidade, em seu discurso na solenidade da outorga da titulação, em Olinda:

³⁵ GOVERNO e povo no testemunho a Olinda agora cidade-patrimônio. *Diário Oficial do Estado de Pernambuco*, Recife, Ano LX, n. 53, p. 1, 22 mar. 1983.

³⁶ VERAS, Luciana. Olinda hoje, eu sou. Título de Primeira Capital Brasileira da Cultura coloca Olinda em destaque. *Revista Continente- Documento*, Recife, Ano IV, n. 42, p. 41-43, 2006b.

³⁷ PINA, 2006, p. 33.

³⁸ M’BOW, Amadou Mahtar Olinda é patrimônio do mundo. *Informativo Olinda*, Olinda, Edição Especial, p. 1, abr. 1983. Discurso pronunciado em 21/03/82, na solenidade de descerramento da Placa comemorativa de Olinda Patrimônio da Humanidade.

Olinda foi sempre, como para responder a uma misteriosa vocação, uma cidade de poetas, pintores, escultores, ceramistas; uma cidade de música e dança; um cenário natural tão suntuoso, que não sabemos se é preciso descrevê-lo como um conjunto arquitetônico ornamentado de jardins, ou como um parque tropical decorado de monumentos.

O Sítio Histórico tem sido delimitado como consequência do novo zoneamento, já sob tutela do SPHAN, que estabeleceu como zona de proteção rigorosa: o núcleo central da cidade alta e suas principais ruas, divididas em subzonas monumental e verde. Isto criou critérios de prioridade para a manutenção e conservação dos monumentos e casarios, em toda a área antiga da cidade. Nos anos de 1920, a criação das Inspeções dos Monumentos Nacionais trouxe de volta a idéia da organização de um serviço de proteção aos monumentos históricos, iniciativa tomada por Pernambuco em 1923 e pela Bahia em 1927.

Em Olinda, como já vimos, o PDLI, já dispunha de recomendações sobre o zoneamento da cidade, em vista de sua preservação. A criação de uma Fundação e de uma Comissão para este fim, chamada de “Comissão para a Preservação e Valorização de Olinda” partiram dessas recomendações, assim como todos os outros estudos e propostas de zoneamentos do Sítio Histórico de Olinda.

A despeito de sua monumentalidade, o Sítio Histórico é uma região predominantemente residencial — mais de 80% de seus imóveis têm essa finalidade. Seu casario ainda apresenta hoje a vegetação em seus quintais, herança da colonização portuguesa. O Sítio Histórico tem vários imóveis tombados e foi demarcado como polígono protegido pela união, desde 1937.³⁹

O Sítio Histórico de Olinda compreende os seguintes bairros: Varadouro, Carmo, Sé, Amparo, Bonsucesso, Rosário, Monte, Guadalupe e Amaro Branco, como nos mostram em detalhes os mapas a seguir. Ocupa uma área de 1,2 km² na região central de Olinda, conhecida como o “Conjunto Monumental”, situada no alto de suas colinas, sendo a edificação da Sé o monumento mais importante. A partir da década de 1970, entretanto, Olinda vem sofrendo uma modificação na utilização de seus casarios, quando começaram a surgir em suas ruas estabelecimentos comerciais de prestação de serviço de turismo ou de lazer e também ateliês de artistas e galerias de arte, pousadas e restaurantes.

André Pina Moreira, depoente da pesquisa, arquiteto, por ser um especialista em preservação histórica e trabalhar nessa área na própria Prefeitura de Olinda, acompanha todas as transformações que o casario do Sítio Histórico de Olinda vem sofrendo, em função das

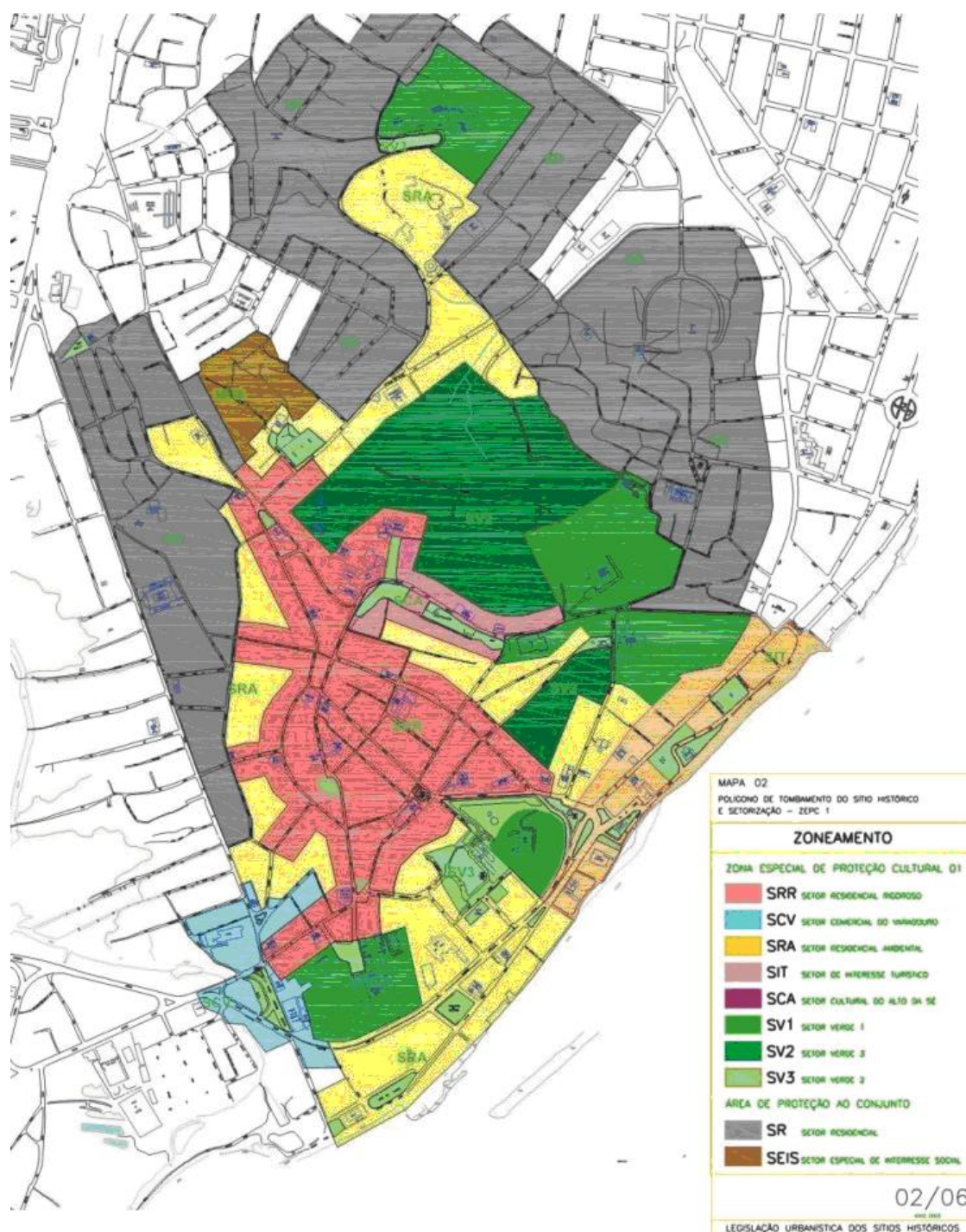
³⁹ BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Certidão de Tombamento da Cidade de Olinda, com demarcação do polígono protegido pelo Decreto-Lei n.º. 25, de 30 de novembro de 1937*. Rio de Janeiro, 9 de agosto de 1988.

mudanças ocorridas na cidade, e avalia o risco que isto implica para a preservação das características do casario, que vem tendo uma desfiguração e alteração em sua estrutura interna e em sua volumetria. A seguir, suas lembranças e preocupações:

O Sítio Histórico permaneceu nesta decadência e neste ostracismo. Eu me lembro que mamãe dizia que não queria morar no sítio histórico porque era cidade de gente pobre. Eram casas arruinadas, população de renda baixa, até que, nos finais anos 60/70, processo de aburguesamento, de gentrificação,⁴⁰ começaram artistas e intelectuais a virem morar na cidade. Então começa a expulsão branca; os moradores não tinham condições de manter as casas. Os novos moradores começam a fazer as pequenas modificações, adequações à vida moderna, a partir das décadas de 70, 80, 90. Você vê que 88% dos imóveis da cidade alta de Olinda são residências. Ao mesmo tempo, a pressão para a instalação de novas atividades e a população era muito pobre, dentro de Sítio Histórico. A evolução urbana da cidade acontecia no litoral e para o norte. A expansão do Bairro Novo foi determinada por políticas públicas, no governo de Barreto Guimarães, Então isto foi uma iniciativa do poder público, lançar este loteamento para a expansão da cidade. Havia necessidade de mais moradias e não havia ainda a política de conjuntos habitacionais, aí foram lançados estes loteamentos. Por exemplo, o Loteamento Umuarama é da década de 1950. O primeiro loteamento é o Belém, em Salgadinho.

Os Mapas 5, 6 e 7, do Polígono de Tombamento do Sítio Histórico, em detalhe, com as Setorizações e as zonas de preservação especial e de proteção cultural, são representativos do que foi descrito:

⁴⁰ “Gentrificação, mais especificamente, Gentrificação Urbana, palavra derivada do inglês *gentrification*, é um processo no qual bairros fisicamente deteriorados sofrem intervenções de renovação urbana com um aumento no valor da propriedade, junto com uma afluência de residentes mais ricos que deslocam e substituem os habitantes originais do bairro.” PINA, 2006, p. 21.



Mapa 5 – Sítio Histórico de Olinda⁴¹

⁴¹ Destaque para as diversas zonas de proteção cultural (ZEPC1) – Lei nº. 4.849/92. Fonte: PMO. SEPACTUR, 2006.



Legenda: 1. Aljube, Cadeia Eclesiástica; 2. Bicas de Olinda; 3. Convento de Nossa Senhora das Neves; 4. Convento de Santa Tereza; 5. Convento de São Francisco; 6. Forte de Pau Amarelo; 7. Forte de São Francisco; 8. Igreja da Misericórdia / Academia de Santa Gertrudes; 9. Igreja de Nossa Senhora do Amparo; 10. Igreja e Nossa Senhora do Carmo; 11. Igreja de Nossa Senhora do Desterro; 12. Igreja de São João Batista; 13. Igreja de Nossa Senhora do Monte; 14. Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos; 15. Igreja de São Sebastião; 16. Mercado da Ribeira; 17. Mosteiro de São Bento; 18. Museu de Arte Contemporânea; 19. Museu Regional de Olinda; 20. Palácio dos Bispos; 21. Passos de Olinda; 22. Prefeitura de Olinda; 23. Recolhimento da Conceição; 24. Sé de Olinda; 25. Seminário de Olinda.

Mapa 6 – Mapa Turístico do Sítio Histórico de Olinda⁴²

⁴² Em destaque os principais monumentos, os pontos de visitação turística, os ateliês artísticos, suas ruas principais e a oferta de seus serviços. Fonte: OLINDA Arte em toda parte. Catálogo da 7ª Edição da Exposição. Olinda: Prefeitura Municipal de Olinda, 2007. p. 88.



Mapa 7 – Sítio Histórico de Olinda⁴³

Como consequência do novo zoneamento, o Sítio Histórico, sob tutela do SPHAN, ficou estabelecido como zona de proteção rigorosa. Isto estabeleceu critérios de prioridade para a manutenção e conservação de seus monumentos e casarios e as alterações das residências estavam sujeitas a aprovação prévia. Isto em toda a área.

Começando pelo molhe de Olinda segue os limites do Município de Olinda até encontrar a Avenida Agamenon Magalhães, em Olinda, pela qual prossegue até encontrar a PE-1 e continua pela Avenida Joaquim Nabuco até encontrar a Estrada dos Bultrins, pela qual inflete até a Estrada Velha do Rio Doce de onde segue até o litoral pela Rua Alfredo Lundgren; ao longo da orla marítima retorna até atingir o Molhe de Olinda, por onde se iniciou.⁴⁴

No Centro Histórico de Olinda, podemos encontrar edificações de variados estilos arquitetônicos, construídas em épocas diversas, desde o período colonial. Como relatado, hoje a cidade vê seus antigos casarios serem transformados para utilização como pousadas, hotéis,

⁴³ Com os arruamentos e as principais atrações turísticas centradas no Sítio Histórico e sua localização em relação ao restante dos bairros da cidade. Fonte: BARBOSA, Antonio. *Relíquias de Pernambuco: guia aos monumentos históricos de Olinda e Recife*. São Paulo: Fundo Educativo Brasileiro, 1983. p. 28-29.

⁴⁴ BRASIL, 1988, p. 2.

lojas, restaurantes e bares, ao lado dos ateliês e galerias de artistas, em função do crescimento do turismo que a cidade vivencia. Vejamos como foi se dando todo esse processo, na visão de André Pina Moreira:

As pessoas eram atraídas pelo diferencial de cidade histórica, patrimônio da humanidade, mas chegavam reformando e destruindo as casas. E até por necessidade, a família estar crescendo. Adaptar banheiro, a cozinha, área de serviço da casa. Porque havia antes os banheiros no fundo do quintal. Eu posso afirmar que 80% dos imóveis estão descaracterizados, tanto internamente, como externamente. Hoje você tem em Olinda o “fachadismo”. O que você não vê da rua, está tudo bem. O que está escondido dentro das casas não se vê. O que acontece é que a maioria das casas está com sua tipologia descaracterizada. Temos casas que estão totalmente modificadas; internamente, as casas foram retalhadas. Com a falta de segurança na cidade, na chamada área monumental, as pessoas se trancam dentro de casa; as portas estão sempre fechadas e eles passam a viver na parte de dentro. A sala de visita vazia, então se passa a viver lá no fundo da casa, porque eles adaptaram a casa ao conforto que a própria lei permite.

Voltemos um pouco na história e façamos um passeio pelo secular Sítio Histórico de Olinda, suas ruas, ladeiras e becos, para entender a importância de seus monumentos e casario e a necessidade de sua preservação. Com o crescimento da cidade e a ocupação do Sítio Histórico nas décadas de 1960 e 1970, o casario de Olinda, que pelos séculos serviu apenas de residência para suas famílias, teve seu uso dirigido para outras finalidades. A população nova de moradores que chegou fez mudanças em suas estruturas. O historiador Alexandre Alves Dias, depoente desta pesquisa, vê o crescimento de Olinda e sua descaracterização:

Olinda é uma cidade considerada dormitório; as pessoas trabalhavam fora. Uma metamorfose; a cidade residencial passa a ser comercial no Centro Histórico. Há uma ausência do poder e de fiscalização. Há a degradação da cidade, por exemplo, as fachadas pintadas com tintas de cores fortes. Os cronistas e os viajantes viam Olinda ao longe, descrevem uma cidade toda caiada de branca. Uma influência que vinha de Portugal, dos árabes. Na época do governo de Germano Coelho (1976 e 1992) e no de José Arnaldo (1983), restaurou-se igrejas, o palácio dos governadores. Mas há áreas que têm diferentes graus de preservação. No alto da Sé tem casas que foram completamente descaracterizadas. Aqui em Olinda tem três exemplos: não há placa

onde estavam os alicerces da antiga igreja de São Pedro Marques, que era a matriz. Foi encontrado o piso, provavelmente do século XVI. E lá no Rosário, foram encontrados os alicerces de um quartel de infantaria do século XVIII. Uma cidade que começou em 1537. Aqui não existe uma estrutura de preservação, isso é muito triste.

É interessante observar a ocupação do Município de Olinda, no Mapa 8, que se intensificou a partir da década de 1950, e constatar o crescimento da cidade com a ocupação das novas áreas. Nesse Mapa destacam-se os novos bairros de Olinda e a presença de uma zona rural que, não obstante a ocupação do solo, ainda se mantém viva. O chamado Conjunto Monumental, no Sítio Histórico da cidade, tem seu zoneamento definido em função de suas características arquitetônicas, urbanísticas e paisagísticas.

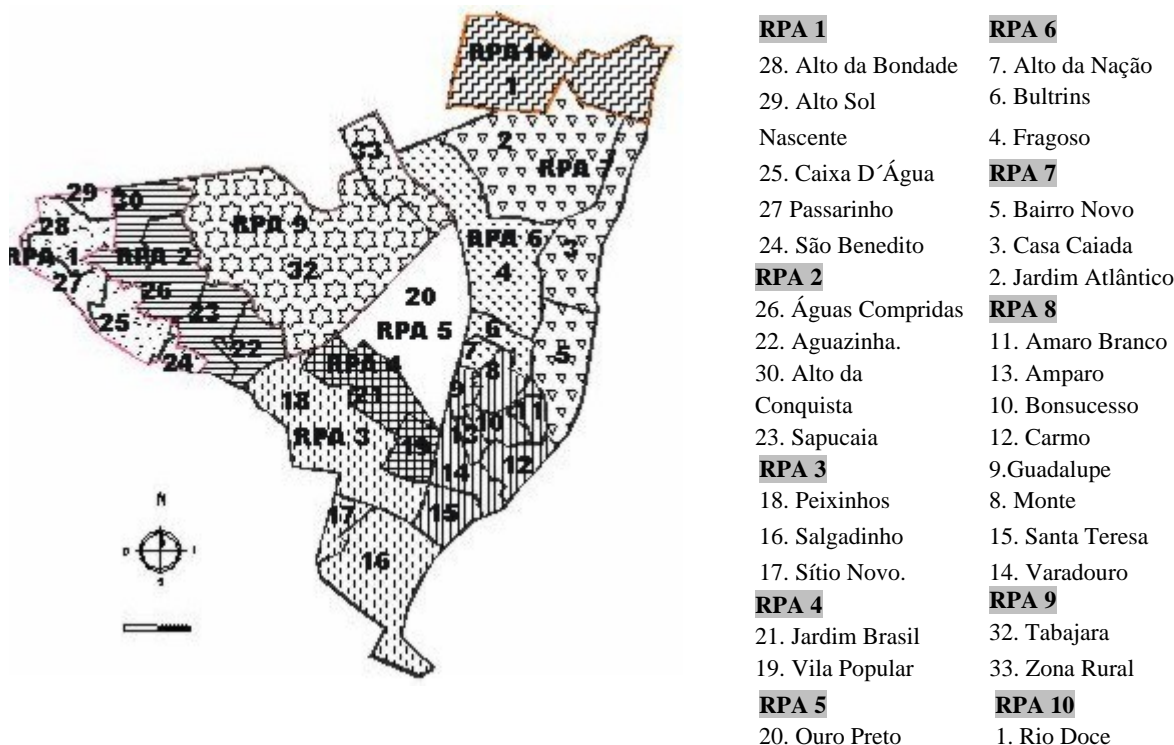


Mapa 8 – Área rural atual do Sítio Histórico de Olinda⁴⁵

⁴⁵ Percebemos o adensamento dos arruamentos dos novos bairros, em toda a extensão da cidade. Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE OLINDA, 2006a.

No Mapa 8, estão delimitados a zona rural, o Sítio Histórico e os novos bairros que surgiram em Olinda, tanto em sua zona praieira, como em sua zona rural. A cidade passou a ser totalmente habitada. Podemos perceber a diferença em relação à ocupação da cidade que se deu em um período relativamente pequeno, a partir dos anos 1950 do século passado. Sua fisionomia mudou de tal forma, que podemos dizer que foi criada uma nova Olinda ao lado da antiga e secular cidade. Cresceu toda a sua periferia.

Este novo zoneamento foi resultado dos estudos e planejamento que produziram o atual Plano Diretor da cidade e faz parte das características gerais, demográficas e territoriais. Foi estabelecido com base nos estudos publicados pelo IBGE, no Censo de 2000, trabalhado pela Secretaria de Planejamento, Transportes e Meio Ambiente da Prefeitura Municipal de Olinda, e reorganizado segundo a espacialização político-administrativa adotada pela atual administração da Prefeita Lucina Santos, cujo final do primeiro mandato e início do segundo foi em 2001, resultando no universo territorial de Olinda, organizado em Zonas, ou Regiões Político-Administrativas (RPAs), conforme Mapa 9:



Mapa 9 – Olinda com as Respectivas Zonas - RPAs⁴⁶

⁴⁶ Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE OLINDA, 2006a, v. III.



Fotografia 65 – Vista área de Olinda⁴⁷

⁴⁷ Destaque para o traçado das ruas e o adensamento do casario. Em primeiro plano o Sítio Histórico e os diques artificiais, construídos ao longo da orla do Sítio Histórico da cidade. Foto do Satélite *Quik - Bird* – AEROSAT/PMO, junho de 2004. Fonte: PINA, 2006, p. 38.



Fotografia 66 – Vista aérea da de Olinda, com visão do Sítio Histórico⁴⁸

⁴⁸ A área verde que resta no centro é o Horto, no alto da Sé. Na ponta à esquerda, temos o Varadouro e a praia dos Milagres. Podemos perceber a ocupação de toda a orla de Olinda à direita e em torno do Sítio Histórico. Fonte: Foto do Satélite *Quik - Bird* – AEROSAT/PMO, junho de 2004. Fonte: PINA, 2006, p. 38.

6.4 RECIFE E OLINDA: REGIÃO METROPOLITANA E CONURBAÇÃO

Manoel Correia Andrade⁴⁹ esclarece que Recife foi sempre um centro portuário, administrativo e comercial desde a época dos holandeses e sua influência se ampliou com o crescimento populacional e o fluxo de dinheiro advindo de seu comércio. A cidade ganhou importância com a exportação e importação de bens e as exigências do mercado externo, que provocaram o desenvolvimento industrial de Pernambuco, a modernização das usinas de açúcar, melhorias no trato com o algodão. Foram surgindo as fábricas têxteis de fiação e tecelagem, dentre outras, que determinaram o processo de crescimento contínuo que a cidade experimentou a partir do início do século XX.

Ocorre no Recife um caso que a diferencia das demais. Ao possuir um município de pequena extensão territorial, o crescimento da cidade vai se procedendo nos municípios vizinhos que formam uma aglomeração em que a população da cidade corresponde a menos de 50% da população da aglomeração. Podemos observar que cidades como Olinda, Camaragibe, Jaboatão já se encontram totalmente conurbadas ao Recife, enquanto Paulista, São Lourenço da Mata e Moreno encontram-se em processo rápido de conurbação.⁵⁰

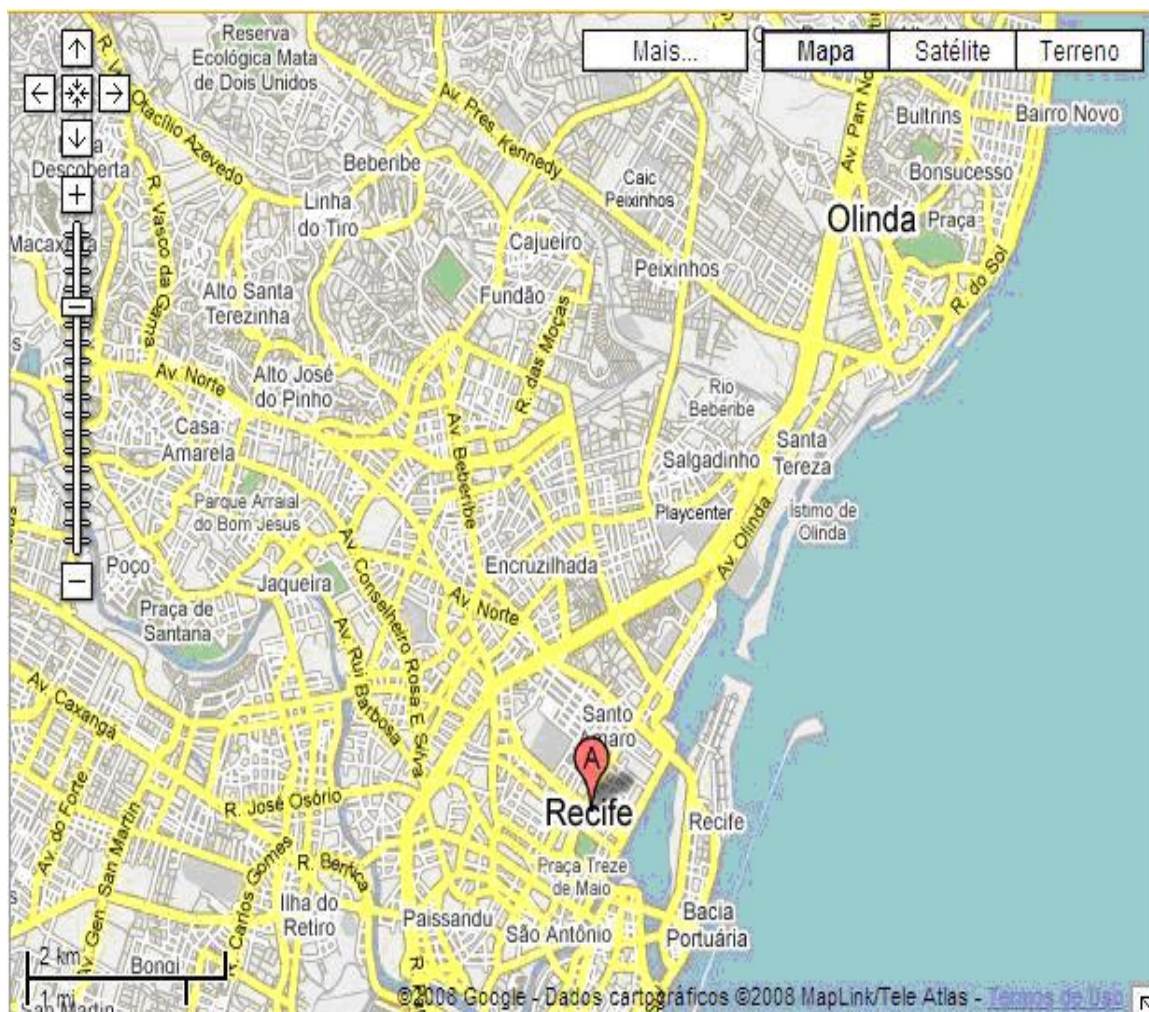
Vários beneficiamentos valorizaram o Recife nos séculos XIX e XX, como a substituição dos bondes por veículos elétricos, a chegada da iluminação elétrica em substituição aos lampiões e o desenvolvimento de suas vias de acesso. A cidade foi urbanizada, e as novas avenidas construídas lhe deram a feição de metrópole, que conserva até os dias atuais. As avenidas Dantas Barreto, a Conde da Boa Vista e a Caxangá facilitaram o acesso a seus bairros e às cidades vizinhas que, com o crescimento cada vez maior, estão interligadas ao Recife. É o fenômeno que Manoel Correia de Andrade⁵¹ aponta acima, de conurbação, ou seja, a ligação entre as diversas cidades nas regiões metropolitanas.

O Mapa 10 traz detalhe da região metropolitana do Recife e Olinda, no qual podemos observar a ligação e interdependência das cidades conurbadas, bem como seus meios de acesso que cortam toda a região.

⁴⁹ ANDRADE, Manoel Correia. *Recife, uma trajetória secular*. Recife: Artelivros, 2003.

⁵⁰ *Ibidem*.

⁵¹ *Ibidem*.



Mapa 10 – Região Metropolitana do Recife e Olinda⁵²

A cidade de Olinda está totalmente interligada à região metropolitana do Recife como se fosse um de seus bairros. Como suas construções são recentes, não há diferença entre esses bairros e a região periférica do Recife. O marco diferencial da cidade de Olinda, como monumento histórico é, portanto, seu Sítio Histórico, que se mantém preservado até os dias atuais.

Indicadores econômicos, demográficos e sociais, das duas cidades indicam as diferenças na evolução de cada uma delas:

⁵² Fonte: GOOGLE Maps Brasil. Recife PE. Disponível em: <<http://maps.google.com.br/maps?q=recife&ie=UTF8&ll=-8.034584,-34.890175&spn=0.077849,0.105743&z=13>>. Acesso em: 2 jul. 2008.

Tabela 2 – Indicadores Econômicos Recife versus Olinda⁵³

RECIFE		OLINDA	%
Ano	2000	2000	Relação Olinda Recife
População 1.422.905		367.092	25,85%
Indicadores Econômicos			
Produto Interno bruto	R\$ 16.664.468,00	R\$ 1.937.881,00	19,70%
Receita Orçamentária	R\$ 1.686.257.445,00	R\$ 195.834.693,10	11,61%
PIB industrial	R\$ 2.499.304,00	R\$ 313.562,00	12,54%
PIB serviços	R\$ 11.018.045,00	R\$ 1.375.776,00	12,49%
Renda <i>per capita</i>	R\$ 16.664.468,00	R\$ 1.937.881,00	11,53%
Ano	2005	2005	
Indicadores Sociais			
Estabelecimentos de Saúde	612	113	18,77%
Escolas ensino fundamental	894	217	24,27%
Escolas nível médio	233	52	32,31%
Ensino superior	30	08	26,66%
Nº de matriculas 3º grau	77.037	10.000	27,02%
Ano	2007	2007	
Outros indicadores			
Agências bancárias	185	11	5,95%

Os dados comparativos da realidade das duas cidades, expostos na Tabela 2, mostram que Olinda foi se configurando como área submetida à influência e dependência do Recife, do ponto de vista econômico, tanto na dependência da população do comércio e dos serviços da metrópole, assim como na busca de empregos, que não eram encontrados na cidade. Daí ser chamada de “cidade dormitório”, ou seja, sua população residia em Olinda, mas trabalhava em Recife, deslocando-se diariamente para esta metrópole, como já vimos. Destacamos na Tabela 2 os indicadores mais recentes do desenvolvimento econômico das duas cidades, que evidenciam a relação entre elas e as diferenças que as afastaram definitivamente.

A população de Olinda cresceu com a chegada dos conjuntos habitacionais, mas essa população corresponde a 25,85% da população do Recife, importante em sua posição de cidade pertencente à região metropolitana. Já os indicadores econômicos e financeiros, como suas receitas industriais e de serviços, mostram que a cidade tem índices bem baixos, já que

⁵³ Fonte: IBGE – Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Home Page*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 16 maio 2008b.

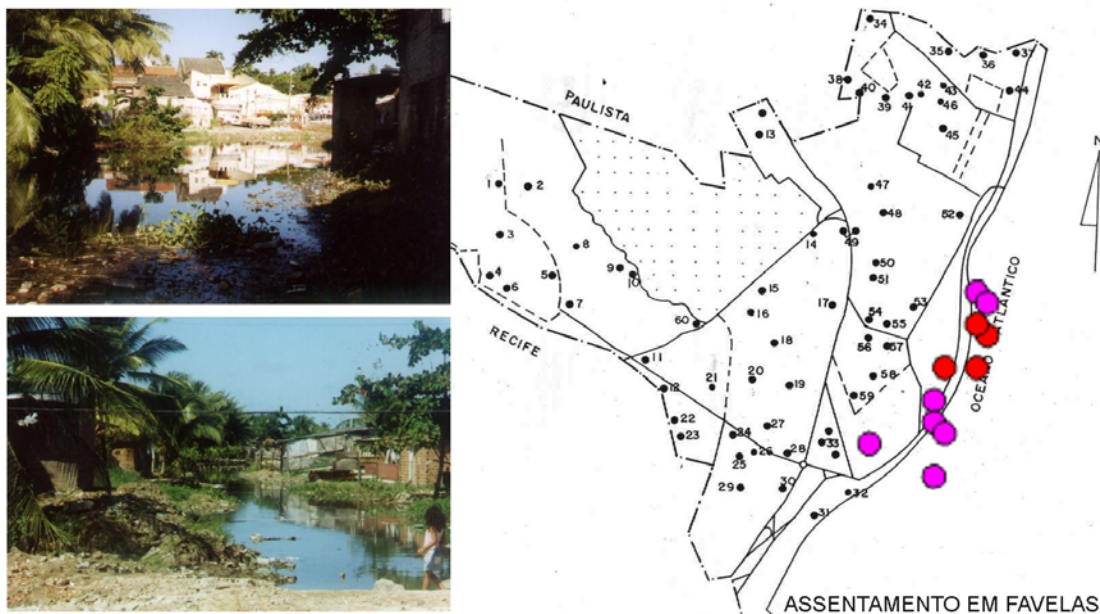
seus indicadores econômicos, no máximo, alcançam 19,70% (Produto Interno Bruto). Estes dados mostram que sua importância econômica é bastante inferior a seu peso populacional. Quanto a sua renda *per capita*, a diferença ainda é mais importante, alcançando apenas 11,53% da renda da população do Recife.

Também na Tabela 2, a informação sobre o número de agências bancárias mostra um distanciamento ainda mais forte, na medida em que Olinda tem apenas 5,95% das agências de Recife, o que confirma a fragilidade desse equipamento na cidade. Afinal, a maioria dos habitantes passa a maior parte do dia fora, ganha e compra também em Recife.

Os índices sociais, tanto sobre saúde quanto sobre educação, mostram um nível bem mais equilibrado de ofertas de serviços que o município pode oferecer a sua população. Os indicadores mais desfavoráveis, portanto, são os que revelam a disparidade da renda da população. A renda média é de R\$ 681,29 (dos responsáveis pelos domicílios) e a renda *per capita* é de R\$ 257,4, segundo o IBGE.⁵⁴

Nesse processo de modernização, Olinda experimentou mudanças em relação à valorização de seus espaços e a região litorânea da cidade é procurada para residência e não apenas como espaço de veraneio. Também Recife vivencia uma ocupação muito intensa, principalmente de suas praias da região sul, onde Boa Viagem e Piedade despontam como as áreas mais valorizadas e habitadas da cidade. Seus bairros “nobres” se valorizam, mas Recife sofre um crescimento da população pobre que migra das regiões interioranas, em razão do fenômeno das secas e de outros problemas sociais, além da atração da cidade. A migração rural foi acentuada e proliferou na cidade o fenômeno da favelização em seus mangues e morros. Olinda também cresce, principalmente quanto à população, e também vivencia a chegada das favelas, que se instalam na cidade, inclusive no Sítio Histórico. Mas não acompanha o crescimento econômico de Recife. O mapa abaixo indica as favelas existentes no interior do Sítio Histórico e em sua periferia imediata

⁵⁴ IBGE, 2008b.



Mapa 11 – Sítio Histórico de Olinda⁵⁵

Olinda experimentava não só o crescimento da população, mas também a implantação das favelas dentro do Sítio Histórico. Esta situação cada vez mais trazia dificuldades para sua administração e também problemas para a manutenção e conservação do patrimônio histórico. Hoje a questão das invasões que surgiram no Sítio Histórico e em seu entorno, problema grave com o qual se defrontam as regiões metropolitanas brasileiras, foi noticiada pela imprensa.⁵⁶ O núcleo central da Região Metropolitana de Recife (RMR), formado pelos municípios conurbados de Jaboatão, Recife e Olinda, abriga cerca de 890.000 habitantes.⁵⁷

Deste total, cerca de 207.000 famílias/domicílios, vivem em 540 áreas com *deficit* em infra-estrutura e serviços urbanos, bem como estão irregulares quanto à propriedade do solo e/ou quanto às condições de uso previstas na Lei de Uso do Solo. Deste total de áreas de pobreza, 421 estão localizadas na Cidade do Recife, 62 em Olinda e 64 em Jaboatão.⁵⁸ Nos demais municípios da RMR, há 164 áreas de pobreza, com uma população estimada em cerca

⁵⁵ O mapa sinaliza a presença de 11 favelas no entorno e na periferia imediata de Olinda. As fotos mostram a realidade das invasões. Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE OLINDA, 2006b. 1 CD.

⁵⁶ O *Diário de Pernambuco* estampa na manchete: “Olinda possui 11 favelas e não tem saneamento básico”. Isso em 19/05/85; “Explendor e Miséria: casarões convivem com 56 favelas em Olinda” - esta matéria destaca que são 11 favelas dentro do Sítio Histórico, área tombada. Ainda no *Diário de Pernambuco*, de 10/12/87, temos a matéria “Está começando mais uma invasão. Agora, perto do Varadouro”, trata-se da região pertencente ao Sítio Histórico de Olinda.

⁵⁷ HOFFMANN, Rodolfo. Distribuição da renda e pobreza na região metropolitana de Recife. In: PREFEITURA MUNICIPAL DE OLINDA. Secretaria de Planejamento, Transportes e Meio Ambiente/DIM. *Metrópole Estratégica*. Olinda, 2006b. p. 1-65.

⁵⁸ PREFEITURA MUNICIPAL DE OLINDA, 2006b.

de 170.000 pessoas e 40.000 famílias. Esses números mostram que as favelas localizadas em Olinda correspondem a 14,7% do número de favelas de Recife, o que fica abaixo da porcentagem da população, mas se aproxima dos indicadores econômicos.⁵⁹



Fotografia 67 – Vista de parte da Favela V-8 que se integra à V-9 e V-10⁶⁰

Olinda, no entanto, apresenta Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) muito próximo ao de Recife:

Tabela 3 – IDH – Olinda *versus* Recife – 1991; 2000⁶¹

Olinda	IDH	Recife	IDH
1991	- 0, 732	1991	0, 740
2000	- 0, 792	2000	0, 797

⁵⁹ PREFEITURA MUNICIPAL DE OLINDA, 2006b.

⁶⁰ Localizadas no Bairro do Varadouro, no Sítio Histórico de Olinda. Estas favelas estão localizadas à margem esquerda da estrada principal que liga Olinda ao Recife, numa região que foi aterrada e ocupada por invasores. Atualmente a Prefeitura esta fazendo obras de melhorias no local. Fonte: Acervo da autora. 2008.

⁶¹ Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE RECIFE. *Atlas Municipal: Desenvolvimento Humano de Recife*. Recife: SEPLAN-Projeto PNUD, 2005. 1 CD.

Estes dados revelam um IDH muito baixo, um dos piores do país, se comparado ao IDH de Porto Alegre, por exemplo, que é de 0,824 em 1991 e 0,865 em 2000, o que revela a pobreza da região nordestina em comparação com a região sul do país, e a realidade das cidades de Olinda e Recife em relação à qualidade de vida de sua população.

Os jornais de Olinda⁶² têm uma vasta divulgação sobre os movimentos dos moradores e governantes para buscar uma solução para os problemas da Ilha do Maroim, uma das comunidades mais carentes de Olinda, e que teve um longo histórico de lutas pelas invasões das águas em seu território — as cheias que invadiam suas casas, a maior parte delas casebres de pescadores: os mocambos. Construídos muitas vezes de barro e cobertos de folhas de coqueiros — palha —, o mocambo é uma habitação comum na região desde o período colonial.⁶³

Importante apresentar a memória dos olindenses, pela narrativa de Flávio Dionísio de Santana,⁶⁴ que viveu em dois mundos, pois morou na Ilha do Maroim, e nos fala de Olinda, uma cidade dividida:

Eu vivi em dois mundos. Primeiro na Ilha do Maroim e depois um mundo mais carente na comunidade chamada V-8, V-9, [invasões] e era o total abandono que o poder público tinha com essas comunidades. O nome, V-8, segundo os antigos moradores, era marca de uma bomba d'água que existia na comunidade. É próximo ao Varadouro. Eu digo que é ao sopé da ladeira. Então são dois mundos diferentes, um mundo que nós chamávamos da nobreza e o outro mundo lá em baixo. E só tem o limite da Av. Joaquim Nabuco. Na década de 60 já começa a instalação da invasão. Não havia iluminação; de um lado era só mangue; eu alcancei também um desenvolvimento daquela comunidade. E era uma comunidade muito pobre. Foi uma experiência chocante para mim; as casas eram todas de madeira, barraco, a rua cheia de lama. Existia uma pontezinha de madeira do lado que vai para Peixinhos; era só mangue e hoje está todo habitado. Foi aterro. Essa comunidade é a extensão da Rua da Boa Hora (no Sítio Histórico), um caminho muito antigo. Dizem que é terreno da marinha que as pessoas começaram a se instalar ali. O local foi invasão.

⁶² *ODiário de Pernambuco* de 16/08/70 noticia a evacuação, pelo governo, de 3.000 pessoas que residiam na área, para protegê-las contra as enchentes. Também em sua edição de 14/04/84, o *Jornal do Comércio* noticia: “Mar ameaça invasão da Ilha do Maroim e Milagres”.

⁶³ FREYRE, 1990.

⁶⁴ Flávio Dionísio de Santana tem 41 anos, é historiador, pesquisador do Arquivo Municipal Antonino Guimarães em Olinda, cujo trabalho é subsidiar os agenciamentos dentro do perímetro tombado da cidade, dando suporte para as obras que são feitas dentro do Sítio Histórico. Professor da rede estadual de ensino, trabalha na Secretaria de Patrimônio de Olinda. Já morou no Rio de Janeiro, depois foi morador de invasão na cidade de Olinda, atualmente mora no bairro do Varadouro, no Centro Histórico. Estudou na Fundação de Ensino Superior de Olinda (FUNESO), em Jardim Fragoso, Olinda, onde fez cursos de História e Filosofia. Fez também pós-graduação em História do Nordeste. Foi aluno laureado da faculdade.

Com direito a derrubada de barracos e a insistência da população em permanecer no local. O interessante é que a comunidade, quando eu cheguei, sendo pobre, não existia essa violência bem alarmante que existe hoje, com a chegada da droga.

É uma visão de “Olinda dividida” que sua narrativa apresenta. São dois mundos dentro de uma mesma cidade, que ele chama de “várias Olindas”, por sua experiência como morador e sua visão de historiador e pesquisador. Seu relato revela também sua sensibilidade e ligação amorosa a Olinda, quando a descreve como uma “pérola” que, como preciosidade, poderia ser ainda bem mais cuidada.

Na década de 80 se instala o primeiro ponto de droga lá e aí há uma transformação e a violência impera até hoje. Olinda, atualmente, representa uma pérola, mas é uma pérola limitada, porque se fala de Olinda do Alto da Sé e da Cidade Alta, se esquece das outras Olindas existentes. Por exemplo, quando se fala em cultura, “Olinda Arte em Toda Parte”, em frevo, maracatu e nas festas, as coisas são canalizadas para Olinda Cidade Alta e se esquece das áreas periféricas. A Ilha do Maroim, as comunidades mais carentes, Peixinhos, todas elas tem seus links culturais. Peixinhos tem um rico acervo cultural; o poder público poderia olhar com mais carinho, pois tem um corredor excelente de comércio. Existem várias Olindas: Olinda periférica, a Olinda Bairro Novo. No Varadouro, você tem as comunidades V-8, V-9, V-10. Há Olinda do engano, Olinda da violência, e que o poder público ainda não deslumbrou. São duas Olindas completamente diferentes.

Como muitas cidades do Brasil, Olinda vive a realidade da pobreza, da violência e da chegada das drogas. Mas as invasões são também fruto da péssima distribuição de renda da população e da questão do desemprego que o país vivencia, trazendo os graves problemas sociais descritos. O Nordeste é uma das regiões mais carentes do país e Recife é também a metrópole desta região de muita pobreza. Ao mesmo tempo, a desigualdade de sua distribuição de renda é especialmente elevada, em um país que se destaca no cenário mundial por essa característica, entre outras. Em Olinda não é diferente.

O estudo de Gilberto Freyre⁶⁵ sobre a habitação na região Nordeste, e em Pernambuco em particular, em relação à moradia da população pobre da região, e também o de Josué de Castro⁶⁶ sobre os ciclos da fome no Nordeste e em Pernambuco, mostram claramente a

⁶⁵ FREYRE, 1990.

⁶⁶ CASTRO, Josué de. *Geopolítica da fome: ensaio sobre os problemas de alimentação e de população do mundo*. São Paulo: Brasiliense, 1961. v. 2.

histórica questão da desigualdade social, desde os tempos coloniais. Para esses autores, as diferenças entre o rendimento da elite e o da população e sua repercussão no modo de vida e pobreza do povo é histórica, reflete-se na precariedade de suas habitações e hoje se desdobra no fenômeno das invasões e das favelas.

Os mocambos, descritos em seus textos, eram as principais moradias dos descendentes dos escravos e da população que vivia à margem dos processos de produção: desempregados, biscateiros, empregados domésticos. Típica construção da região nordestina, os mocambos eram construídos de barro — o sapé — e cobertos de palhas de coqueiro. Este tipo de habitação é muito freqüente na região das praias e muito presente em Olinda. Hoje, as invasões e suas moradias de construção precária, sem a mínima infraestrutura de saneamento, água e equipamentos urbanos, aglomeram-se em torno das grandes cidades, nas regiões metropolitanas do Brasil, e no Nordeste em particular, formando grandes bolsões de miséria.

Os depoentes apresentaram suas narrativas com uma visão diferenciada da cidade de Olinda, com base no bairro em que moram ou viveram. Suas lembranças e memórias, a despeito de terem sempre vivido em bairros populares e carentes, retratam uma visão da cidade com um matiz especial, antes e depois da chegada da violência, mas revelam também sua ligação e amor à cidade e a solidariedade entre os moradores. O depoimento de Sueli Silva de Lima também confirma as informações de Flávio Dionísio de Santana e nos traz sua experiência de vida na cidade de Olinda. Ela é moradora da Favela V-8, no Sítio Histórico:

Viver na cidade de Olinda é bom, mas, em compensação, tem muita marginalidade. Moro na V-8. É o tráfico de drogas, assalto, terror. A gente não pode falar. A gente fica com muito medo, senão pode matar a família da gente. A polícia costuma reprimir, mas não respeita pai de família, crianças, ninguém. Chega lá batendo, atirando. Costuma acontecer muita morte. Vi a morte de um jovem que era errado, que comprava e revendia drogas; ele reagiu a tiro e os policiais o mataram. Não tem posto de polícia. Tinha no Varadouro. As pessoas de lá são ótimas amigas; se uma pessoa está necessitada, falta alimento, uma visita a outra e leva alguma coisa. Um ajuda ao outro. A prefeita [Luciana Santos], disse que queria tirar as pessoas de lá, mas tirar as pessoas sem ter nada planejado é horrível. Lá tem as escolas Santa Teresa e a do Rotary. As pessoas são mães de família, mas tem menina de 12, 13 anos que já é mãe, e às vezes não cuidam das filhas e vão se envolver com drogas, no lugar de estar na escola. A maioria dos moradores são pedreiros, são

empregadas domésticas e têm outras jovens que trabalham no shopping, numa sapataria na cidade. No V-8 tinha Posto de Saúde; era lá dentro da comunidade; a prefeita tirou e está lá na Av. Joaquim Nabuco. Tinha um médico lá na Associação e os traficantes botaram o médico para correr e a gente ficou sem médico. O posto foi fechado porque ameaçaram o vereador. Agora a maioria dos bandidos foi morta, outros estão presos e foragidos. Quando quero ir nos lugares, geralmente eu vou de ônibus para Recife, em Olinda eu uso mais kombi, para ir para a praia, a passagem é mais barata.

No período anterior à década de 1980, os depoentes não relataram a questão da violência, como a que se apresenta nos dias atuais nas cidades brasileiras, notadamente nas grandes metrópoles e nas regiões metropolitanas, como é o caso de Olinda, após a chegada do tráfico de drogas. Suas memórias descrevem uma Olinda com uma vida mais calma, sem violência e com uma sociabilidade maior, em que os moradores se conheciam e as relações eram mais próximas. A violência urbana que se espalhou pelo país chegou a Olinda e também se instalou, gerando a realidade que se mantém até a presente data, descrita pelos depoentes.

Eis as lembranças de D. Iraci de Silva Alves,⁶⁷ olindense, moradora do bairro popular do Rosário, no Sítio Histórico, que além de revelar as mudanças que a cidade experimentou, detalhou o dia-a-dia dos moradores de seu bairro, no qual ela cresceu e criou também seus filhos e netos. Destaca, porém, que muita coisa melhorou, principalmente a oferta de serviços, mas revela que a violência, antes inexistente, cresceu muito:

Minha mãe era doméstica e meu pai trabalhava com cavalos, entregando capim nas cocheiras. Minha mãe, viúva, trabalhando de lavagem de roupa e eu ajudava a entregar as trouxas das madames. Minha infância era trabalhar. Passei uns tempos estudando no Guedes Alcoforado, até a terceira série; minha mãe me tirou para eu ajudar ela a criar meus irmãos. Não voltei mais a estudar. Trabalhei em casa costurando, casei com 16 anos. Os vizinhos eram pobres: motoristas, pedreiros, negociante de feira, vendendo frutas e verduras. A vida melhorou quando meu marido, que era ajudante de pedreiro, passou a mestre de obras. Quando eu me casei, fui morar em um quartinho; meu marido construiu uma casa, que é onde eu moro até hoje. Quando cheguei para morar na Barreira do Rosário, era tudo barro

⁶⁷ Iraci da Silva Alves, 65 anos, casada, há 19 anos trabalha como zeladora na Prefeitura Municipal de Olinda. Moradora da Barreira do Rosário em Bonsucesso, no Sítio Histórico de Olinda, há muito anos, onde criou os sete filhos. Hoje mora no mesmo bairro com filhos e netos.

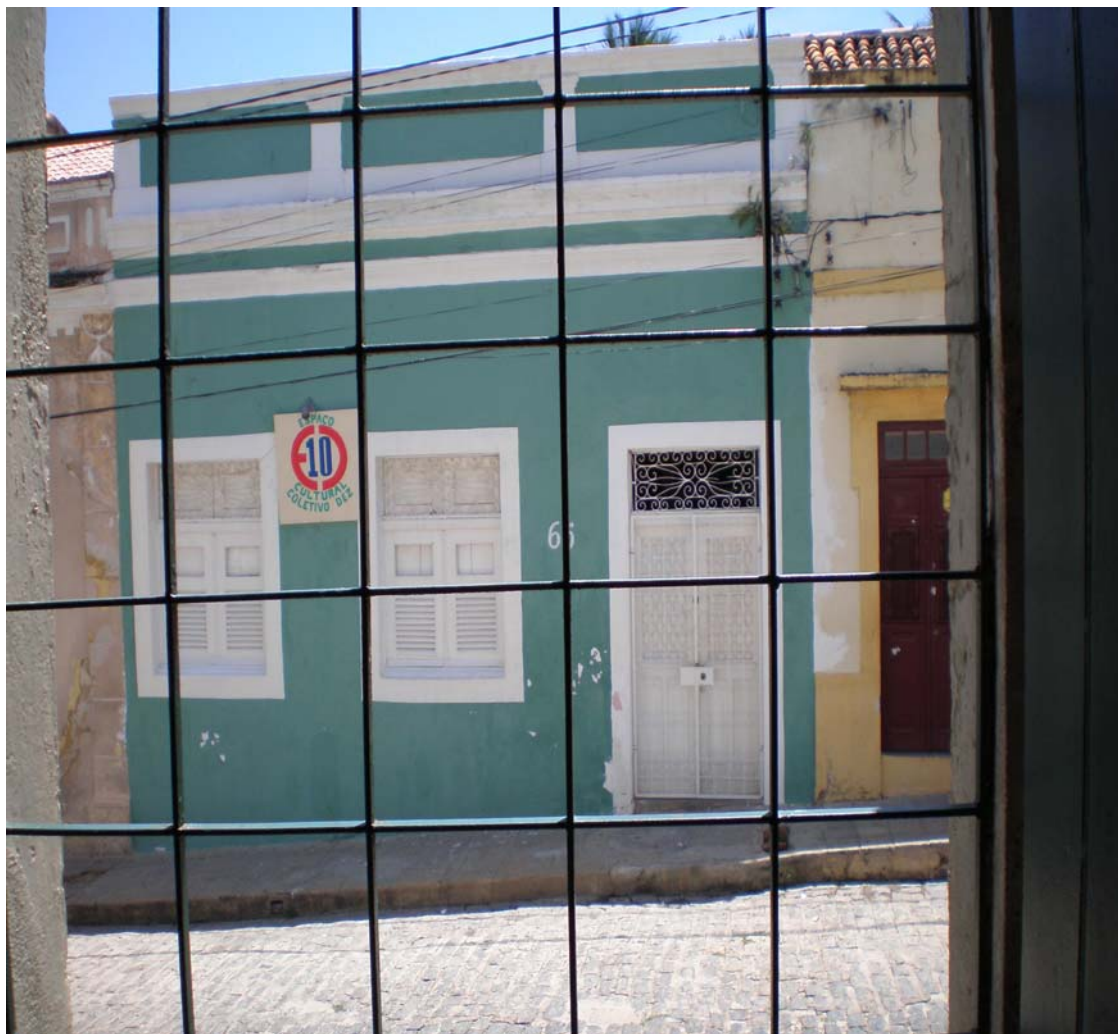
e tinha poucas casas. Não sei que prefeito começou a demolir as barreiras e a construir as casas, o que melhorou bastante. Eu moro perto do colégio dos meninos. Quando cheguei para morar não existia comércio; atualmente tem padaria, farmácia, a lojinha de Sr. Clóvis, que começou armarinho e hoje em dia vende material de construção. Tem barracas de frutas e verduras, tem mercadinho do bairro, onde as pessoas se abastecem. Se a gente quiser ter um lazer, tem que sair. Meus netos vão para o Centro de Convenções, para a praia; e futebol tem no largo do Bonsucesso. Hoje o que está pior é a violência, que antes não tinha.

Esta realidade de violência, com a qual o Brasil começa a conviver, que se alastra por todo o país, em Olinda teve como conseqüência o surgimento de uma nova modalidade de defesa: a colocação, pela primeira vez na história da cidade, de grades de ferro nas janelas e nas portas das casas antigas. E isto é um fato novo. Nas fotografias 67 a 70, podemos visualizar esta realidade:



Fotografia 68 – Olinda. Casa nº. 65, da Rua Vinte e Sete de Janeiro⁶⁸

⁶⁸ Casa onde a autora nasceu, passou a infância e adolescência, e encontra-se com porta e grade. Fonte: Acervo particular da autora. 2006.



Fotografia 69 - Vista a partir do interior da igreja de São Pedro Mártir: detalhes de grade na janela lateral da igreja e na porta da casa n°. 65 da Rua Vinte e Sete de Janeiro⁶⁹

⁶⁹ Fonte: Foto de Lúcia Maria de Almeida Vasconcelos, filha caçula do casal homenageado nesta tese.



Fotografia 70 – Antigo sobrado no Sítio Histórico de Olinda⁷⁰

⁷⁰ Sito à Rua Vinte e Sete de Janeiro, hoje transformado em Pousada, tem grades nas janelas e portas. Fonte: Acervo particular da autora. 2007.



Fotografia 71 – Diversas casas antigas em várias ladeiras do Sítio Histórico de Olinda, com proteção de grades⁷¹

São estas as marcas mais significativas e traumáticas da memória das mudanças da cidade de Olinda na contemporaneidade, que perpassam toda a história recente desta bela cidade. Com o crescimento populacional e o “inchamento” da cidade, começam também a aparecer os problemas desses centros urbanos grandes e populosos. Crescimento desordenado, falta de planejamento e de infra-estrutura e surgimento das invasões, favelas e da violência.

⁷¹ Fonte: Arquivo Público Municipal de Olinda. 2007.

Hoje o município de Olinda registra 62 favelas. Os primeiros sinais da violência em Olinda são noticiados pela imprensa a partir da década de 1980, quando teve início na cidade as práticas de assalto à mão armada, fato hoje bastante freqüente nas grandes metrópoles brasileiras e não é diferente em Olinda e em Recife.⁷²

No capítulo seguinte, iremos ver, nesta nova fase de Olinda, os aspectos de suas tradições, festas e manifestações populares, seus aspectos sociais e também culturais. Em destaque a produção artística em Olinda, uma das principais marcas que a cidade vivenciou nestas últimas décadas, ou seja, sua história mais recente.

⁷² Notícias no *Diário de Pernambuco* de 13/08/82 destacam uma das primeiras manchetes sobre assaltos à mão armada, tipo de violência desconhecida em Olinda. Em 22/10/82, o mesmo jornal veicula em manchete: “Assaltos em Olinda deixam povo de Olinda apreensivo”. Já em 13/12/85, essa nova realidade é divulgada como algo que se amplia: “População de Olinda fica em pânico com assaltos e furtos”. A violência urbana que se espalhou pelo país chegou em Olinda e se mantém até os dias atuais.

7 OLINDA E MEMÓRIA: ASPECTOS SOCIAIS E CULTURAIS

Olinda Luz...

Contrária à luz de um
fósforo
que acorda de repente,
a luz que cobre Olinda
é uma luz diferente.

É luz sempre difusa,
luz de eterno verão,
luz que desce da altura.
luz que sobe do chão.

César Leal ¹



Fotografia 72 – Mercado da Ribeira. Século XVIII²

O fluxo de lembrança, como apontou muito bem Marcel Proust³ em seu texto *Em Busca do Tempo Perdido: no Caminho de Swann*, obedece à “memória involuntária”, que é um movimento que impõe ao sujeito determinadas lembranças, que ele não sabe por que retornam. Para esse memorialista, a memória seria despertada pelos sentidos, pela emoção e

¹ TEIXEIRA NETO, 2004, p. 201.

² Construção do período colonial. Centro propulsor das artes em Olinda, onde foi criado um espaço para divulgação das artes e que se transformou num centro de irradiação, pois foi local de cursos, exposições e eventos artísticos. Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Olinda, 2006.

³ PROUST, 1979.

pelos afetos. São as representações psíquicas, aquelas em que o inconsciente, segundo Sigmund Freud,⁴ nos dão as pistas, e as lembranças retornam pelas associações livres nas sessões de psicanálise, nos sonhos ou num momento de emoção, como Proust⁵ nos descreve. Tal noção de memória, como vimos no primeiro capítulo, se associa à idéia de “duração” de Henri Bergson,⁶ que trata das relações entre as diversas representações das experiências de vida do sujeito que se mantêm na memória.

Como estão guardados na memória os costumes, as tradições e as próprias vivências religiosas dos moradores de Olinda? Como foram sendo construídas as representações dessa população sobre os aspectos sociais e culturais da cidade?

Estas são as questões que iremos apresentar neste capítulo, tomando por base os depoimentos de olindenses, dos 30 aos 80 anos, portanto visões de duas gerações distintas. Ao ouvi-los, pudemos acompanhar os que viveram, perceberam e como foram se formando as diversas experiências de vida, na cidade de Olinda e o que a memória deixou registrado em suas lembranças.

Para isso, vamos voltar no tempo para saber das vivências sociais, culturais, religiosas e de lazer, que tanto caracterizaram a vida em Olinda e ver o que foi mais lembrado e apontado como fatos que mais marcaram a história recente da cidade. Nesse momento do trabalho, as lembranças da autora, que também viveu sua infância e adolescência na cidade de Olinda, acompanharam os relatos dos depoentes.

Ao ouvi-los é como penetrar em suas vidas, através das lembranças; é abrir as portas e janelas de sua alma, por meio de sua casa, das ruas de sua cidade, dos bairros em que viveram. É voltar a suas lembranças, ouvindo as maneiras de viver, os tempos de brincar, os tempos de estudos, os tempos de namoro, os tempos de trabalho, os tempos de lazer na cidade de Olinda e o tempo também do envelhecer. Para os mais idosos, entretanto, é a casa da infância, a casa da saudade e a casa do coração. São recordações importantes em que voltam no tempo, e também voltam aos afetos, situações e pessoas que não existem mais, ou espaços que foram deixados para trás, numa volta às perdas. Mas as lembranças os mantêm vivos através da memória.

Como é viver no passado recente e atualmente numa cidade secular como Olinda, cercada de importantes monumentos e patrimônio da humanidade, e também em torno de suas praias e colinas seculares, em suas ladeiras e ruas estreitas? O lazer na cidade de Olinda

⁴ FREUD, 1974.

⁵ PROUST, 1979.

⁶ BERGSON, 1990.

sempre foi caracterizado pela vida a beira-mar, pois, como cidade marinha, gozava sua população das horas de diversão em torno da praia, onde as crianças e as famílias desfrutavam deste prazer.

Por ser uma cidade de população pouco numerosa, antes dos anos de 1950/1960, os habitantes da parte antiga da cidade, o Sítio Histórico, mantinham uma convivência muito compartilhada e as relações de vizinhança eram estreitas, com crianças brincando livremente em suas ruas. As famílias se conheciam e os filhos freqüentavam as mesmas escolas, participavam das mesmas brincadeiras, das festividades que aconteciam tradicionalmente na cidade, tanto as religiosas, com as famosas procissões, que reuniam um grande número de participantes, como as profanas, a exemplo do carnaval, sua festa maior.

Com um ritmo de vida muito comum das cidades pequenas, as famílias de Olinda conservavam o costume de freqüentar suas praças, para escutar as retretas, sentar nas calçadas e trocar idéias com os vizinhos, enquanto as crianças se divertiam em grupos de amigos. As portas permaneciam abertas, bem como as janelas das casas. Como eram casas conjugadas, a proximidade era inevitável e havia um entrecruzamento dos mundos internos, particulares, e externos e públicos, da vida dos moradores da cidade de Olinda. As casas de pé-direito bastante alto e quintais com plantações de árvores frutíferas, presença constante neste tipo de construção de influência portuguesa, tornavam comum as brincadeiras das crianças nestes espaços, em contato direto com a natureza. Os quintais eram verdadeiros parques de diversão para a garotada.

Muitas famílias tinham também o costume de criar animais domésticos nestes espaços: galinhas, gatos, cachorros, passarinhos. O debruçar-se nas janelas para ver a vida passar era costume de Olinda e, neste sentido, a relação entre os mundos interno e externo se cruzava, tamanha era a proximidade física que as portas e janelas dos velhos casarões possibilitavam.

Nesses encontros, as histórias de Olinda circulavam e eram repassadas oralmente para as crianças, como a que vimos na homenagem desta tese, possibilitando que a memória da cidade fosse transmitida e estabelecida. Esses momentos também propiciavam a atualização das informações sobre a “vida alheia”, hábito muito cultivado na velha cidade. A população se conhecia e sabia quem residia em cada casa de suas ruas, ladeiras e becos. Havia, além disso, muito envolvimento e solidariedade entre seus habitantes. Nas ruas e ladeiras de Olinda, as crianças brincavam das tradicionais atividades lúdicas de grupo, como pular corda, esconde-esconde, pega ladrão, amarelinha e outras mais. O ritmo era lento, a vida fluía sem grande corre-corre. Ainda não havia chegado aos lares olindenses a televisão,

nem a Internet. Eis a descrição de Olinda, feita por seus moradores, começando por Alexandre Alves Dias:

O Sítio Histórico, que é onde vivo, tinha muito de cidade de interior. Não sei nas partes mais novas, Bairro Novo, Casa Caiada, Jardim Fragoso. Mas aqui tem esta coisa da vizinhança que se ajudava; você trocava bolo pelo muro, e também havia o hábito de abrir as portas, você às 17 horas, 18 horas, sentava na calçada para conversar. Na rua tinha grupos de jovens, a garotada começava com seus seis, sete, nove anos a fazer uma turma, e ficavam juntos. Era assim na Rua Henrique Dias.

O depoimento acima mostra um tempo em que havia a socialização e a solidariedade entre as famílias, e o brincar na rua era algo possível, porque o ritmo era mais lento, as pessoas mais próximas podiam trocar idéias e experiências, e isto gerava maior identificação entre elas. Não existiam os perigos da violência, que, como vimos no capítulo anterior, também chegou a Olinda. A depoente Ilmar Belo dos Santos relata suas lembranças do tempo de infância e o compara com os tempos atuais, destacando o que mudou nos costumes da população:

Do ponto de vista econômico, a vida era difícil. Um carteiro e uma professora ganhavam muito pouco. Mas nós estudamos no Domingos Sávio, na Academia de Santa Gertrude e no Marista, que eram os melhores colégios. Televisão não existia. No carnaval ou Natal brincava-se mais na rua, mas brincava-se muito nos quintais. As crianças iam uma nas casas das outras nos aniversários — comer salada de frutas na casa de Eliane Vasconcelos [sua vizinha na infância].

Ela lembra bem desse seu período de vida e recorda como a família fazia o abastecimento dos mantimentos, numa época em que não existiam supermercados nem refrigeradores, hoje um dos eletrodomésticos mais frequentes nos lares brasileiros, e ainda como era o lazer e como se divertiam as famílias:

Antigamente, não havia supermercados. Eram duas vendinhas que forneciam os mantimentos; era a família de Neco Bezerra e dos Rocha que tinham vendas. Não existia refrigerador e se comprava só para hoje ou amanhã. A peixaria era no Carmo e na feira compravam-se as verduras e frutas. O lazer era contar história, ouvir novelas de rádio, e as crianças brincavam de pular corda, empinar papagaio,

brincar no quintal da casa, jogar amarelinha. Meu irmão tinha jogo de botão e ele já tinha mais liberdade e trazia os colegas da escola. Os adultos iam ao cinema, ao baile nos clubes de Recife e de Olinda. Na adolescência a gente também ia dançar nas casas dos vizinhos, eram os “assustados” [festa surpresa], que se voltava cantando pelas ruas. Era uma tranqüilidade sem a violência de hoje. Muita coisa mudou em Olinda. Era muito importante o amor nas famílias, havia mais cuidados, havia dedicação dos pais para os filhos e muita responsabilidade. Os filhos tinham respeito aos pais. Isso acabou.

Os aspectos das mudanças nos costumes vêm sendo já revelados, principalmente quanto ao ritmo de vida, menos violento e com uma socialização muito grande entre as pessoas da comunidade. Havia a experiência de se viver em contato com a vizinhança, e as crianças tinham um leque amplo de trocas e vivências nas brincadeiras infantis. Dione Nascimento Silva nos traz seu relato, como olindense que se criou nas ladeiras do Sítio Histórico, mas que também conheceu o mundo em suas viagens como cantora profissional, apresentando-se, inclusive, em outros países, numa época em que as moças de família eram muito presas, não podiam andar sozinhas e eram criadas “no resguardo do lar”.

Não senti preconceito como cantora. Quando cantava no Clube Atlântico, lá estava a alta sociedade de Olinda, o Clídio Nigro e outros, iam e aplaudiam. Eu era estrela. Nunca tive formação, fui autodidata. Sempre fui afinada e desde criança cantava. Lembro do Grupo Duarte Coelho, do professor de canto Sr. Lafaiete, era um dia maravilhoso, eu morava bem em frente, ele mandou fazer aquela arquibancada para o coral, ele tinha um bom ouvido. Em Olinda tinha os catadores de côco que cantavam. Meu tio era um dos primeiros e faziam as rodas de côco. Ele balançando aquele ganzá, cantava tanta coisa bonita do samba. Em Olinda tem afoxé. Antigamente tinha aquelas festas, “os assustados”, e os concertos de viola. Olinda sempre foi muito musical. Há 16 anos surgiram as Serestas de Olinda, eu canto nelas há seis anos.

Dione fala das Serestas, que são patrocinadas pela prefeitura de Olinda, muito famosas e tradicionais, que acontecem todas as noites de sexta-feira. Nessas ocasiões, os músicos e cantores se apresentam pelas velhas ladeiras da cidade, acompanhados pela população e por turistas. Ela também detalha o que percebe que mudou em Olinda, com base em suas vivências:

Em Olinda tinha o Cine Duarte Coelho e o Cine Varadouro. Nós íamos para a matinê, na sessão das oito horas, e papai dizia: terminou, volta para casa! Para namorar era uma dificuldade. Éramos, minha irmã, meu irmão e eu. Na época da guerra, na Sé, havia movimento, pois tinha um quartel lá. Depois era a vidinha pacata, a praia do Carmo, uma vez por semana; hoje em dia lá não presta para banho. Meu pai era muito rígido, a gente fazia os deveres e também tarefas em casa. Fomos educados em colégio e só saía para brincar depois dos estudos. Tinha uma organização. Hoje tudo mudou, acho que é a televisão. Tudo é fácil, há muita liberdade. Acho que foi na família que a educação mudou; os meninos não pedem a benção aos seus pais, não respeitam mais ninguém e nas famílias e nas escolas não há autoridade e respeito.

Ela continua trazendo a Olinda de antigamente e destaca, em sua ótica, quais foram os políticos que mais contribuíram para o desenvolvimento da cidade e quais os pontos positivos em suas administrações:

Quem mais ajudou a mudar Olinda foram os prefeitos que eram muito bons. Ubiratan de Castro foi um bom prefeito, Barreto Guimarães também. Tinha uns que não foram bons, o Arêdo Sodré da Mota e a Jacilda Urquisa. A cidade cresceu, os bairros tiveram uma evolução. Olinda tem evoluído. O comércio de Olinda cresceu. As feiras foram morrendo, só tem agora em Peixinhos.

É interessante perceber que há em seu depoimento o sentimento de perda por um tipo de vida e seus costumes de outrora, que ficaram para trás, mas as lembranças se mesclam com os sentimentos de orgulho pela evolução dos costumes, pela chegada de equipamentos modernos e pelo crescimento e mudanças da cidade. Há uma concordância em relação aos padrões da educação que se recebia nas famílias, quando havia mais respeito e organização. Há também a percepção da violência que hoje atinge a todos. A violência vem junto com o crescimento da cidade.

Apresentamos a cidade de Olinda, na visão da depoente D. Maria José [Zeinha], que estudou no Grupo Duarte Coelho, no qual fez até a quinta série:

Era D. Stela a diretora do Grupo Escolar Duarte Coelho. Lembro das professoras, D. Stela Belo, D. Nair, D. Maria do Carmo Cardoso. O Duarte Coelho era bom demais,

gostava de todas elas. Eram todas muito boas. Nunca fui reprovada. Não continuei os estudos porque não tive condições. Aí parei de estudar. Morei muitos anos nos Quatro Cantos, lá só tinha a Loja Azul, uma padaria de Seu Militão, a venda de Neco Bezerra. A diversão era uma retreta no Carmo, todo domingo. E cinema, que era no Varadouro.

Sua narrativa demonstra sua relação com a cidade e com a antiga escola, da qual guarda o nome das professoras e as boas lembranças que ficaram na memória da época em que viveu como aluna. Lembra de como era o comércio em Olinda, o que ainda permanece e o que foi mudando nesses anos na cidade:

O bairro cresceu, tem mais mercados, granjas, lojas e os ônibus chegaram até o Bonsucesso. Antes tinha que se ir pegar ônibus no Carmo, que era longe. As casas se remodelaram. O Bonsucesso cresceu. Surgiram novas escolas, como a Maria da Glória e tem também o Mobral onde as pessoas podem estudar à noite. Mas, nos Quatro Cantos mesmo, não mudou nada.

Interessante sua experiência de vida, as dificuldades que enfrentou e o preconceito por ter escolhido trabalhar como tapioqueira, em 1972. Trabalha no Alto da Sé até hoje.

Comecei a trabalhar como costureira, quando tinha vinte anos. Depois trabalhei uns quinze no atelier de Perolina, famosa costureira da Rua Treze de Maio, fazia de tudo — vestido de noiva, roupas diversas. Aí, um dia, um amigo me disse: “tu tens vergonha de fazer tapioca?” aí eu disse: “tenho não”, “então eu vou lhe dar o meu lugar”. Isto foi em 1972. Porque antes muita gente tinha vergonha de ser tapioqueira, censurava, achava que era humilhante. Hoje em dia não, já tem 34 tapioqueiras trabalhando no Alto da Sé.

Ela nos descreve o que significa a “Feirinha das Tapioqueiras”, que já faz parte do cenário de Olinda, e surgiu em torno das décadas de 1960/1970. Sempre foi muito procurada pelos moradores e pelos turistas. O Alto da Sé, a mais importante colina de Olinda, reúne em seu entorno também a feira de comidas típicas e lojas de artesanato. É um local em que sempre há muitas apresentações de grupos artísticos da terra, cantadores, repentistas, grupos de maracatu, de samba, de frevo. Tem uma movimentação muito grande de pessoas da cidade

e de turistas, tanto de dia como à noite, pois de lá se tem uma magnífica vista da cidade do Recife, do mar e de Olinda.

Do começo até agora foi bom o trabalho de tapiqueira, fiz muito conhecimento. Fiquei muito conhecida, já me chamaram para fazer filmagem. Eu não posso estar em lugar nenhum escondida, todo mundo me conhece. O movimento já foi melhor, de 1976 a 1980. Antigamente podia subir ônibus até a Sé e hoje não sobe mais. Era outro tipo de pessoas de elite que vinha. Não ia pobre, e eu dizia: pobre lá em cima só as tapiqueiras! Vinha gente de Boa Viagem, Recife, Jardim Atlântico. Muita gente bonita, paquerando, arranjando namorada, tocando violão, fazendo bilhete e mandando a gente entregar, era muito divertido. Agora não é mais, diminuiu muito o movimento, porque se misturou. Começou com negócio de droga, ficou uma fama muito feia, de violência; mas dia de domingo ficou um pouquinho pesado, depois das 19 horas. O policiamento é bem ostensivo e já tem posto policial lá; na época antiga nem precisava. A diferença que tem era o respeito, hoje não existe mais. Antes se respeitava demais, tanto os pais quanto os mais velhos.

Também com a comida típica, D. Zeinha viu surgir mudanças que foram sendo incorporadas com o tempo. Seu relato dessas novidades mostra a evolução dos costumes, que aos poucos vai acrescentando coisas novas à forma tradicional de se fazer os quitutes da região, muitas vezes trazendo mudanças que vão quebrando as tradições. Eis seu relato:

A tapioca mudou. Quando começou, era só com o recheio de côco, bem tradicional. Depois já apareceu o queijo de coalho, agora pedem com calabresa, presunto, frango, charque, carne de sol, camarão, doce de leite, leite condensado, goiabada, banana, queijo catupiri e também com orégano. Mas a que vendo mais é a de côco.

A descrição de uma Olinda, cidade menor e mais tranqüila antes da chegada da violência é feita pelos depoentes, que também apontam a falta de educação e de respeito das pessoas, tanto nas relações familiares como sociais, uma das mudanças percebidas na cidade. Neste ponto, os depoimentos são concordantes e se aproximam das informações trazidas por Suely Silva de Lima, no capítulo anterior, moradora da invasão V-8, no Sítio Histórico. Esta depoente descreveu sua vivência diária com a questão do tráfico de drogas na cidade e toda a violência que envolve a comunidade. D. Zeinha traz essa mesma questão, que chega também

ao Alto da Sé, que era antes pacífico e agora tem a fama de um lugar violento, e isso afasta os clientes e os turistas.

Yves Pedrazzini,⁷ sociólogo, pesquisador e estudioso da questão da violência e da pobreza nas cidades contemporâneas que cresceram e viram a chegada das favelas e invasões, como é o caso das grandes metrópoles ao redor do mundo, no Brasil e em particular em Olinda, assim destaca a grave questão:

Destinadas ao esquecimento, estão as favelas que cercam as cidades coloniais e modernas, são milhares de casas de tijolos e papelão construídas por habitantes privados de seus sonhos de liberdade. O urbanismo dos autoconstrutores modela constantemente a paisagem das cidades informais, onde certamente a violência encontra seu espaço. Mas nas favelas, nos *slums*, nas *innercities* e nos bairros de periferia vivem três quartos da população mundial.

A violência nas grandes cidades não é um fenômeno que afeta apenas a cidade de Olinda, mas está muito presente no Brasil contemporâneo. Em Olinda, há cinco décadas atrás, não existia, portanto, é recente, faz parte dos grandes problemas sociais que o país enfrenta, ao lado da péssima distribuição de renda da população.

7.1 VIDA RELIGIOSA E FESTAS PROFANAS EM OLINDA

Além da descrição das mudanças dos costumes e da chegada da violência em Olinda, os depoentes descreveram também mudanças em relação à vivência da religiosidade católica trazida pelo colonizador português e traço identitário bastante forte dos habitantes de Olinda, cuja vida religiosa era muito intensa. Havia muita participação popular em seus rituais, principalmente nas procissões. Mas isto tem diminuído. Eram também muito esperados e festejados os rituais realizados quando aconteciam as “Missões Católicas”, que eram movimentos de renovação da igreja católica, dos quais a cidade inteira participava. Em Olinda, eram realizadas na igreja de São Pedro Mártir e o importante é que havia a chegada dos padres missionários estrangeiros, ou seja, vinham especificamente para realizar a “Missão” na paróquia. Adilson de Almeida Vasconcelos detalha em suas memórias as vivências desses grandes acontecimentos em Olinda:

⁷ PEDRAZZINI, Yves. *A violência das cidades*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. p. 14.

Foi no período que o Padre Oswaldo era o pároco da igreja de São Pedro Mártir que ocorreram as Missões Redentoras. Foi um movimento que um grupo de padres fazia no Brasil, percorrendo-o com uma imagem da Virgem Maria e pregando de forma bastante avançada, cativante e envolvente, arrastando multidões aos eventos por eles patrocinados. Um desses eventos era a migração da imagem de uma cidade para outra. Lembro que papai conseguiu trazer a imagem de Paulista para Olinda. Foi um grande acontecimento. Foram seis ônibus para buscá-la, e todos foram lotados. Ao voltar em cortejo, a Imagem foi para a nossa casa na Rua 27 de Janeiro, que estava toda engalanada para recebê-la, com fogos, luzes especiais e um altar decorado na sala de visitas. Houve rezas e muita gente vários dias lá em casa.

Lembra ainda o depoente que essas Missões deixavam uma marca profunda na comunidade e eram eventos que aproximavam as pessoas em torno da igreja e sedimentavam a idéia de pertencimento a uma comunidade. Foi com as Missões na década de 1950 que foi erguida na pracinha em frente à Igreja Matriz de São Pedro uma grande cruz de madeira, entre duas palmeiras que ornavam a praça. A crença e religiosidade da população de Olinda eram intensas, e a presença da religião católica era marcante. As igrejas costumavam ter bastante freqüência em suas missas domingueiras. Havia algumas muito concorridas ou porque o padre fazia bonitos sermões, ou havia muitas moças e os rapazes acorriam para vê-las, ou ainda eram missas rápidas, que logo liberavam a todos para aproveitar o domingo. Recorro ainda a Adilson de Almeida Vasconcelos, que descreve muito bem essas missas:

A missa da igreja do Carmo era muito rápida, não faziam sermão ou se faziam era breve. Papai, mamãe, eu e meus irmãos íamos a essas missas, penso que o horário era mais conveniente. Os padres Carmelitas vinham de Recife para rezá-la às 09.30. Mas a igreja do Carmo, no topo daquela colina entre a Praça da Preguiça e a do Carmo, sempre me dava a impressão de estar abandonada, diferente da igreja de São Pedro Mártir, que estava sempre arrumada e tinha sacristão fixo, Sr. Chico. A igreja do Carmo vivia sempre fechada, só abria aos domingos.

As crianças eram obrigadas a freqüentar as missas desde os sete anos, e muitas vezes não sabiam o real significado do ritual. Nas lembranças ficaram os registros dos movimentos de ficar de pé, sentar, ajoelhar, levantar de novo, nas celebrações que eram feitas em latim, impossibilitando que as pessoas, e muito menos as crianças, pudessem não só entender, mas

acompanhar o que se passava lá na frente, junto ao altar. Tratava-se então do sagrado, e quanto mais misterioso e inatingível, mais santificado parecia aos olhos dos olindenses e de suas crianças. Já D. Zeinha, lembra das práticas religiosas da população:

Tinha muitas festas religiosas, procissão, e no mês de maio festa de 30 dias, festa de Santo Antonio, uma reza de treze dias. Eram feitas nas casas. A população freqüentava igreja todo domingo e dia santo, era obrigação. Não tinha igrejas de outras religiões; só uma igreja de crente, lá na Rua 13 de maio. De origem africana, tinha Pai Edu, que ainda continua com o palácio de Yemanjá [no Alto da Sé]. Ainda tem o culto que aqui chama Xangô, mas o povo ia mais para as igrejas católicas, eram os rituais que costumava freqüentar.

É importante destacar a importância de Pai Edu, como era conhecido Edwin Barbosa Silva, famoso pai de santo de Olinda, em relação à tradição dos ritos das religiões de origem africana, trazidas pelos escravos. Ele foi um batalhador em conseguir criar e manter em atividade seu terreiro, no Alto da Sé, por mais de 30 anos, permanecendo no mesmo lugar. Houve muita pressão para que se mudasse de lá com seus cultos e fiéis que freqüentam regularmente até hoje. Aconteceu muita perseguição a esse templo e muita ameaça de expulsão, mas “O Terreiro de Iemanjá” conseguiu permanecer, e hoje faz parte do cenário de Olinda. Lembro, quando adolescente, aluna da Academia de Santa Gertrudes, tradicional escola de Olinda, de ouvir as freiras se referirem ao terreiro como coisa do “demônio”. Tratava-se de um colégio religioso da irmandade da Ordem das Dorotéias, situado também no Alto da Sé, e freqüentado pelas moças da sociedade, a elite da cidade, onde o aceito era a religião católica romana tradicional. O diferente era visto com preconceito; não havia abertura para o sincretismo religioso, que apesar de praticado pela população, não podia ser oficializado.

Podemos perceber como foi longa a luta do Pai Edu para preservar o terreiro, pela matéria da imprensa publicada a respeito. E ele continua no mesmo local até a presente data. Percebemos que os seguidores destas religiões vão se organizando em seus diversos grupos e já se encontram mais presentes e são mais aceitos na cidade.⁸

⁸ Notícia veiculada pelo *Diário de Pernambuco* de 28/12/72, denuncia: “Pai Edu contesta Patrimônio Histórico”. Era ameaça de expulsão e de destruição que por longos anos foi vítima o Palácio de Iemanjá, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e pela própria comunidade de Olinda. Já a *Folha de Pernambuco*, de 2/06/1989 divulga: “Comunidade Afro-Umbandista Orixás”. A matéria fazia a divulgação do “I Encontro Estadual de Tradição dos Orixás”, em Olinda. Hoje em dia, as práticas dessas religiões são aceitas de forma mais tranqüila pela população e pelas autoridades. Os preconceitos vão sendo derrubados.

Lembro que em meu tempo de infância e adolescência, as escolas para os adolescentes em Olinda e Recife mantinham separadas suas ofertas de cursos só para moças e outros só para rapazes. Hoje em dia, por determinação do governo, as escolas são mistas, desde a educação básica até o terceiro grau, tanto nas escolas como nas universidades em todo o país.

Voltemos ao tema da vida religiosa da cidade, com o Cônego Valdenito Lauriano Oliveira.⁹ Pároco em Olinda, depoente da pesquisa, expõe sua visão sobre a igreja católica e seus movimentos sociais junto à população. Ele é pároco há 34 anos na igreja de São Pedro Mártir, no Sítio Histórico de Olinda. Eis sua visão da igreja católica neste momento:

As procissões continuam sempre com muita frequência; a do senhor Salvador do Mundo é muito concorrida, continua no mesmo ritmo. Agora estamos fazendo também as Missões, em plano nacional. Houve aqui uma muito grande, com a presença de Frei Damião, e o resultado foi muito bom. Houve vários casamentos, batizados; eu fiquei de plantão. A procura por batizados continua, são feitos de dez a dezessete aos sábados e domingos; há muita procura. Nas missas a frequência tem diminuído, porque a televisão está muito dentro das famílias, mas há um movimento interessante. Em maio e dezembro, há muitos casamentos. Isso permanece. A gente mantém as portas abertas para o movimento de arte da cidade, aqui se faz concertos de música, o povo gosta e é muito voltado para as artes.

Carlos Ivan de Melo, estilista e artista plástico, como vimos, dedicou-se às tradições religiosas e profanas e participou ativamente dos rituais da igreja católica, principalmente como membro das irmandades religiosas e como decorador de altares e andores das procissões e também criando fantasias de blocos carnavalescos. Ele detalha suas vivências:

Eu participava das procissões, fazia a decoração dos andores, não só de Olinda como de Recife. E hoje eu coordeno — a nossa família fazia a doação do andor da padroeira da cidade do Recife — N. S^a. do Carmo, e também daqui de Olinda. As procissões quaresmais, também de Olinda, têm a minha participação ativa, porque tenho a minha religiosidade. Já fui da irmandade da Igreja do Bom Parto e hoje

⁹ Pe. Valdenito Lauriano Oliveira tem 82 anos, padre diocesano secular, é olindense, nascido em Beberibe. Chegou à paróquia em 1972. Participa ativamente dos movimentos de Renovação Carismática que se transformaram nas pastorais. Atua junto a grupo de famílias e de casais e faz parte de um amplo trabalho assistencial junto à população carente da cidade, inclusive, coordena grupos de fiéis que atendem aos necessitados em várias igrejas de Olinda. Tem um trabalho assistencial na Ilha do Maroim, comunidade carente da cidade.

participo da irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos, de Olinda, que é de 1772. É secular e vinculada à igreja do Carmo, onde se guardam as imagens que são usadas nas procissões. As imagens da Paixão são de roca; só tem imagem do busto para cima, que são perfeitas, embaixo é armação de madeira, porque são mais leves para ser carregadas nas procissões do Senhor Morto e na dos Passos.

As procissões de Olinda eram muito famosas e muito concorridas. Como eu morava na Rua 27 de Janeiro, assistia à passagem da procissão dos Passos nessa rua, acompanhada de uma multidão. Tinha um nicho, que era uma pequena capela, e havia toda aquela expectativa com relação à dramatização, que se fazia com o andor, imitando as quedas de Cristo, nesse local. Estas cenas eram comovedoras e vividas com intenso fervor religioso pela multidão que acompanhava a procissão e impressionantes ao olhar das crianças. Como também era criança na época, lembro de um fato que me chamava a atenção: a população que passava para ir à procissão descia a ladeira da Rua Vinte e Sete de Janeiro, que era caminho para se chegar à igreja de São Francisco, de onde saía o cortejo. Muitas pessoas levavam os sapatos na mão; creio que não tinham o hábito de usá-los, e muitas passavam descalças. Outras iam descalças, como forma de pagar promessas alcançadas. Lembro que era comum a população pobre e negra de Olinda andar descalça nesta época na cidade. Adilson de Almeida Vasconcelos detalha suas lembranças sobre estes rituais:

Havia as irmandades que se distinguiam pelas cores das suas indumentárias, que eram as pelerines. Nas procissões, os seus membros faziam fileiras, ao lado dos andores. O povo acompanhava depois da banda de música. Os políticos e autoridades vinham depois do andor. À frente, em destaque, vinha o estandarte (com as letras S.P.Q.R.), era latim e o povo traduzia por: sopa, pão, queijo e rapadura. Os círios eram disputados para serem carregados, significava algum cargo na irmandade. A procissão do Sr. dos Passos era organizada pela irmandade do mesmo nome. Em alguns lugares predeterminados, a procissão parava e os carregadores do andor faziam uma manobra arriscada e que sempre causava suspiros nas multidões. São os cinco nichos — pequenas capelas com imagens sacras em Olinda, localizadas na Sé, no Amparo, nos Quatros Cantos, na Ribeira e a última na Rua 27 de Janeiro. Essa manobra consistia em posicionar o andor de frente para o nicho, recuar um pouco com ele e avançar rápido até o nicho, ajoelhando-se apenas aqueles que carregavam a parte da frente do andor. Para quem assistia, dava a impressão que a imagem do

andor se ajoelhava, e a idéia era imitar as quedas de Cristo no Calvário. Como era uma passagem rápida e incomum, as pessoas davam muita importância a assisti-la, e talvez, quem sabe, na expectativa de que errassem a manobra e o andor se estatelasse no chão. Só assim podemos entender as intensas palmas da multidão, quando terminava a manobra.

As procissões ainda existem, mas não reúnem tantas pessoas como antigamente e a frequência às igrejas já não se dá como antes. Lembro da procissão de *Corpus Christi*, na qual, por várias vezes, desfilei como aluna da Academia de Santa Gertrudes, com a minha farda de gala. Era um momento festivo para todas as alunas, pois não era comum sairmos dos muros do colégio.

O depoimento de Carlos Ivan de Melo, que é um defensor das tradições e tem se preocupado com as transmissões dos costumes e dos festejos religiosos, confirma o esvaziamento que se verifica hoje em dia:

Nas procissões antigas, os andores eram carregados em ombros, hoje são em kombis. Mas antes havia os carros triunfais, que vêm de 1900-1902. A televisão mudou muito o comportamento da comunidade; antigamente as programações religiosas eram completamente festejadas. As entidades religiosas eram maiores, tinham suas diretorias, secretarias; hoje têm apenas algumas que funcionam e se descaracterizaram totalmente, tirando o hábito de se usar as túnicas das irmandades nas procissões, o que é uma pena! Aqui em Olinda, quando eu era criança, as procissões tinham mais gente, tinha mais participação. A Procissão de Corpus Christi, a Academia de Santa Gertrudes participava com suas alunas com farda de gala, com boina, blusa de manga comprida. Era solene.

Pelos depoimentos, percebemos a intensa vida religiosa da população de Olinda, predominantemente católica. Hoje, entretanto, tem crescido muito no Brasil, não apenas em Olinda, as igrejas chamadas evangélicas, que abarcam outras religiões de formação cristã, e contam com um grande número de seguidores. Rosa Maria Assis dos Santos, depoente da pesquisa e seguidora da religião cristã, nos traz sua participação como evangélica, e os trabalhos sociais dos quais participa:

Foi bom o trabalho comunitário que fiz, como pesquisadora na Prefeitura de Olinda, e que pude continuar a fazer com a comunidade religiosa, participando da igreja, depois que eu me converti ao evangelho. Trabalho com a comunidade, mostrando tanto Jesus quanto o que a gente pode fazer em relação à questão social. A gente trabalha com crianças, com jovens e com pessoas da terceira idade. Trabalha com esporte, com a área social, distribuição de alimentos, assistência ao que eles precisarem na questão de saúde, educação, com o reforço escolar. Estou nessa atividade desde os 27 anos.

Os depoentes afirmam que, pela primeira vez na história da cidade, há um crescente afastamento da população da Igreja Católica e o esvaziamento de seus rituais. Por outro lado, apontaram também um desrespeito às normas ou a ausência delas, e a falta de respeito aos mais velhos e às autoridades, na família, nas escolas e na sociedade em geral. Isto é percebido como uma grande perda muito presente hoje em dia. É apontado como grave falha nos aspectos educacionais, nas convivências entre as pessoas e em relação à sociabilidade.

Os relatos dos depoentes apontaram para uma relação curiosa entre as vivências dos olindenses nos rituais religiosos e sua participação nos festejos profanos da cidade, principalmente no mais importante deles que é o carnaval. Assim Carlos Ivan de Melo descreve as relações entre as duas manifestações populares:

Se a gente analisar direitinho, a procissão tem uma comparação com um bloco carnavalesco. Porque à frente da procissão vêm as insígnias, que são os círios e a cruz das irmandades, depois vem as pessoas formando filas com seus estandartes e pendões. Após vem o andor com a imagem do Santo, o pálio conduzido por um padre com um crucifixo, e em seguida vinham as autoridades civis, eclesiásticas, militares. Logo depois a banda de música e o povo. No bloco carnavalesco é exatamente isto: vem na frente as faixas da agremiação carnavalesca, em seguida as fantasias que vem em fila, depois então vem o estandarte, que é símbolo do clube carnavalesco e a banda de música. É um fato muito curioso: as mesmas pessoas que trabalham para as procissões, que adornam os andores, que bordam os mantos das imagens, são as que trabalham para o carnaval, fazendo as fantasias carnavalescas, adornos de cabeça. Eu participo ativamente de ambas, comecei no carnaval em 1963.

A importância dessas manifestações em Olinda, tanto as religiosas como as profanas, fazem parte da vida dos olindenses e de suas famílias e são traços identitários que revelam seu amor à cidade. Assim Carlos Ivan de Melo continua descrevendo, através da memória, sua relação com estas manifestações populares:

Hoje estou fazendo [as fantasias] do Bloco da Saudade, que é uma agremiação carnavalesca muito curiosa, porque resgata as músicas antigas de carnaval, que eram acompanhadas de instrumentos de pau e corda. Então a minha vida de carnaval e de igreja é muito movimentada. Sou muito procurado como estilista, pois já fiz desenhos de fantasias para o Clube Carnavalesco Pitombeiras dos Quatro Cantos de Olinda.

José Ataíde de Melo,¹⁰ depoente da pesquisa e estudioso do carnaval, assim ilustra, em seu livro intitulado *Olinda, Carnaval e Povo*, as relações entre as duas manifestações populares e mostra que é antiga essa particularidade:

Hoje, como antigamente, os mesmos que dirigem as entidades carnavalescas, dirigem também, as entidades religiosas. As chamadas irmandades. Citamos por exemplo: Miguel Canuto, da agremiação “Destemidos”, era dirigente da Irmandade de São Braz; Severino Pinto, de “Prato Misterioso”, dirigia a Irmandade da Igreja do Varadouro; Antonio Melquiades das Neves, participava desta última entidade religiosa.

Sobre o carnaval de Olinda, D. Gina Genoveva¹¹ assim recorda sua participação:

O carnaval já foi muito bom! A gente enfeitava as ruas, fazia os arranjos. Enfeitava o Largo do Amparo e a Rua da Boa Hora, que era uma das ruas que ficava mais bonita. Eu enfeitei e ganhei até prêmio! Hoje está mais fraco, porque a situação está muito difícil para todos. “A Flor da Lira” eu acho que é o único bloco no Brasil que ainda usa instrumento de corda, banjo, violão e as mulheres saem cantando. É uma coisa linda!

Percebemos que há também uma inter-relação entre os artistas e as manifestações populares. D. Gina fazia a decoração de rua para o carnaval. Já Tereza Costa Rego,¹²

¹⁰ MELO, José Ataíde de. *Olinda, Carnaval e Povo*. Olinda: Fundação Centro de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda, 1982. p. 18.

¹¹ Gina Genoveva Alves, olindense, artista plástica, uma das mais importantes pintoras de Olinda. Já participou de inúmeras exposições de arte e teve reconhecimento dentro e fora do país, com a sua pintura de estilo primitivo, alegre e colorido. Autodidata, expressa com maestria as cenas e cenários de Olinda. Tem dois filhos e netos.

¹² Tereza Costa Rego, importante artista plástica, mora em Olinda há 27 anos. Seu ateliê está situado no Sítio Histórico. Tem formação acadêmica, fez mestrado e doutorado em História Social na Europa. Atualmente é Assessora da Prefeitura Municipal de Olinda e diretora do Museu do Mamulengo, de marionetes, único da América Latina de bonecos. Já foi Secretária da Cultura do município e uma das idealizadoras do movimento intitulado: “Olinda arte em toda parte”. Participou de inúmeras exposições e bienais, tendo recebido muitos prêmios pelos trabalhos apresentados. Já foi também Diretora do Museu do Estado, que é o maior de Pernambuco e do Nordeste.

importante nome das artes plásticas olindense, assim expressa suas lembranças e vivências com o carnaval de Olinda:

O carnaval de Olinda é uma coisa muito específica, não precisa de patrocínio. Com fitas na rua ou com decoração caríssima é o povo morador que faz o carnaval e continua assim. Agora, atualmente, eu saio de Olinda. O carnaval está ficando muito agressivo, porque é gente demais. Porque você não consegue dormir, o barulho é enorme, são milhares de pessoas e tem também os blocos novos, como: “Eu acho é pouco”, bloco dos arquitetos da pequena burguesia. Tem em Olinda o dono de uma bodega, o “Veio”, que é uma pessoa muito simpática, ele vai na Procissão de Passos, com aqueles arames, segurando o andor, e vai no carnaval. É uma coisa muito típica, as pessoas que fazem estandarte, são as mesmas do carnaval. Fazem os bonecos grandes que saem na rua, uma coisa linda e que parece um pouco com a procissão, com o andor, os bonecos vem fazendo passo, balançando os cachos. Surgiu assim o bloco “Homem da Meia-Noite”, o primeiro, que é um boneco cheio de tradição e misticismo. Quando ele passa aqui, eu fico emocionada, como se estivesse esperando um namorado na janela. É um mito!

Sua percepção, em relação às semelhanças entre as duas manifestações populares coincide com as de Carlos Ivan, que descreve as particularidades dos dois festejos. Traz sua relação com a figura do Homem da Meia Noite, que foi um dos primeiros bonecos gigantes a desfilar pelas ruas de Olinda e costuma provocar suspiros nas mulheres. Roziane Bernardo de Holanda Ribeiro assim descreve sua relação com o Homem da Meia Noite:

Para ver o Homem da Meia Noite a gente tem que ir para o Largo do Amparo, que fica totalmente cheio, chegar antes e esperar. Ele sai à 1 hora da madrugada, todo ano eu costumo ver. É um boneco, mas é muito querido, pela sua magia, sua lenda e sua história. É a paixão das mulheres; é o mais tradicional daqui.

Já Marília Didier Oliveira Reis percebe o Homem da Meia Noite como uma relação identificatória especial para as olindenses, com o qual há uma intensa relação afetiva:

O Homem da Meia Noite para as pessoas é especial, na Rua Prudente de Moraes, quando ele e o bloco da Mulher do Meio Dia, esses mais tradicionais passam, não

existe espaço para ninguém; as pessoas que vendem as cervejas levantam os isopores, é uma coisa! Eu acho que é uma referência para qualquer olindense ou com qualquer pessoa que esteja envolvida com a cidade; é incrível como a gente vê a cidade representada nesta figura.

Rosa Maria Assis dos Santos relata a história desse boneco — Homem da Meia Noite —, que foi transmitida oralmente por sua mãe, portanto há mais de uma geração, e nos fala também de seu mito, que guarda com carinho na memória:

Eu acho o mais bonito de todos. O boneco do Homem da Meia Noite, que surgiu por causa de uma história de um homem galanteador, que passava toda a noite no mesmo horário e as moças donzelas ficavam na porta, para vê-lo passar. Ele largava o serviço à noite, eu não me recordo se era na vigilância ou se era garçom. Todas as moças achavam ele lindíssimo [...] Assim surgiu o boneco. Hoje eu acho que não tem mais essa magia, porque essa história nem todos conhecem.

O carnaval de Olinda, sua festa maior, reúne uma multidão que acompanha seus blocos e troças que descem e sobem ladeiras, acompanhados das bandas de música que vão puxando seus frevos e o povo fazendo o “passo”, dança frenética, em que os pernambucanos acompanham o ritmo que a todos contagia. São inúmeras as agremiações que desfilam e há as que são mais antigas e tradicionais na cidade, que despertam a rivalidade entre seus seguidores. Em relação ao aparecimento dos bonecos gigantes no carnaval de Olinda, Olímpio Bonald Neto,¹³ em seu livro intitulado *Os Gigantes Foliões em Pernambuco*, assim descreve o fenômeno:

Os bonecos gigantes, embora tendo surgido primeiramente às margens do Rio São Francisco, na cidade sertaneja de Belém, cresceram e se multiplicaram mesmo foi em Olinda. E a centenária Marim, que já era Cidade mãe de cidades, é também fecunda matriz dos Gigantes Foliões do carnaval pernambucano [...] E nesse mundo olindense, onde arte e artesanato fazem parte do cotidiano, facilitou e estimulou a intuição para o aprendizado dos artistas bonequeiros que — imitando os amadores carnavalescos que primeiro criam o GIGANTE HOMEM DA MEIA NOITE, em 1932 — fizeram com suas mãos e sua imaginação poderosa a geração de bonecos gigantes.

O carnaval, festa pagã em seus primórdios, esteve ligado às tradições de Portugal. Foram os portugueses que o trouxeram para os trópicos. Era conhecido como “entrudo”.

¹³ BONALD NETO, 1992, p. 48; 60.

Vejamos no Dicionário seu significado: “Entrudo: [do Latim. *Introitu.*] S. m. 1. Carnaval 2. Brás. Folguedo carnavalesco antigo, que consistia em lançar uns aos outros água, farinha, tinta, etc.”¹⁴ A idéia é de *introdução*, pois o carnaval antecedia em 40 dias os rituais quaresmais católicos. Portanto essa festa também está ligada ao calendário religioso.

Como vimos, em relação à proximidade entre as festas religiosas e profanas, é importante lembrar que, em Pernambuco, e em Olinda em particular, o carnaval apresenta influências não só dos portugueses, mas também da herança dos “maracatus” trazida pela população negra, espécie de cortejo da realeza africana, que repete essa vivência no período carnavalesco. Como é um suntuoso séqüito, em que desfilam os reis, ricamente trajados, que vêm sob um pódio, acompanhados de seus vassallos e dos músicos, lembra também as procissões religiosas católicas, que usam o pódio em seus cortejos sacros.

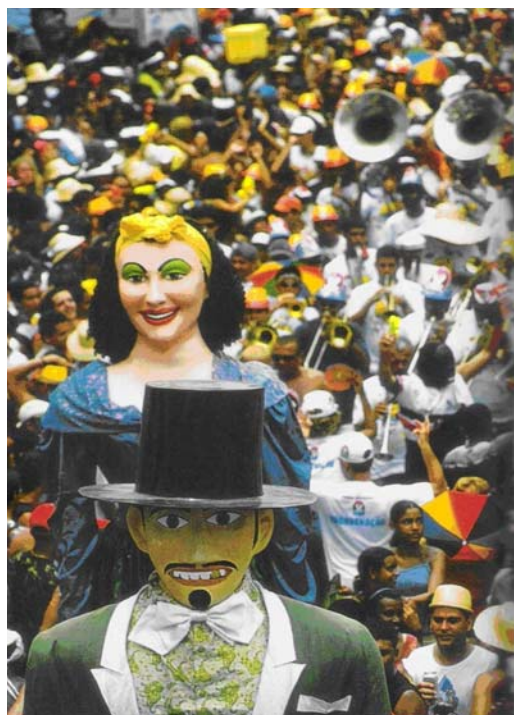
Já os clubes de índios, os “caboclinhos”, com suas fantasias de penas e com arco e flecha de madeira, reproduzem as lutas, as danças e os cânticos vindos dos caboclos e fazem suas declamações em loas. Todos eles mostram a multiplicidade de influências e riqueza do carnaval de Olinda. Temos, portanto, a influência do português, do africano e dos gentios, os três povos que participaram da formação do povo brasileiro, representados nas festas carnavalescas de Olinda e que são traços identitários fortes para os pernambucanos e para os olindenses em particular.

A seguir, fotos dos blocos carnavalescos de Olinda, com seus tradicionais bonecos gigantes, bem típicos da cidade, com o Maracatu, sua rainha e seus caboclinhos, são traços marcantes do carnaval e remontam aos antigos moradores que povoaram a região e formaram a identidade de seu povo. O carnaval de Olinda é multicultural e isto é muito cultivado por sua população.

¹⁴ FERREIRA, 1986, p. 667.



Fotografia 73 – Bonecos gigantes que desfilam no carnaval de Olinda. 2003¹⁵



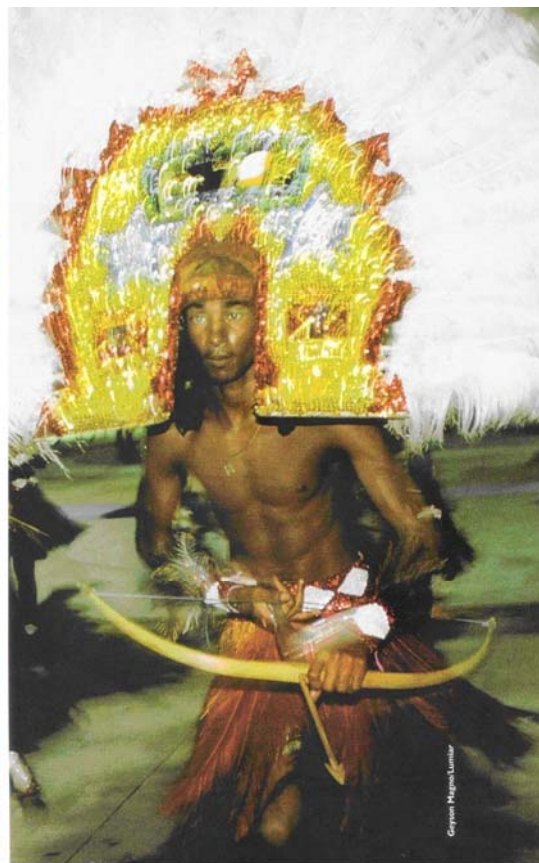
Fotografia 74 – Homem da Meia Noite e da Mulher do Dia, banda de música e população em Olinda¹⁶

¹⁵ Fonte: MATOS, Adriana Dória. Carnaval é como um rio. *Revista Continente-Documento*, Recife, Ano I, n. 7, p. 5-35, 2003.

¹⁶ Figuras tradicionais do Homem da Meia Noite, de cartola preta e dente de ouro à frente; atrás Mulher do Dia; banda de música e população que enche as velhas ladeiras de Olinda. Fonte: *Ibidem*, p. 27-28.



Fotografia 75 – Rainha do Maracatu¹⁷



Fotografia 76 – Caboclinho com traje de penas, arco e flecha de madeira¹⁸

É curioso que a grande festa de Olinda, seu carnaval, aconteça exatamente em seu Sítio Histórico. A festa que já foi pequena antigamente e restrita a seus moradores e familiares, que em grupos de vizinhos criavam e organizavam seus bloco e clubes, cresceu a partir dos anos de 1970 e hoje reúne milhares de participantes que vêm de outras cidades. Esta afluência de pessoas deixa suas antigas e estreitas ladeiras totalmente lotadas de foliões.

Assim Luciana Veras¹⁹ descreve o carnaval de Olinda, uma festa do povo:

É, pois uma genuína festa do povo, que parece, do Sábado de Zé Pereira à Quarta feira de Cinzas, ignorar as castas sociais e a exclusão que cinde o país (e não é diferente em Olinda, com a favela do V8 margeando as ladeiras que sobem do Varadouro) e instigar a democratização. De tudo: sons, ritmos, compasso.

¹⁷ Rainha do Maracatu, com os símbolos da realeza, a coroa e os trajes de gala, desfila embaixo do pálio. Fonte: MATOS, 2003, p. 24.

¹⁸ Caboclinho exhibe seu traje de penas e seu arco e flecha de madeira. Fonte: Ibidem, p. 24; MEDEIROS, Roseana Borges. Clubes e troças. *Revista Continente- Documento*, Recife, Ano III, n. 30, p. 31-37. 2005. p. 37.

¹⁹ VERAS, 2006a, p. 37.

Marcos Aurélio de Oliveira Reis,²⁰ empresário de Olinda, assim percebe a relação dos turistas com a cidade:

Antes o carnaval era das famílias de Olinda; hoje é maior a participação das pessoas de fora. Os turistas que freqüentam o hotel vêm interessados na cultura. A Rua Prudente de Moraes e Amparo são corredores de arte permanente. Tento sempre preservar as manifestações artísticas, promovendo exposições de arte e tendo obras de arte nele. Fui um dos primeiros a acreditar no potencial turístico de Olinda. O Hotel já tem 24 anos, mas há carência de pessoas qualificadas. Recebo muitos turistas estrangeiros interessados na história, nas artes e na cultura.

Já que falamos dos festejos e da religiosidade do olindense, importante aqui apresentar a relação de Olinda com suas igrejas, não apenas do ponto de vista da religiosidade, mas pela riqueza artística do acervo que os templos católicos apresentam em sua arquitetura e decoração desde a época de sua construção, no período colonial, e que se mantém até o presente. Isso para que possamos entender a relação histórica da população de Olinda com suas tradições, seus monumentos, as construções religiosas, o casario e também as artes.

7.2 OLINDA: CULTURA, MONUMENTOS E ARTE

A cidade de Olinda já nasceu em “berço esplêndido”, como é referido o país em seu Hino Nacional. Tomando aqui o sentido da palavra *esplêndido*, temos: “Esplendor: [Do lat. Splendore]. S. m. 1. ‘Brilho intenso, fulgor, resplendor; 2. Suntuosidade, pompa; 3. Grandeza, intensidade. Algo que é da ordem do ‘maravilhoso’ e ‘deslumbrante’.”²¹

São os significantes aos quais recorreremos para a descrição dos altares e das decorações que as igrejas de Olinda exibem até hoje, em seu exuberante estilo barroco, trazido pelos padres portugueses no período colonial, que aqui construíram seus mosteiros, igrejas, capelas, seminários e palácios, financiados pela riqueza advinda principalmente da produção do açúcar.

Destacamos, entre outros, o Mosteiro de São Bento, no Sítio Histórico de Olinda, que teve sua construção iniciada no século XVI e foi destruído pelos holandeses, quando Olinda foi por eles incendiada, em 1631. Sua reconstrução ocorreu no século XVII e sofreu uma

²⁰ Marcos Aurélio de Oliveira Reis, 60 anos, empresário do Setor de Hotéis. Seu empreendimento, no Sítio Histórico, foi um dos primeiros e já tem 24 anos de funcionamento. Hoje já ocupa três casas, que procura conservar o estilo e promover exposições. Seus filhos abriram um espaço de exposição e venda de arte e uma delas é artista plástica e arquiteta e também depoente desta pesquisa.

²¹ FERREIRA, 1986, p. 707.

reparação completa que definiu sua atual apresentação, que resultou em seu impressionante estilo. É uma das mais importantes construções religiosas do período colonial do país.

Nos meados do século XVIII, iniciou-se a reconstrução do Mosteiro de São Bento de Olinda, que resultaria no seu aspecto atual. Não se acabou de vez, mas por partes, essa reconstrução; pode-se dizer que foi trabalho feito com vagar ou paciência beneditina. Daí várias datas de acabamento das obras: uma em 1761; outra em 1779; ainda outra em 1783. E em 1860 fizeram novas obras de reparo.²²



Fotografia 77 – Fachada principal do Mosteiro de São Bento de Olinda²³

O altar-mor²⁴ foi todo construído com madeira revestida em ouro no trono principal e o teto contém pinturas representativas de passagens da vida de São Bento. O conjunto monumental ainda consta da sacristia, com talhas douradas e móveis de jacarandá com rico acabamento e puxadores, e uma importante coleção de imagens sacras. A igreja possui um carrilhão de sino que é famoso pela sonoridade. O frontispício da igreja apresenta volutas em cantaria e o brasão da ordem beneditina. Sua porta principal apresenta almofadões em

²² FREYRE, 1968, p. 81.

²³ Com o brasão da ordem beneditina em destaque. Fonte: SILVA, 2006c, p. 12-13.

²⁴ Recentemente, este altar-mor foi desmontado e levado para uma exposição nos Estados Unidos.

madeira de lei maciça. A biblioteca do mosteiro é antiga e possui documentos raros, que são verdadeiros tesouros sobre a história colonial do Brasil, além de um rico acervo sobre os primeiros cursos jurídicos do Brasil, que funcionaram no mosteiro de São Bento.



Fotografia 78 – Detalhe do Mosteiro de São Bento em Olinda. 2006²⁵

²⁵ Porta principal, tendo ao fundo a imagem do seu altar-mor, todo dourado, construído em estilo barroco, um dos mais importantes monumentos de Olinda. Fonte: SILVA, Leonardo Dantas. Olinda o crime maior: marcas da destruição causada pelo incêndio provocado pelos holandeses permaneceram por séculos em Olinda enquanto Recife tudo era progresso e novidade. *Revista Continente - Documento*, Recife, ano IV, n. 42, p. 20-23, 2006g. p. 23.

Gilberto Freyre²⁶ assim descreve o Mosteiro de São Bento:

O Mosteiro de São Bento de Olinda é para ser visitado com vagar. Nele há muito que ver e admirar. Ainda é um dos conventos mais interessantes do norte do Brasil [...] A capela-mor da igreja do convento é uma das mais bonitas do Brasil, pelo douramento e pela ornamentação. A sacristia, opulenta de obras de talha em jacarandá, tem também digno de se admirar, um lavatório de pedra.

Como entender a exuberância das construções religiosas no Brasil colônia? Pensando na formação do povo português e em sua concepção religiosa, percebemos a influência da religião católica na formação e identidade do português, e isso foi trazido para a colônia e transmitido pelas gerações — o poder da fé que pode ser avaliado em função das grandiosas construções religiosas, edificadas no país. O português, povo fervoroso, crente e profundamente arraigado a suas tradições culturais, sociais e religiosas, levou para suas novas conquistas, como uma marca identificatória, sua fé e a crença católica. Para a construção e manutenção de seus templos e conventos, criaram os franciscanos as oficinas de formação de artistas, que se multiplicaram na colônia. Como podemos entender o estilo da arte e da arquitetura que predominaram nas construções no Brasil colônia?²⁷

É freqüente o uso indiscriminado das definições “colonial”, “barroco” e “jesuístico”, quando se fala da arte desenvolvida no Brasil colonial. A palavra “colonial”, exprime antes de mais nada, a situação política do país durante determinado período. A arte colonial brasileira, particularmente a arquitetura, expressa-se de várias maneiras e o barroco é uma delas [...] Porém enquanto em Portugal o estilo se enriquece com arabescos e curvas que tendem para o rococó, assume, no Brasil, apenas as linhas e formas essenciais. Esse despojamento se justifica pela proibição imposta à colônia de dispor de suas riquezas naturais, que são canalizadas para a metrópole.²⁸

Como essas construções foram se erguendo em terras brasileiras e em que momento da história aconteceram? Acompanhamos as explicações do historiador pernambucano Leonardo Dantas Silva²⁹: “Foi o incêndio da Vila de Olinda pelos holandeses, que na noite de 25 de novembro de 1631 destruíram toda sua área urbana, o maior atentado já cometido a uma cidade brasileira em cinco séculos de nossa História”. O autor dá esse destaque justamente em função da demolição dos prédios, das igrejas e dos monumentos ocorrida em Olinda após o incêndio e

²⁶ FREYRE, 1968, p. 81.

²⁷ Sobre o acervo artístico de Pernambuco e, particularmente, de Olinda, ver: BARBOSA, 1983; MENEZES, José Luiz. *Sé de Olinda*, Recife: FUNDARPE, 1985; MULLER, Frei Bonifácio. *Olinda e suas igrejas: esboço histórico*. Recife: Livraria Pio XII, 1945; NOGUEIRA, 1985.

²⁸ O BARROCO na Europa e nas Américas. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1970. v. V. (Coleção Artes nos Séculos). p. 1283-1284.

²⁹ SILVA, 2006g, p. 20.

a retirada dos escombros para a edificação do Recife. Olinda, entretanto, ressurgiu das cinzas, tal como uma fênix mitológica, e reconstruiu seu casario e suas igrejas, como o Colégio dos Jesuítas, o Convento de São Francisco e de Nossa Senhora do Carmo, a Igreja da Sé, a igreja de São Pedro, e o Mosteiro de São Bento. Esse especialista em história pernambucana ainda nos ensina, em relação à grandiosidade das edificações religiosas de Olinda:

Os edifícios religiosos, ao espalhar o poder do açúcar presente nos proprietários rurais, que viam em Olinda as suas origens aristocráticas, foram reconstruídos em maior grandeza. Eles refletiam ante o maneirismo e passaram a falar a linguagem do barroco lusitano onde certas inovações estéticas se incluíam, resultantes do inexistir resistências estilísticas anteriores, o que propiciava maior criatividade dos artistas luso-brasileiros.³⁰

Importante a descrição feita pelo autor da arte religiosa do período colonial, principalmente dos séculos XVIII e XIX, quando se criou no Brasil um estilo barroco aclimatado aos trópicos, que Olinda bem representa. A descrição da vivência religiosa de Olinda, Recife, Igarassu e Goiana, no período colonial, é de uma verdadeira “febre de construção de caráter religioso”:

Neste ambiente, porém vivia-se em Pernambuco, quer em Olinda ou no Recife, ou mesmo em outras vilas como Goiana e Igarassu, uma verdadeira febre de construções de caráter religioso, financiadas pela produção do açúcar ou pelo comércio. Com tamanho número de obras, propiciou-se um mercado promissor aos artistas locais que, inspirados nos modelos portugueses do estilo D. João V (1707–1750), ou mesmo em desenhos obtidos na Itália, vieram a criar por todo o século 18 e parte do 19 elementos característicos de um barroco aclimatado aos trópicos. Engenheiros, militares, arquitetos, mestres-pedreiros, carpinteiros, entalhadores, marceneiros, douradores, pintores, escultores, músicos e uma infinidade de profissionais artistas estavam em constantes atividades, produzindo e construindo obras novas, para a mitra diocesana, irmandades, ordens religiosas e particulares.³¹

Isso também ocorreu em Salvador, na Bahia, que tem entre seus monumentos verdadeiras jóias do barroco, também decorados em ouro. Seu templo mais representativo é a igreja de São Francisco, conhecida como a Igreja Dourada. Recife também tem a Capela Dourada da Ordem Terceira, integrante do Museu Franciscano de Arte Sacra, na rua do Imperador. A riqueza e exuberância do barroco rococó de sua decoração revelam a pujança financeira da colônia.

A população de Olinda, desde seus primórdios, travou uma relação muito próxima e uma convivência diária com as obras de arte, principalmente a arquitetura religiosa. Como

³⁰ SILVA, 2006g, p. 21.

³¹ *Ibidem*, p. 22.

vimos, os portugueses trouxeram e transmitiram a religião católica e se responsabilizaram por sua divulgação, por meio da catequese que os jesuítas praticaram entre os povos da terra, inclusive os gentios e os africanos escravizados. A religião fazia parte do imaginário português e de sua visão de mundo, numa fé inabalável que se expressava nas práticas religiosas, nos costumes, tradições, mitos e crenças. Seus rituais, festejos e comemorações se infiltraram e embasaram muito a cultura do Brasil e são traços e expressões identitárias do próprio povo brasileiro, como vimos no depoimento de Sandra Maria Maia e Silva, que atualmente se dedica à catequese e à assistência espiritual, em seus trabalhos junto às comunidades católicas de Olinda, que seguem o modelo trazido pelos padres jesuítas, desde a época da colonização.

Olinda, por ter sido uma das primeiras vilas criadas na colônia, tem sua longa história marcada pela relação com a arte, a religião e a cultura, uma vez que foi pioneira de diversas expressões religiosas, artísticas, sociais, culturais e políticas no país. É muito citada como cidade na qual algumas manifestações criativas da população surgiram, foram documentadas e registradas. Eis algumas delas, segundo Manoel Teixeira Neto:³²

- 1- Primeira Santa Casa de Misericórdia do Brasil (1540);
- 2- Primeira Câmara de Vereadores do Brasil (1548);
- 3- Primeiro engenho de açúcar de Pernambuco (início do século XVI);
- 4- Primeiro poema, *Prosopopéia*, de Bento Teixeira, impresso no Brasil (séc. XVI);
- 5- Primeiro teatro brasileiro (1575);
- 6- Primeiro colégio jesuíta do Brasil (1576);
- 7- Primeiro convento franciscano do Brasil (1577);
- 8- Primeira Ordem Beneditina do Brasil (1596);
- 9- Primeira Alfândega de Pernambuco (1613);
- 10- Primeiro Bispado do Norte/Nordeste (1676);
- 11- Primeiro convento carmelita do Brasil (1704);
- 12- Primeiro grito pela República brasileira (Bernardo Vieira de Melo - 1710);
- 13- Primeira cadeia eclesiástica (para execução de penas contra sacerdotes) — (1764);
- 14- Primeiro seminário do Norte/Nordeste para formação sacerdotal, fundado por Azeredo Coutinho (1800);
- 15- Convenção de Beberibe, dia 5 de outubro de 1821, quando Pernambuco antecipa-se ao Grito de Ipiranga, ano seguinte. Beberibe era território de Olinda;
- 16- Primeiro Curso Jurídico do Brasil (1827);
- 17- Primeira sede da capital da Província Pernambucana até 1827;
- 18- Primeira biblioteca pública de Pernambuco (1830);
- 19- Primeira manifestação prática para a abolição da escravatura no Brasil, com a libertação de todos os escravos pelos dirigentes do Mosteiro de São Bento (1831).

É antiga, portanto, a relação da cidade com as artes, a religião e a cultura e disto o olindense muito se “orgulha”. Mas como isso se originou e porque hoje Olinda tem uma relação com as artes tão especial, a ponto de receber o título de Capital Cultural do Brasil?

³² TEIXEIRA NETO, 2004, p. 41.

Sua antiga relação com a religião católica, trazida pelos portugueses, é fato notório e chega aos dias de hoje como um dos importantes traços da identidade dos brasileiros. Como foi a relação dos olindenses com ela e em Olinda em particular?

A guerra para a expulsão dos holandeses foi vivida com particular fervor religioso de ambos os lados, e as descrições que nos chegaram da batalha evidenciam isso. Os olindenses invocavam, em suas orações, às bençãos dos céus para suas vitórias. São muitas as descrições de milagres e outros fatos relacionados à fé, para explicar os acontecimentos. Recorro a Diogo Lopes Santiago,³³ português que residia em Pernambuco, que nos deixou seus escritos sobre a guerra de Pernambuco, documentando-a em um verdadeiro trabalho de cronista. Retornando no tempo e na história, chama a atenção a relação próxima e íntima com a religião, que os portugueses e holandeses vivenciaram nas batalhas.

Podemos dizer que entre os muitos pontos que marcavam as diferenças entre os portugueses e os invasores batavos, a religião era uma dos mais importantes. Portugueses eram católicos, romanos e “papistas”; os holandeses eram ligados à reforma protestante e calvinistas. Portanto eram concepções religiosas distintas e antagônicas. Dentre os vários aspectos da invasão holandesa, a destruição de Olinda, os movimentos da Insurreição Pernambucana e a Restauração e Libertação Pernambucana, em 1654, foram os mais dramáticos. É, portanto, pela ótica do português profundamente religioso, que destacamos a descrição e a rendição dos holandeses, nas batalhas dos Guararapes:

Se expôs o Santíssimo Sacramento pelas igrejas matrizes de suas freguesias, assim como na primeira batalha se havia feito, onde houve sermões dando-se o louvor e glória a Deus Nosso Senhor e à sua Sacratíssima Mãe, a Virgem Maria, que foi medianeira de se alcançar esta vitória, porque o poder divino e auxílio do céu supriu que faltaram às forças humanas e pelejou pelos nossos tão miraculosos e evidentes sucessos.³⁴

Como resultado dessa vitória, o Mestre de Campo João Fernandes Vieira, um dos mais importantes líderes da Restauração Pernambucana, como ficou conhecida historicamente a retomada da colônia das mãos dos holandeses, mandou que fossem executados três grandes painéis sobre a batalha, para que ficassem registrados para a posteridade esses feitos heróicos. Assim Diogo Lopes Santiago³⁵ descreve:

João Fernandes Vieira, buscou o melhor e mais engenhoso pintor, ao qual mandou pintar em dois grandes painéis esta batalha dos Guararapes e a outra que se seguiu

³³ SANTIAGO, 2004.

³⁴ *Ibidem*, p. 557.

³⁵ *Ibidem*, p. 513.

dali a dez meses, pelo natural e tão ao vivo que parecem representar e figurar as outras notavelmente quanto podem capacitar os olhos, que é uma obra grandiosa [...] para que o tempo não ponha em esquecimento tão notáveis feitos, assim que nesta crônica e na pintura durarão pela posteridade, para exemplo, emulação e imitação dos valorosos sujeitos.

João Fernandes Vieira tentou tornar esses fatos inesquecíveis, pois funcionavam como um mecanismo psíquico de imperativo superegóico, com dimensão de ordenamento, para que a população não apagasse da memória esses grandiosos fatos da história pernambucana. Esses painéis, impressionantes por seu tamanho e representação da batalha, encontram-se ainda hoje, 354 anos depois, intactos e expostos. Os dois sobre as duas batalhas do Guararapes, de 1648 e 1649, no Museu do Estado de Pernambuco, em Recife; e o outro, sobre a vitória no Monte das Tabocas, em 1645, encontra-se exposto na igreja de Nossa Senhora da Conceição dos Militares, em Recife. Em 1736, segundo José Cláudio Silva,³⁶ o pintor Antônio de Sepúlveda:

[...] foi comissionado pela Câmara do senado de Olinda para pintar “de novo” o retrato de João Fernandes Vieira, e que restaurou “não somente os três grandes painéis representando a Batalha de Tabocas e as duas de Guararapes, mas ainda os retratos de Antônio Felipe Camarão, Henrique Dias e João Fernandes Vieira.”

Já Daniel Kidder³⁷ assim se refere ao painel da igreja da Conceição dos Militares, em Recife: “A de Nossa Senhora da Conceição dos Militares é notável por um único painel, pintado em uma de suas paredes, representando a batalha dos Guararapes e comemorando a vitória alcançada sobre os holandeses heréticos.”

Esses painéis são espécies de ex-votos em agradecimento pelas vitórias alcançadas na guerra contra os holandeses. O ex-voto³⁸ é tido como integrante da arte popular, também conhecida como arte votiva, porque se trata de uma forma de agradecimento por alguma promessa ou milagre recebido. Representa o poder da fé e pode ser apresentado sob a forma de pinturas, esculturas, fotografias e os mais diversos materiais que servem de suporte para sua expressão. É eminentemente uma expressão da fé religiosa, no caso dos painéis em questão, da fé católica. Os três painéis sobre as batalhas da Restauração Pernambucana referem-se às batalhas dos Guararapes e da Campina do Tabocas.

³⁶ SILVA, José Cláudio. *Tratos da arte de Pernambuco*. Recife: Governo do Estado, 1984. p. 50.

³⁷ KIDDER, Daniel. Onde a imaginação não conhece limites. In: SOUTO MAIOR Mário; SILVA, Leonardo Dantas (Orgs.). *O Recife: quatro séculos de sua paisagem*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 1992. p. 147-161. p. 157.

³⁸ Ex-votos: peças de autores desconhecidos.

No próprio sítio da batalha, fez Francisco Barreto de Menezes construir — monumental — "ex-voto" — a igreja barroca e vasta da Senhora dos Prazeres dos Guararapes, que eleva suas torres brancas sobre a vegetação desse montes, pondo no panorama áspero que domina, a imprevista nota da religião e da arte.³⁹

Na parede lateral da referida igreja, numa grande lápide de pedra do século XVII, consta a seguinte inscrição:

O MESTRE DE CAMPO GENERAL DO ESTADO DO BRAZIL FRANCISCO BARRETO MANDOU EM ACÇÃO DE GRAÇAS EDEFICAR A SUA CUSTA ESTA CAPELA A VIRGEM SENHORA NOSSA DOS PRAZERES COM CUIO FAVOR ALCANÇOU NESTE LUGAR AS DUAS MEMORÁVEIS VICTORIAS CONTRA O INEMIGO OLANDES, A PRIMEIRA EM 18 DE ABRIL DE 1648, EM DOMINGO DE PASCHOELLA VESPORA DA DITTA SENHORA A SEGUNDA EM 18 DE FEVEREIRO DE 1649 HUA SEXTA FEIRA E ULTIMAMENTE EM 27 DE IANEIRO DE 1654 GANHOU O RECIFE E TODAS AS PRASSAS QUE O INEMIGO POSSVIO 24 ANNOS.⁴⁰

O local das batalhas, por muitos anos, tem sido cultuado como local de peregrinação. Nele são realizadas muitas festas comemorativas do evento. No morro foi construída, em ação de graças, a igreja de Nossa Senhora dos Prazeres, a quem os luso-portugueses dedicaram a vitória e o resultado tão favorável contra os holandeses. Assim José Luiz Mota Menezes,⁴¹ historiador pernambucano, descreve:

As duas batalhas e vitórias marcaram os Pernambucanos e se incorporaram a memória, quer a daqueles envolvidos diretamente com os feitos d'armas ou dos que os sucederam, como parte integrante dos acontecimentos construtores da retomada do território. As festas de Nossa Senhora dos Prazeres, ao longo de mais de três centúrias foram determinantes, entre outras causas, para a permanência da lembrança do ocorrido e orgulho dos pernambucanos

Um detalhe importante é que num dos painéis que narram a Batalha do Monte das Tabocas, ocorrida em 1645, e as duas Batalhas de Guararapes, acontecidas em 1648 e 1649, um exhibe a Virgem dos Prazeres envolta em nuvens, como representação do auxílio da Santa, na conquista da vitória pelos luso-brasileiros. Estes, menos preparados que os holandeses e em número bastante inferior, venceram as batalhas. Algumas pinturas e desenhos do acervo do Museu de Pernambuco datam do período colonial.

³⁹ BENTO, Cláudio Moreira. Montes dos Guararapes – Projeção Histórica. In: _____. *As batalhas dos Guararapes: análise e descrição militar*. Disponível em: <<http://www.ahimtb.org.br/suma.htm>>. Acesso em: 9 jul. 2008. p. 11.

⁴⁰ BARBOSA, 1983, p.65.

⁴¹ MENEZES, José Luiz Mota. Apresentação. In: BATALHA dos Guararapes: um olhar contemporâneo. Catálogo da Exposição de Pinturas, realização da Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco. Recife, abr. 1994. p. 2.

As ilustrações expostas a seguir, reprodução parcial dos painéis votivos, retratam cenas das batalhas ocorridas no território pernambucano, entre holandeses e luso-brasileiros:



Painel 1 – Reprodução parcial da "Batalha dos Guararapes. Peça votiva a Nossa Senhora dos Prazeres do Monte dos Guararapes, século XVII, Pernambuco."⁴²

⁴² Fonte: Revista Continente – Multi-Cultural – Ano II, nº 21, 2002, pág 13.

Painel dos Guararapes



Painel 2 – Representação parcial do painel representativo da Batalha dos Guararapes⁴³

⁴³ Fonte: acervo do Museu do Estado do Pernambuco.



Painel 3 – Reprodução do painel da Batalha do Monte das Tabocas.⁴⁴



Tela 4 – Batalha dos Guararapes. Victor Meirelles. 1872⁴⁵

⁴⁴ Fonte: Acervo do Museu do Estado do Pernambuco. Na cartela comemorativa e explicativa desta pintura, lê-se: “Para que a memória da feliz ventura que afiançamos nesta primeira batalha de Tabocas não fique no esquecimento do tempo, que este acaba tudo o que não é continuado aos olhos, e assim vem a ser esquecido, mandaram os Srs. Senadores que servem este presente anos de 1709, sendo Juiz-de-Fora o Dr. Luiz de Valençuela Ortiz, Vereadores o Capitão Pedro Cavalcanti Bezerra, Manuel de Moura Rolim, o Capitão-Mor Joseph Camello Pessoa, e Procurador Fernando Bezerra Montenegro, perpetuar a memória destas batalhas nestes quadros, para notícia dos que nasceram, nos vindouros séculos; e assim todas as pinturas que há nesta casa para adorno dela; sendo tudo para maior honra e louvor e glória de Deus e nossa. Amém. A palavra memória, significativamente, aparece repetida por duas vezes na cartela reafirmando o interesse em manter viva as vitórias dos da terra.”

⁴⁵ Quadro do pintor catarinense Victor Meirelles (1832-1903), confeccionado por ordem do Conselheiro João Alfredo de Oliveira. Faz parte do acervo do Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. Fonte: PRIORE, Mary Del. As aventuras do traidor Manoel de Moraes. *Revista Veja*, São Paulo, edição 2065, ano 41, n. 24, p.156, 10 jul. 2008.

Segundo José Luiz Mota Menezes,⁴⁶ que fez a apresentação da Exposição Coletiva intitulada *Batalha dos Guararapes: um Olhar Contemporâneo*, realizada em Recife, em 1994, quando dos 300 anos da Restauração Pernambucana, ocorrida em 1654, a idéia foi de se reunir 12 artistas plásticos importantes de Pernambuco, para, em torno de um só tema, redesenhar as Batalhas dos Guararapes, tendo por base os três painéis votivos. São, portanto, 12 novas obras de arte que surgiram destes pincéis, que novamente recriaram a saga do povo pernambucano em seu momento de libertação. Novamente, o imperativo de não esquecer. A memória é novamente chamada para que as novas gerações não deixem no esquecimento esses fatos memoráveis, que foram os precursores da própria existência do Brasil e fundadores da identidade, enquanto nação.

É muito interessante que se preserve a memória de fatos já tão longínquos no tempo, porque, como apresentamos no Capítulo 2, o fato mais lembrado sobre a história da cidade de Olinda foi justamente a invasão holandesa e o incêndio da cidade, no período do domínio holandês. Como se essas lembranças retornassem sempre e se repetissem como uma maneira de se reatualizar o fato da Insurreição Pernambucana e da vitória conseguida sobre os batavos e sua expulsão definitiva do território pernambucano. Estes fatos estariam gravados na “Memória Coletiva”, segundo a concepção de memória de Maurice Halbwachs,⁴⁷ apresentada no primeiro capítulo. Esta seria uma memória específica dos pernambucanos e dos olindenses em particular e teria sido transmitida através das gerações, pela memória dos grupos sociais, no transcorrer dos séculos.

A artista plástica Tereza Costa Rego, uma dos 12 artistas importantes convidados para a Coletiva sobre a Restauração Pernambucana, em torno dos painéis votivos, guarda em sua residência-atelier a tela que expôs na ocasião. Trata-se de um impressionante trabalho e uma formidável contribuição ao tema. Sua tela, apresentada a seguir, renova o tema e tem escrito, na parte inferior, um pensamento de Thomas Jefferson: “A árvore da liberdade deve ser regada de tempo em tempo com o sangue dos patriotas e tiranos.”

⁴⁶ MENEZES, 1994.

⁴⁷ HALBWACHS, 1990.

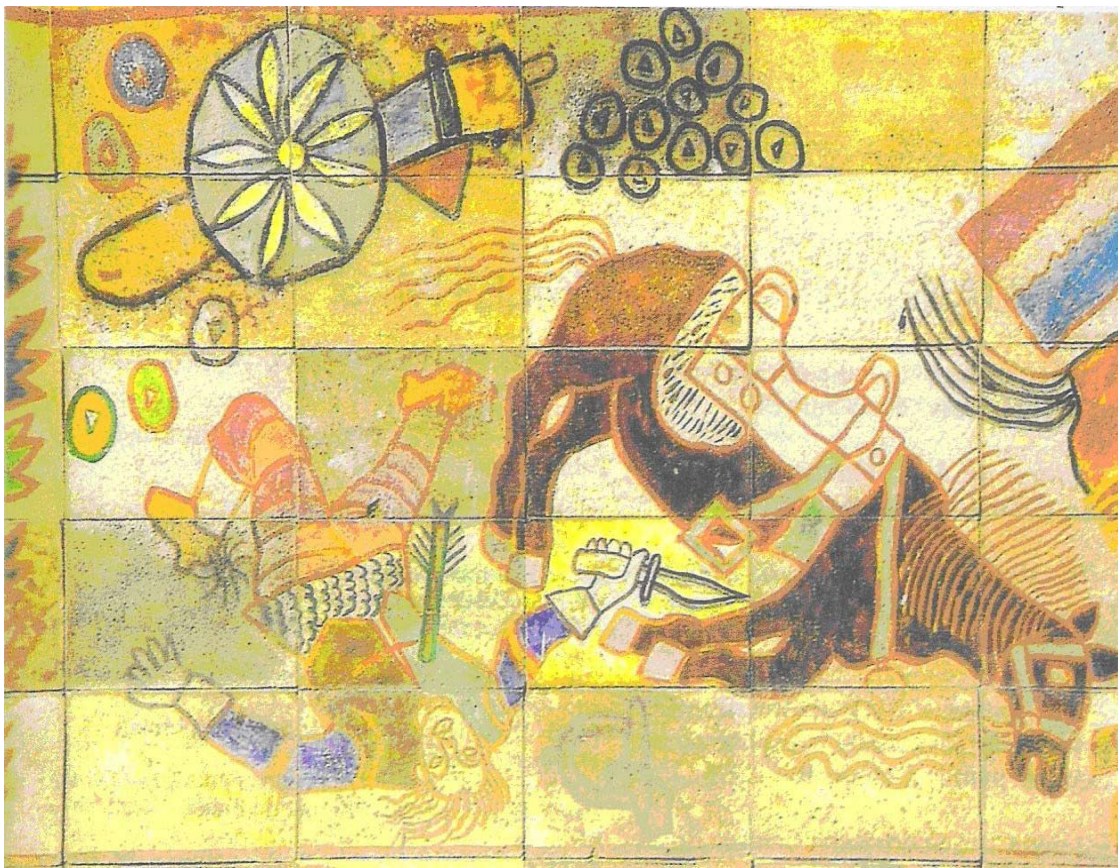


Tela 5 – s/título. Tereza Costa Rego. 1993⁴⁸

Podemos pensar que é um convite a que as pessoas não esqueçam o fato histórico. Como a liberdade, a memória também deve ser chamada de tempos em tempos, para que os brasileiros, pernambucanos e olindenses em particular, não esqueçam o fato histórico: a Insurreição Pernambucana, a retomada pelos luso-brasileiros do território brasileiro, que por tão longo tempo ficou sob o domínio do holandês. Não esqueçamos a vitória nas Batalhas do Monte das Tabocas e nos Montes Guararapes, que propiciaram a Restauração Pernambucana, em 1654. Isto porque, só após esses eventos históricos podemos pensar em Brasil.

Francisco Brennand, um dos mais importantes artistas plásticos e ceramistas pernambucanos, criou um painel sobre o tema, que se encontra exposto no térreo do prédio situado na Avenida Dantas Barreto, no coração do Recife, e totalmente disponível à visão dos transeuntes, como um convite para que não se esqueçam do que ocorreu no passado. Trata-se de um monumental mural, feito em cerâmica, que representa cenas da Batalha dos Guararapes, reproduzido parcialmente a seguir:

⁴⁸ Tela de acrílico sobre madeira. Ano: 1993. Fonte: CATÁLOGO..., 1994, p. 13.



Mural 1 – Detalhe do Mural da Batalha dos Guararapes⁴⁹

Importante acompanhar as produções artísticas contemporâneas sobre o tema e entender o significado da invasão holandesa e da Restauração Pernambucana para os olindenses. Abaixo são reproduzidos mais dois trabalhos de artistas que participaram da Coletiva sobre “A Batalha dos Guararapes: um olhar contemporâneo”, para marcar a importância do evento no imaginário dos pernambucanos, nessa reatualização do tema:

⁴⁹ Autor: Francisco Brennand. Ano: 1961/1962. Reproduz a queda de um soldado holandês, morto no campo de batalha. Fonte: CATÁLOGO..., 1994, p. 5.



Tela 6 – Batalha. Ismael Caldas. 1993⁵⁰



Tela 7 – Fragmentos do Painel da Conceição dos Militares. José Cláudio. 1993⁵¹

A seguir a tela de Gina Genoveva Alves, importante artista plástica primitiva de Olinda, e a interpretação pessoal e lírica que a própria artista constrói sobre o tema. Estes quadros estão em seu ateliê, situado nas ladeiras de Olinda, e fazem parte de seu patrimônio particular; não estão à venda:

⁵⁰ Acrílico s/madeira. Cena da Batalha, reproduzindo corpos sem vida. Fonte: CATÁLOGO..., 1994, p. 11.

⁵¹ Acrílico s/tela. Cena da batalha. O autor, José Cláudio, introduz a imagem de Nossa Senhora, semelhante à que está num dos painéis e algo da vegetação. Consegue fazer um contraste entre a vida e a morte. Fonte: CATÁLOGO..., 1994, p. 15.



Tela 8 – Invasão de Olinda. Gina Genoveva Alves. 1991⁵²

Gina Genoveva Alves, depoente desta pesquisa, apresentou-nos sua obra e permitiu a reprodução da Tela 8, acima. Nesta tela, a artista substituiu, tanto nas mãos dos holandeses, como nas mãos dos pernambucanos, as armas pelas flores, numa clara demonstração da necessidade de elaboração do fato traumático, que foi para os brasileiros, os pernambucanos e os olindenses em particular, a invasão e destruição da cidade de Olinda pelo incêndio. Como explicar a tela desta pintora olindense, que tão claramente faz uma tentativa de elaboração, através da sublimação pela arte, de fatos traumáticos como foi a invasão e o posterior incêndio que destruiu a cidade de Olinda, quando da invasão dos holandeses em 1631?

Destacamos as declarações de amor à cidade, em sua forma mais literal e explícita, de zelo, defesa e apaixonamento, que nos foi dada pela olindense Gizelda, a Deda Bajado,⁵³ artista plástica da segunda geração, filha do pintor e mestre Euclides Francisco Amâncio, o “Bajado”, um dos mais importantes pintores populares de Olinda e representante da arte naïf:

Eu acho a arte de grande valia hoje e atualmente, porque nós temos valores diferentes, e isso repercute; o nosso valor à arte é ilimitado, indissolúvel. Não sei se é porque eu sou olindense, mas Olinda é tudo para mim e eu mato por Olinda [se preciso]. Mas eu acho que Olinda é diferente da Bahia, é diferente do Rio, é diferente de São Paulo, é diferente de todo mundo. Olinda não há outra igual, é sempre Olinda!

⁵² Óleo s/duratex. Gina Genoveva Alves é importante artista plástica de Olinda. Em suas pinturas reproduziu o tema da invasão holandesa. Fonte: Acervo particular da autora. 2006.

⁵³ Gizelda Pereira Amâncio, conhecida como o nome artístico de Deda Bajado, 60 anos, olindense, artista plástica como o pai, o pintor Bajado, um dos mais importantes artistas *naifs* de Olinda, portanto da segunda geração de artistas olindenses. Tem seu ateliê na Rua do Amparo, no Sítio Histórico, exatamente na casa onde viveu com seu pai e sua família.

A nossa marca é a união. Nós temos a união aqui na cidade de sermos um só. Quando chega a vez de nos unir, nós somos um, somos uma única pessoa. Nós queremos apenas uma coisa, um só objetivo: ser feliz!

Estas declarações nos revelam o caráter de amor incondicional à cidade de Olinda e a identidade que existe entre os olindenses. Do depoimento de Deda Bajado, destacamos uma frase, pelo caráter telúrico e pelas idéias nela contidas: “eu mato por Olinda!” Poderíamos sem dificuldade associá-la à história antiga de Olinda, quando a cidade não foi suficientemente defendida e os invasores holandeses a destruíram. Há nessa passagem um imaginário explícito que sustenta que, para amar Olinda, é preciso defendê-la, nem que para isso se chegue a pegar em armas e a matar. Exatamente como fizeram os antigos luso-brasileiros, que pegaram em armas, morreram e mataram pela reconquista das terras pernambucanas, e de Olinda em particular, e expulsaram os holandeses. O detalhe é que esse fato histórico aconteceu no século XVII e estamos no século XXI, ou seja, quatro séculos nos separam desses acontecimentos, mas eles retornam à memória por meio das narrativas.



Tela 9 – Invasão Holandesa. Gina Genoveva⁵⁴

⁵⁴ Detalhe do quadro de pintura primitiva de autoria de Gina Genoveva, que representa a invasão holandesa. Podemos observar que as flores substituem as balas saindo dos canhões e estão entre os holandeses e os luso-brasileiros. Fonte: Acervo particular de Deda Bajado.

De acordo com Jean Laplanche e Jean-Bertrand Pontalis,⁵⁵ Sigmund Freud introduziu em sua obra o conceito de *Sublimação*, cuja idéia era de um mecanismo específico que explicaria algumas atividades humanas com base em sua idéia de uma pulsão sexual como fonte da energia psíquica que poderia ser transformada para fins não sexuais:

Sublimação processo postulado por Freud para explicar certas atividades humanas que aparentemente não guardam relação com a sexualidade porém que achariam sua energia na forma da pulsão sexual. Freud descreveu como atividades da sublimação principalmente a atividade artística e a investigação intelectual. Se diz que a pulsão se sublima, na medida em que é derivada para um fim não sexual e aponta para objetos socialmente valorizados.

Esse conceito, muito usado em psicanálise, aponta para a palavra sublime, que é muito usada nos meios intelectuais para designar algo que é ligado às belas artes, uma produção humana superior, que sugere grandeza, nobreza e que a sociedade confere um alto valor. Com a introdução do conceito de narcisismo, em 1914/1916, Sigmund Freud pensou na possibilidade das pulsões serem investidas no próprio eu, e em 1923, em seu texto sobre o Id e o Ego, trata de uma energia, a libido, que poderia ser dessexualizada e sublimada, e investida em atividades não sexuais, como as artes e as ciências. Portanto a idéia seria de uma dimensão narcísica do eu. A energia seria passível de ser sublimada, principalmente a energia libidinal, estando em jogo sua idéia de Eros. Sua concepção está no âmbito da visão dinâmica e econômica da energia psíquica, em seu funcionamento mental. Mas, com seus desenvolvimentos teóricos, Sigmund Freud chega a defender que as pulsões agressivas também podem ser sublimadas. Não apenas Eros, mas também Tanatos, em sua relação com a Pulsão de Morte: “A hipótese da sublimação foi anunciada a propósito das pulsões sexuais [Eros] porém Freud sugeriu também a possibilidade da sublimação das pulsões agressivas (Tanatos); este problema tem sido estudado após Freud.”⁵⁶

Trata-se de certas atividades sustentadas por um desejo que não está dirigido de forma manifesta para uma finalidade sexual. A capacidade de deslocar a meta sexual originária por outra finalidade que não é sexual não diminui sua força original, nem perde sua essência e intensidade. A sublimação é a capacidade de modificação em sua finalidade. É uma mudança de objeto.

Já o conceito de *arte* está muito ligado à idéia de belas artes, mas a palavra possui diversos significados. Vejamos:

⁵⁵ LAPLANCHE; PONTALIS, 1971, p. 436.

⁵⁶ Ibidem, p. 438.

O vocábulo “arte” possui diferentes significados, via de regra obscurecidos pela tendência atual a se usá-lo nem senso extremamente restritivo, relacionado ao conceito de “beleza” [...] A associação contemporânea entre arte e beleza nasceu da tendência oitocentista a se aproximar a teoria da arte da Estética, o que levou à identificação de arte com um tipo de arte — as assim chamadas “belas artes”.⁵⁷

As artes estão também ligadas à noção do utilitário e do conhecimento, como muito bem nos mostram as expressões: artes médicas, artes industriais e artes utilitárias. A palavra *arte* está também na raiz das palavras *artista* e *artesão*, o que pode revelar as habilidades que estariam presentes naqueles que se dedicam ao fazer artístico. Sua base seria a criatividade.

7.3 OLINDA: RENASCIMENTO PELAS ARTES E PELO ARTESANATO

Olinda experimentou, a partir de 1950, um movimento de revitalização das artes e do artesanato, que acarretou modificações significativas para a vida da cidade. Outra “subida”, um movimento renovador na área cultural chamado “Renascimento das Artes em Olinda”. Ela que já foi considerada a “Coimbra das Colônias Ultramarinas”. Olímpio Bonald Neto⁵⁸ assim descreve este momento importante da história recente da cidade de Olinda:

Esta cidade privilegiada teve, uma vez mais, sua destinação histórica, pioneira que já vem sendo do teatro da oratória, dos ideais republicanos, do ensino da ciência jurídica. A Escola Livre da Ribeira, com sua galeria de arte, sua cooperativa artesanal, seus cursos de desenho, de pintura, e história das artes plásticas, suas tardes de aulas práticas, povoando as centenárias calçadas de artistas iniciando no rabisco de imagens barrocas, deu a Olinda mais um privilégio, o de matriz do renascimento artístico do Nordeste. O renascimento olindense já representa hoje, uma fase definida das artes do Brasil. Identificável, delimitada no tempo, com nomes e endereços, antecedentes e conseqüências passíveis de exame de debate. Mencionada em depoimentos de personalidades e artistas afamados.

Na década de 1950, Vicente do Rego Monteiro, pintor modernista, foi convidado por Eufrásio Barbosa, prefeito de Olinda, para assumir a Secretaria de Turismo do município. Com ele mudaram-se para a cidade, Montez Magno, Adão Pinheiro e Anchises Azevedo, importantes artistas plásticos pernambucanos, que iniciaram um grande movimento artístico, que influenciou toda a vida do Sítio Histórico da cidade. Eles “descobriram” Olinda como lugar propício para uma vida de criação artística intensa. Foi Adão Pinheiro, um artista que

⁵⁷ ENCICLOPÉDIA BARSA. Elaborada sob supervisão dos Editores da Encyclopaedia Britannica. v. II, p. 196. Rio de Janeiro; São Paulo, 1979.

⁵⁸ BONALD NETO, 1980, p. 25.

teve grande importância em todo movimento artístico, quem primeiro se instalou em Olinda, a partir dessa década.⁵⁹

Eufrásio Barbosa cedeu o espaço da Ribeira, que era um mercado popular de construção colonial, onde se comercializava carnes e verduras, por um período de 10 anos, para os artistas ali criar um espaço propício para as artes. Assim surgia o Movimento de Artes da Ribeira, nos anos de 1960, que produziu uma grande revitalização das artes e do artesanato em Olinda. O entalhador José Barbosa já havia transformado um dos espaços do Mercado da Ribeira em seu ateliê. Foi um dos pioneiros.⁶⁰

Seguem representações de alguns entalhes de artistas olindenses em época distintas, mas que são bem representativos desse tipo de artesanato em Olinda. A Talha 1 mostra um tradicional entalhe com motivo religioso realizado nos anos de 1960:



Talha 1 – Jesus Crucificado. Madeira de demolição. Rômulo, Década de 1960⁶¹

⁵⁹ BONALD NETO, 1980, p. 24.

⁶⁰ Ibidem, p. 24.

⁶¹ Aparecem restos de ferragem das dobradiças da janela antiga utilizada para o entalhe. Fonte: Acervo particular da autora.



Talha 2 – Entalhes Figurativos de Olinda. Autores anônimos. Década de 1990⁶²

A seguir, temos mais dois exemplares de entalhe, trabalhos mais recentes, nos quais podemos observar a evolução dos trabalhos e a riqueza dos detalhes, numa reprodução de cenas bíblicas, ainda em apresentação de temas religiosos:



Talha 3 – Entalhe de cenas sacras e policromadas. Irmãos Andrade⁶³

⁶² Fonte: Acervo particular da autora.

⁶³ Madeira de demolição. Os autores utilizam o dourado como forma de adorno nos entalhes. Fonte: Acervo particular da autora. 2008.



Talha 4 – Entalhe de cenas sacras e policromadas. Irmãos Andrade⁶⁴

Importante destacar o movimento das artes, pois Olinda vivenciava um grande incremento também de seu artesanato, quando proliferava pelas ladeiras da cidade uma legião de crianças e jovens que começaram a se dedicar ao ofício do entalhe e produziram uma infinidade de peças, que passaram a ser uma marca da cidade: as talhas. A depoente Gina Genoveva Alves recorda esse momento da história da cidade:

Nessas ruas dos Quatro Cantos, Prudente de Moraes, Bonfim por aí, a calçada era coberta de meninos de cinco anos a 12, todos fazendo talha. Eu chamava os “Cupins de Olinda”, era uma coisa linda, as crianças fazendo talhas. Fazia em taboas de caixa de maçã, tacos de madeira para piso, também havia muitas casas que estavam sendo reformadas, aquelas janelas enormes e portas grossas bonitas, de demolição. Dali saiu um movimento de talhas que foi muito bonito.

Já José Cláudio Silva,⁶⁵ em seu trabalho, refere-se aos entalhadores de Olinda, os que trabalhavam em madeira e se encontravam em todas as ladeiras e recantos da cidade, como os “pica-paus”. O autor assim descreve esse movimento de Renascimento, que foi muito importante para os destinos da cidade:

⁶⁴ Madeira de demolição. Os autores utilizam o dourado para adornar. Fonte: Acervo particular da autora. 2008.

⁶⁵ SILVA, 1984.

Não poderia encerrar este trabalho sem referência ao grande, ou pelo menos numeroso, movimento de arte que existe aqui, desde a época da Ribeira, coincidindo com a criação de galerias e um mercado de arte que bem ou mal tem permitido a muitos artistas viverem ou sonharem com viver da arte, sem que esses sonhos possam ser tidos como sem pé na realidade.⁶⁶

O destaque dado às talhas no artesanato em Olinda foi tão grande que se notabilizou como seu traço identitário e marca da produção artesanal da cidade. Hoje, já não tão prevalente, ainda se encontra uma produção destacada desta forma de expressão artística artesanal, ao lado da produção de arte, em toda a cidade.

Voltemos à história do Movimento das Artes em Olinda e seus principais grupos que foram os responsáveis por todo esse movimento desencadeado na cidade, a partir dos anos 1950, que valorizou o próprio casario e deu nova alma à cidade. Olinda, nessa época, estava abandonada e seus casarões muito pouco conservados, como destaca o jornal baiano *A Tarde*.⁶⁷

Olinda, uma experiência que deu certo. No começo dos anos 60, Olinda estava pouco ocupada, com muitas casas em “ruínas”. Foi quando artistas, intelectuais e profissionais liberais começaram a comprar as casas com “quintais enormes”, cheios de árvores e uma brisa e uma vista para o mar únicas, sem desalojar as famílias de classe média que já moravam lá. Esses formadores de opinião passaram a exigir mais das autoridades. Antigos e novos habitantes formaram duas grandes associações de moradores, que passaram a frear as investidas das autoridades pressionadas pela indústria turística, como proibir, na justiça, a abertura de novos bares e a circulação de veículos pesados.

Na década de 1960, portanto há 40 anos, surgiu o chamado “Movimento da Ribeira”, que funcionou como uma verdadeira semente que fez florescer as artes na cidade. Reuniu-se um grupo de artistas, na Ribeira, com apoio da Prefeitura, em torno de um novo ideal: criar uma escola livre de artes em Olinda. Em seguida, surgiu a Cooperativa de Artes e Ofícios, a Oficina 154, o Atelier + 10, importantes pólos de criação e expansão das artes plásticas de Olinda e difusores do movimento. Nas décadas de 1970 e 1980, teve importante papel na formação de novas gerações de artistas a Oficina Guainases de Gravura, com cursos e exposições coletivas sistemáticas, que produziu um amplo incremento das expressões artísticas.⁶⁸

Desses primeiros grupos participaram importantes nomes do cenário artístico de Pernambuco, como: José Tavares, Ypiranga Filho, João Câmara, Roberto Amorim, Guita Charifker. Nesse espaço, ministravam-se aulas para a população de Olinda: Guita Charifker ensinava desenho; José Tavares, técnica de pintura; Adão Pinheiro e Roberto Amorim, história da arte; José Barbosa ensinava a entalhar. Esses artistas vinham, em sua maioria, da

⁶⁶ SILVA, 1984, p. 52.

⁶⁷ MENDONÇA, Andréa. Pelourinho de novo. *A Tarde*, Salvador, Revista Muito, p. 34, 5 abr. 2008.

⁶⁸ SILVA, op. cit.

Escola de Belas Artes de Pernambuco, centro difusor importante das artes plásticas pernambucanas. Desde então o movimento se ampliou e tomou fôlego. Outros centros e ateliês foram sendo criados em Olinda. José Cláudio Silva,⁶⁹ artista plástico, em seu texto intitulado *Tratos da Arte em Pernambuco*, faz um resumo da história deste movimento “Renascimento das artes em Olinda” e destaca a riqueza que os olindenses possuíam e com as quais conviviam por meio dos tesouros que as igrejas guardavam:

A riqueza artística das nossas igrejas está na pedra lavrada, nos azulejos e na obra de talha. Essa é maravilhosa. Os templos do Carmo, de S. Bento e da Misericórdia, em Olinda e os da Conceição dos Militares e de S. Pedro em Recife, entesouram labores de madeira entalhada e dourada. O da Madre de Deus, que é o tipo mais acabado de igreja colonial que possuímos, com a fachada quase toda em pedra, conserva uma preciosa sacristia aberta em jacarandá.⁷⁰

Tereza Costa Rego, uma das depoentes desta pesquisa, participou do movimento das artes em Olinda. Recorre a sua memória para relatar os fatos que foram decisivos em seu desenvolvimento e nos mostra como já atravessou gerações e foi responsável pelo crescimento das artes em Olinda, possibilitando o aparecimento de uma nova geração, que hoje também produz e dá continuidade a esse trabalho, já que se passaram mais de quatro décadas desde que o movimento teve início.

Olinda tem um acervo arquitetônico grande e as casas estavam muito baratas, a cidade meio decadente, então, por causa disto, muitos de nós compramos casas aqui. A Ribeira teve três fases bem claras: a primeira etapa, os artistas se reuniam para dar aulas e era um movimento cultural de arte moderna. Já na Guaianases, que é uma oficina, com conseqüências maiores, que juntou alguns artistas do passado e os jovens. Então foi um movimento muito importante porque a gente dava aulas de pintura, tinha uma oficina de litografia grande e saíram de lá os maiores artistas de Pernambuco. Às vezes eu digo assim: velhos ou novos, todos nós somos filhos da Ribeira. Na primeira etapa, quem liderava era Adão Pinheiro; e na segunda etapa, João Câmara. Olha, os artistas que eu poderia marcar, inclusive com a Guaianases e a Ribeira, são: Maria Carmem, Guita Charifker, Ipiranga Filho, José Carlos Viana, Adão Pinheiro, Delano e João Câmara, Petrônio Cunha. Esta geração pariu uma geração nova, é a primeira. Estes daí já davam aulas e iam formar outros artistas menores que já estão na mídia, produzindo.

⁶⁹ SILVA, 1984.

⁷⁰ Ibidem, p.49.

Nos anos de 1990, surgiu o Atelier Coletivo, cuja meta era congregar importantes artistas em torno de um ideal comum, que era a produção artística num clima de liberdade, de troca e de grande criatividade. A este movimento das artes em Olinda, se juntaram artistas importantes no cenário cultural pernambucano — Maria Carmem, Gilvan Samico, Alves Dias, Giuseppe Baccaro, Petrônio Cunha, Luciano Pinheiro, Tereza Costa Rego, Marianne Peretti, Sylvia Pontual, Delano, Roberto Lúcio, José Carlos Viana, Marcos Amorim, Marcos Cordeiro —, que fundaram novos ateliês, galerias e cooperativas de arte.⁷¹

Outros artistas foram chegando a Olinda, como Welligton Virgulino, Tiago Amorim, Gina e tantos outros mais. Também participaram do movimento, consagrados artistas populares de Olinda, como: Bajado, Clóvis e Genésio Reis. Olinda já conta hoje com uma nova geração de artistas, muitos deles filhos dos pioneiros, que vão dando prosseguimento ao trabalho iniciado por seus pais.

Este movimento criado por Adão Pinheiro, Montez Magno e Anchises Azevedo representou uma importante contribuição para as artes em Olinda, pois defendia uma ideologia nova de educação para a arte, tanto técnicas de desenho, pintura, gravura e escultura, como para o artesanato, estimulando a criatividade e desenvolvendo as técnicas artísticas. Novos artistas vieram se juntar a estes núcleos iniciais e Olinda vivenciou um movimento crescente de instalação de novos ateliês.⁷² Sobre o florescimento e a propagação deste movimento, Olímpio Bonald Neto⁷³ diz:

O poder de irradiação deste pequeno e atuante grupo, o trabalho entusiasta e organizado promovendo cursos livre de desenho, pintura, estética, escultura, entalhe, xilogravura, batike, e as coloridas vernissages, as festas folclóricas e as novas atrações turísticas, fizeram surgir, numa reação em cadeia, outros grupos. O movimento atraiu numerosos artistas para a velha capital (onde todas as semanas, entre 63 e 65 se abriam novas galerias e *ateliers*), interessou antigos e novos comerciantes de arte, aparecendo então a insinuante figura do *marchand au tableau* povoando os sobrados e os socavões do casario centenário de Olinda.

Olinda teve uma nova ordem de importância no cenário artístico regional e nacional e assistiu a restauração de seus antigos casarios, que se encontravam degradados. A partir da década de 1960, eles foram sendo gradativamente ocupados por artistas plásticos, intelectuais, escritores, poetas, jornalistas e historiadores que se mudaram de outras cidades,

⁷¹ CÓRDULA, Raul. Utopia do olhar. In: OLINDA Arte em toda parte. Catálogo da 1ª Edição da Exposição. Olinda: Prefeitura Municipal de Olinda, dez. 2001. p. I-VI.

⁷² QUINTELA, Ariadne. Guaianases: lugar de trabalho e lazer. *Jornal do Comércio*, Recife, Seção de Turismo, p. 10, 20 dez. 1985.

⁷³ BONALD NETO, Olímpio. *Palco e palanque*: contribuição à crônica pitoresca de Olinda. Recife: Coleção Concórdia, 1988. p. 30.

principalmente do Recife, e passaram a residir em Olinda. Não podemos deixar de registrar que este movimento migratório foi também contemporâneo ao período da repressão imposta pelo regime militar às grandes cidades, a partir dos anos de 1960. Em Olinda, Olímpio Bonald Neto⁷⁴ assim vê esse movimento:

Certamente essa migração de talentos populares, de hábeis e experientes artistas e artesãos explica o celeiro de vocações artísticas que o pintor Adão Pinheiro e seus companheiros do chamado MOVIMENTO DE ARTES DA RIBEIRA, dos anos sessenta, descobriram e integraram à economia cultural nordestina, exatamente no meio da tenebrosa ditadura militar que inspirou feroz repressão fascista contra os artistas e intelectuais brasileiros.

Já Alves Dias,⁷⁵ depoente da pesquisa, artista plástico e escultor, vivenciou o movimento de artes em Olinda e fala dos anos duros da repressão, que também se instalou em Olinda a partir de 1964.

Este movimento começa com a abertura da Ribeira e de um ourives que teve uma atuação importante no movimento de artes, Genésio Reis, e depois ele começou a pintar. Isto estou situando para mostrar que este período de 1964, 1965 até 1980, tinha-se um movimento intenso aqui. Depois os artistas foram imigrando, depois houve prisões de alguns artistas, houve fuga de alguns artistas e o movimento... está hoje praticamente parado. Hoje cada um fica isolado em seu atelier, não há mais aquela coisa [...] aquele conagraçamento. Se trouxe para cá também a Oficina de gravura que João Câmara ficou à frente: a Galeria Guaianases.

Assim, esse período de Olinda passou à História e hoje já conta com quatro décadas de existência:

A Cidade Patrimônio da Humanidade tem muitos encantos. Nela, passado e futuro se misturam e param no tempo. Sagrado e profano se perdoam e conciliam, cúmplices. Foi assim que, de mansinho, Olinda atraiu e cativou artistas, que fazem de seus sobrados morada e ateliê. E, enquanto lhe roubam os encantos, devolvem-lhe ainda mais poesia.⁷⁶

⁷⁴ BONALD NETO, 1992, p. 59.

⁷⁵ Alves Dias, pintor e escultor e ex-técnico da Sudene, que participou ativamente do movimento das artes em Olinda. Morou em Olinda desde 1953, foi preso pelo regime militar de 64. Tem filhos e netos

⁷⁶ BARBOSA, Diana; GUERRA, Rafael. Terreno fértil para a arte. *Revista Continente - Documentos*, Recife, n. 27, p. 1-40, 2004. p. 4.

Cada rua, beco, travessa, ladeira abriga tanto artistas renomados, como artesões que convivem lado a lado. Há registros de que Olinda se transformou na cidade brasileira que tem a maior concentração de artistas, o que a torna uma das únicas cidades no país a reunir, em poucas ruas, um grande número de ateliês. Importantes exposições de arte foram sendo criadas, como a I Semana de Arte de Olinda, de 16 a 23 de dezembro de 1967, que se tornou um marco. Hoje, o *Olinda Arte em Toda Parte* tornou-se uma bandeira do movimento e abriu uma nova era para a cidade de Olinda. Atualmente, esse evento encontra-se já em sua 8ª versão e atrai um público de milhares de visitantes que invadem Olinda, em seus 10 dias de exposição.⁷⁷

Este movimento das artes trouxe reflexos que perduram até o momento atual. Nesses dias a cidade se prepara para uma grande exposição, com seus artistas abrindo seus ateliês à visitação pública. É, efetivamente, um grande evento cultural da cidade e do Estado, que está já em seu oitavo ano de realização. Teve, em suas últimas versões, a participação de centenas de artistas e de pontos de visitação cultural, com público de milhares de visitantes. É realizado sempre no mês de novembro. Tem características particulares: a noção de conjunto na amostra que toma toda a cidade, que lastreou a formação dos ateliês coletivos décadas passadas e que ainda hoje permite a integração entre os diversos setores culturais: os músicos e a moda, a gastronomia e as artes plásticas, o cinema e o artesanato que convive com as grandes expressões artísticas.⁷⁸ Essa é Olinda e seu Sítio Histórico:

Durante os dois finais de semana do evento, a cidade é tomada por número impressionante de visitantes, que chega a 20 mil pessoas. Eles são atraídos tanto pela arte como pelas facilidades que o *Arte em Toda Parte* oferece. Primeiro, é montada uma grande exposição que abriga uma obra de cada um dos artistas inscritos no evento, oferecendo um painel amplo dos trabalhos produzidos no Sítio Histórico. Menos preocupada em enaltecer essa ou aquela tendência estética, essa mostra é um retrato da convivência harmônica de etilos na Cidade Alta.⁷⁹

A nova geração de artistas também recebeu uma forte contribuição desse movimento, como podemos constatar no depoimento de Marília Didier Oliveira Reis, uma das artistas plásticas da nova geração de Olinda:

Veja que esse Movimento “Olinda Arte em Toda Parte”, foi um grande divisor de águas e de incentivo à cultura e em relação à forma de como o governo conduz a cidade. É uma coisa que de certa forma me choca. Olinda, que é um monumento, e a

⁷⁷ BARBOSA; GUERRA, 2004.

⁷⁸ SANTOS, Luciana. Apresentação. In: OLINDA Arte em Toda Parte. Catálogo da 7ª Edição. Olinda: Prefeitura Municipal de Olinda, 2007. p. 2-3.

⁷⁹ BARBOSA; GUERRA, op. cit., p. 4.

gente não vê um tratamento de monumento. Por exemplo, fizeram uma reforma, um conserto na rua, e que é o acesso principal ao Sítio Histórico e não tem uma placa de desvio; eu que vivo em Olinda, cheguei em Olinda e não sabia como chegar na pousada de meu pai. É a forma como se conduz as coisas, é a falta de cuidado, você não vê placa, você vê as igrejas, não têm nome, algumas delas você não tem um cuidado, uma estrutura turística como a cidade deveria ter, uma vez que é patrimônio da humanidade. Então eu acho que é um desleixo muito grande com a cidade; que poderia ser uma fonte de renda, infinita é que não é, porque a cidade não é dotada como tal, como deve ser.

Diana Barbosa e Rafael Guerra⁸⁰ citam o depoimento de Betty Gatis, outra representante desta nova geração de artistas, que assim define este momento de *Olinda Arte em Toda Parte*:

Essa movimentação, que entra agora em sua quarta edição [sétima] tem levado muitos ateliês e lojas a se prepararem para o evento. “A gente pinta as paredes, aplica uma camada de brilho no chão e deixa tudo no melhor estado possível para receber o público de *Arte em Toda Parte*”.

A cidade, portanto, enfeita-se toda para o vitorioso movimento de arte que se espalha por todas as partes de Olinda. É interessante a questão da pintura em suas fachadas, por que Olinda se engalana, veste sua roupa domingueira, se cobre de cores fortes, como para saldar a vida; todos são atraídos por esta arte — da qual Olinda é mestra — de superar e driblar as dificuldades. Ela que historicamente cobria de branco suas paredes, como é documentado pelos antigos cronistas que a visitaram nos séculos passados. Hoje Olinda é só cores, arte e alegria.

Há várias maneiras de entender o movimento das artes em Olinda na atualidade, mas destacamos a visão de Marília Didier Oliveira Reis, que é uma artista plástica da nova geração, porque traz uma ótica nova e bastante pragmática deste momento que Olinda vivencia:

Por exemplo, a Rua Prudente de Moraes, a Rua do Amparo, eram ruas que antes tinham três ou quatro ateliês, hoje você encontra facilmente 10, 15; elas viraram ateliês, acho que existe uma contaminação dessa coisa cultural, incentivada por este movimento. Acho que a gente tem todo tipo de arte, do artesanal à arte consagrada. A gente encontra artistas de vários tempos, de várias fases, de qualidades excepcionais,

⁸⁰ BARBOSA GUERRA, 2004, p. 5.

até a de pouca qualidade. E acho que o olindense, todo ele se sente um pouco artista. Então daí você tem qualidades variadíssimas. Eu conheço várias pessoas que vivem de arte, não posso generalizar, mas conheço várias pessoas que conseguem viver de arte em Olinda, e não são artistas tão consagrados. Claro que os consagrados a gente não precisa nem falar.

É importante também a visão de Tereza Costa Rego, consagrada artista plástica de Olinda, que participou ativamente de todos esses movimentos artísticos:

O surgimento do movimento das artes em Olinda, eu acho que se deve a alguns fatores. Um dos fatores, como tudo mais, foi o econômico. Um dos fatores importantes deste movimento, foi aqui ter um acervo arquitetônico muito grande e as casas nesta época estavam muito baratas. A cidade estava meio decadente; então a gente poderia conseguir um casarão aqui e pagar muito pouco. Então, por causa disto, muitos de nós compramos casas aqui. Eu não participei no cotidiano, porque a Ribeira teve várias etapas [...] teve a primeira, mas de 50 para 60, participei, principalmente em 62, que foi o auge.

Entendemos que é possível compreender esse movimento das artes em Olinda como uma maneira visceral da população enfrentar suas idiossincrasias, suas perdas e tentativas de elaboração, sua imensa capacidade sublimatória de fazer reviver aquela que foi totalmente destruída pelo incêndio e com sua inquebrantável capacidade de surgir das cinzas se faz presente, nesse incessante movimento de subidas e descidas, tal qual o movimento das ondas do mar, que sempre retorna ao mesmo lugar. Olinda é uma cidade em que se costuma relacionar a criatividade de seu povo a sua própria maneira de ser. Como diz Luciana Veras:⁸¹

Não há apenas uma característica singular de Olinda. Existe, sim, a própria cultura que na cidade surge e dela se difunde; um conjunto de manifestações artísticas, folclóricas, sociais, um organismo vivo, por um lado perene, por outro mutante. Por exemplo, a eternidade do casario — dos sobrados que remetem a séculos passados.

Olinda, a despeito de suas perdas, não se transformou em uma cidade cujo principal traço é a melancolia, como aconteceu com a cidade de Istambul, antiga capital da Turquia,

⁸¹ VERAS, 2006b, p. 41.

que também vivenciou grandes perdas como descrito por Orhan Pamuk,⁸² em seu livro intitulado *Istambul: Memória e Cidade*. Olinda enfrentou também grandes perdas, mas não se deixou abater pela “melancolização”, que é uma das formas mais intensas de depressão, quadro que Sigmund Freud⁸³ analisou em seu texto *Luto e Melancolia*, de 1917.

Por isso Olinda é *cantada* em versos em seu hino, sua história é imortalizada nas poesias de seus poetas e nos hinos dos blocos carnavalescos que destacam as suas belezas. Não há dúvidas de que aí estão relacionadas história, arte e memória.

Na essência Olinda, naquela de outrora e na atual, está o orgulho de quem nela mora, a alegria de desfrutar de uma atmosfera particular de uma ambiência que promove a convivência e propicia a conexão — entre vizinhos e turistas, entre os foliões e os residentes, entre a cidade como existe e o que dela se constrói.⁸⁴

Olinda revela essa nova face, de ser um centro de artes e cultura, destacando-se com novo perfil: “A Cidade das artes plásticas. Olinda, na região metropolitana do Recife, tem a maior proporção de artistas por metro quadrado do Brasil. Lá, moram mais artistas do que médicos, por exemplo. Somente no Sítio Histórico concentra 203 artistas e 120 ateliês em 1.200 metros quadrados.”⁸⁵ O título de *Primeira Capital Brasileira da Cultura*, recebido em 2006, é uma forma criativa encontrada pelos olindenses de continuar no posto de cidade diferenciada e uma forma de, por meio da sublimação pelas artes, elaborar suas perdas.

Olinda, então, retorna ao lugar de centro, como foi outrora, a primeira capital do período colonial, e que por muitos anos viveu um período de riqueza e de poder, pois reunia em suas ruas todo o poder administrativo, militar e religioso da colônia. Foi uma das primeiras vilas implantadas na Capitania e retorna agora como primeira *Capital Brasileira da Cultura*,⁸⁶ título de destaque, que revela uma força e resistência enormes. Olinda, pela sublimação e criatividade de seu povo, pelas artes, retorna a sua posição inicial. Olinda inquebrantável, tal qual a Fênix, renasce de suas próprias cinzas:

Ovídio nos fala da seguinte maneira sobre a Fênix: “A maior parte dos seres nasce de outros indivíduos, mas há uma certa espécie que se reproduz sozinha. Os assírios chama-na de fênix. Não vive de frutos ou flores mas de incenso e raízes odoríferas. Depois de ter vivido quinhentos anos, faz um ninho nos ramos de um carvalho ou no alto de uma palmeira. Nele ajunta cinamomo, nardo e mirra, e com essas essências

⁸² PAMUK, Orhan. *Istambul: memória e cidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 408.

⁸³ FREUD, 1974 j [1917].

⁸⁴ VERAS, 2006b, p. 42.

⁸⁵ AMARO; BIASETTO, 2008, p. 113.

⁸⁶ Em 26 de outubro de 2005, o ex-ministro da Cultura do Brasil, Gilberto Gil, esteve em Olinda para outorgar à cidade o título de *Capital Brasileira da Cultura*. A primeira a ganhar um concurso concebido por uma organização não-governamental, a suplantando concorrentes como Salvador. VERAS, op. cit., p. 41.

constrói uma pira sobre a qual se coloca, e morre, exalando o último suspiro entre os aromas. Do corpo da ave surge uma jovem fênix, destinada a viver tanto quanto a sua antecessora. Depois de crescer e adquirir forças suficientes, ela tira da árvore o ninho (seu próprio berço e sepulcro de seu pai) e leva-o para a cidade de Heliópolis, no Egito, depositando-o no templo do Sol”.⁸⁷

Olinda, enquanto cidade, enquanto história, nos dá um belo exemplo de enfrentamento e de superação de suas perdas. E isto está registrado na memória de seu povo que, num rito de catarse, extravasa no carnaval todas as suas dores, e pelas artes sublima e cria, num movimento incessante de se renovar a cada instante. Esta é a verdadeira face de Olinda, a que sabe dar a volta por cima e não se deixa abater jamais!

Por isso, o extremo amor e apaixonamento que seus filhos lhe devotam.

⁸⁷ BULFINCH, 2000, p. 362-363.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa visou o resgate da história de Olinda, em função não apenas da importância histórica da própria cidade, mas, e principalmente, para preencher uma lacuna, uma vez que os trabalhos sobre a cidade, em sua quase totalidade, voltam-se para o período colonial.

Construir a história da cidade de Olinda, contada pelos olindenses, e conhecer as transformações e fases que a cidade viveu ao longo dos anos, foi o objetivo da pesquisa realizada. Assim a memória pessoal evidenciou os aspectos sociais das vivências nessa cidade, destacando nas narrativas as representações e as identificações com a cidade, os traços comuns encontrados nos diversos depoentes e as narrativas e informações relacionadas às transformações sociais, históricas, políticas, econômicas e culturais. Para alcançar o objetivo proposto, utilizamos a metodologia da história oral, com entrevistas semidirigidas realizadas com olindenses. As narrativas apresentadas foram cruzadas com a documentação disponível consultada: legislação, decretos, literatura, mapas, fotos, jornais, revistas etc. Para isso nos ancoramos nas teorias da História e da Psicanálise, como auxiliares na compreensão e análise dos dados aqui apresentados.

A comunicação com os participantes da pesquisa se estabeleceu por meio das entrevistas, quando apresentaram as histórias vividas mediante suas lembranças. A linguagem, por meio das cadeias associativas, permitiu também que o laço social se efetivasse. As narrativas apresentadas pelos olindenses em seus discursos, através da memória, trouxeram o passado e revelaram uma cidade com uma construção imaginária e colorida pelos desejos e sentimentos de seus moradores.

Olinda não foi apenas formada por sua espacialidade objetiva; ela foi construída pela idealização que permitiu o surgimento de outros signos, revelados pelo que a cidade oferece: sua parte antiga e histórica conservada, com seus monumentos, casarios, igrejas, conventos, mosteiros, sua parte moderna, com as construções de estilo contemporâneo bem como suas belezas naturais, evidentes em suas colinas e na vegetação a beira-mar.

A história da cidade está diretamente relacionada à história e aos mitos de sua fundação. Isso é transmitido oralmente pelas gerações e guardado na memória dos olindenses. A memória é um dos mecanismos mais importantes nos estudos tanto da subjetividade no homem, quanto da socialização de suas vidas na cidade. Assim como o homem tem sua filiação, sua identidade, seus traços subjetivos, a cidade também identifica seus moradores. No caso de Olinda, a cidade marca, principalmente, com o significante “olindense”. O que é

“ser olindense” permitiu-nos conhecer a relação afetiva com a cidade e os traços identificatórios como cidadãos.

Muito importante é o fato de Olinda ter-se conservado com a mesma estrutura urbana da época colonial e não ter sido destruído seu Sítio Histórico, como ocorreu com várias cidades da mesma época no país. A parte antiga preservada tornou-se um dos pontos de admiração mais citados pelos olindenses. Foi possível identificar, nas narrativas dos olindenses, as lembranças da cidade de Olinda em diversas épocas e as representações produzidas, através da memória, em forma de informações sobre as transformações importantes que a cidade vivenciou do ponto de vista social, histórico, político, cultural e econômico.

A história antiga da cidade permaneceu na memória e no imaginário da população, que construiu as representações sociais sobre seu período colonial, trazendo a figura de Duarte Coelho, seu fundador, e as marcas deixadas pelos colonizadores portugueses, principalmente em relação à religião católica e à influência da arquitetura, cujas casas, igrejas, mosteiros e conventos permanecem até hoje.

Foram muito citadas pelos depoentes da pesquisa a invasão e a destruição da cidade pelos holandeses. Isso foi possível documentar pelo trabalho da memória que os olindenses reproduziram, voltando no tempo e descrevendo, com impressionante carga afetiva, a destruição maior imposta pelos invasores com um incêndio, em 1631. Este fato marcou profundamente a história da cidade e se revelou como um verdadeiro “trauma”, que tem a capacidade de sempre retornar à memória, esperando por uma elaboração e superação. Trata-se de um fato traumático, que retorna e se revela como uma repetição de difícil elaboração psíquica, produzindo um “luto” que atinge o “orgulho” dos olindenses, tornando-se um “fato traumático” e uma “ferida narcísica”. São representações que não sofreram o processo natural de esmaecimento e esquecimento.

Com sua destruição, Olinda viveu um longo período de declínio. Ainda que tenha sido reconstruída, ela perdeu o lugar de centro de poder da Colônia, porque os holandeses que a invadiram escolheram Recife para ser o novo centro administrativo, político e militar da Colônia, pela proximidade de seu porto e por ser mais fácil sua defesa. Assim teve início o ciclo de crescimento de Recife, que gerou tensão, conflitos e disputas entre olindenses e recifenses e acirrou muito a rivalidade entre eles. Olinda perdeu o posto e a importância para Recife e isso foi uma outra grande questão narcísica, para a vaidade dos olindenses. Sem sombra de dúvidas, o crescimento do Recife é um fato que marcou outra grande perda para o imaginário dos olindenses e, conseqüentemente, teve reflexos para seus traços identificatórios.

Outras fases de apogeu e de declínio vividas por Olinda foram trazidas, principalmente quando a urbe vivenciou um alegre e festivo período de cidade balneária, no início do século XX, com retretas, festas, jornais e banhos salgados, enfeitando-se e engalanando-se, com a construção de belas casas de veraneio, para receber muitos veranistas. Porém as “ressacas” chegaram, e o mar mostrou sua face mais cruel, quando não apenas invadiu suas areias, mas também destruiu irremediavelmente ruas e casas. A cidade balneária perdeu o posto para Recife, onde as praias do Pina e da Boa Viagem foram substituindo as famosas praias de Olinda. Até hoje as praias da região do Sítio Histórico de Olinda permanecem sem balneabilidade, em razão das construções defensivas de diques artificiais de pedras.

A expansão urbana de Olinda, verificada em período mais recente, a partir dos anos de 1950, apresenta imóveis com padrões arquitetônicos contemporâneos, situados na parte baixa da cidade, o Bairro Novo, o Jardim Atlântico, Casa Caiada e outros. O surgimento dessa “Nova Olinda” foi relatado pelos participantes da pesquisa. Esse período de expansão urbana, com o surgimento de novos bairros e o crescimento dos já existentes, bem como a construção de grandes conjuntos habitacionais, foi percebido como uma nova fase de desenvolvimento de Olinda, uma vez que seu crescimento demográfico foi muito intenso. Essa foi uma nova fase que Olinda vivenciou, com a ocupação de seu território em direção à zona rural e ao longo de sua orla. A cidade se transformou e se modernizou, mas conservou seu Sítio Histórico.

As narrativas dos olindenses são marcadas por um tom de saudade pela antiga cidade, mas também de orgulho, porque a construção dos novos conjuntos habitacionais e o crescimento dos novos bairros, bem como a implantação de equipamentos urbanos, como supermercados, *shoppings*, e a construção de altos edifícios de arquitetura moderna em suas praias, são vistos como símbolos da modernização da cidade. Essas construções de influência da arquitetura moderna representaram um novo nível de ascensão social para os olindenses. Morar nos antigos casarões da cidade não conferia *status*, pois se tornou o espaço urbano da população menos abastada da cidade. Não há dúvida de que se verificou um importante processo de transformação em Olinda, no período compreendido entre as décadas de 1950 e 2000, com o surgimento de uma nova Olinda, construída no entorno do Sítio Histórico e ao longo de sua orla marítima.

Nessa nova fase, os moradores da parte antiga da cidade alta transferiram-se para os novos bairros. Mas a urbanização de Olinda prosseguia, muitas vezes sem a infra-estrutura necessária, capaz de lhe dar vida própria. Continuava a ser a cidade dormitório, com a quase totalidade de sua população ativa trabalhando no Recife.

Olinda, mais recentemente, viveu um outro drama em relação a seus monumentos mais antigos e importantes e a seu casario do Sítio Histórico, que começaram a apresentar rachaduras em suas estruturas. Foi detectado um problema grave em relação aos terrenos das colinas onde eles estão edificadas, que estavam cedendo. Estudos e medidas de contenção estão sendo realizados e alguns monumentos encontram-se em processo de restauração pelo Projeto Monumenta do Ministério da Cultura.

Ao lado dos problemas apontados, há também a saudade dos tempos passados. Para os mais idosos, Olinda já teve uma qualidade de vida melhor e foi maior a convivência e a sociabilidade entre seus moradores. Uma vida mais calma, em que as pessoas se conheciam e eram mais solidárias, típica de cidades pequenas.

Como uma grande perda, é ainda destacada a falta de respeito às autoridades e de delicadeza nas relações sociais e familiares. A televisão aparece como a grande vilã, que veio para mudar os hábitos das famílias, que estão reclusas dentro dos lares e em volta de seus aparelhos de TV. As mudanças de hábitos e valores decorrem desse fato.

Foi também apontado pelos depoentes que Olinda é uma cidade dividida, com seus espaços “nobres” e bairros proletários e com suas invasões e pobreza, inclusive dentro do Sítio Histórico, com histórias de violência com a chegada do tráfico de drogas à cidade.

Podemos concluir, apresentando Olinda como uma cidade em que a história foi marcada por diversas fases de apogeu — riqueza e poder — e declínio — terríveis perdas e destruição. Mas isso está marcado na memória do olindense e é objeto de orgulho e vaidade, pelas possibilidades que a cidade apresenta de superação. Olinda viveu exatamente como o mar que banha sua orla, cujas ondas estão sempre no movimento de “subidas” e de “descidas”, que tanto a embelezaram como destruíram suas praias. Não há na história de Olinda uma linearidade. É particularmente interessante ouvir a visão da cidade por outros olhos, que também a viram de outras maneiras especiais. Há uma outra Olinda trazida pela memória dos moradores dos bairros periféricos e carentes, principalmente pelos moradores de seus bairros populares e de suas invasões.

Um dos traços principais de Olinda também aparece nos relatos dos olindenses: a atmosfera poética de suas ruas estreitas, do casario colonial, dos bairros, das ladeiras e das praças, num verdadeiro convite à meditação e à criatividade de seus moradores.

Em relação aos traços identitários revelados pelos olindenses, destacaram-se o “orgulho”, a “vaidade” e intenso “apaixonamento” por sua cidade, independente de terem os olindenses suas moradias no Sítio Histórico, nos bairros mais modernos, ou mesmo na periferia da cidade.

Por que Olinda desperta sentimento tão intenso? Os olindenses apontam a capacidade de superação de seus infortúnios, como um dado importante e presente na visão de sua cidade. Sua própria história de batalhas, lutas e mortes, que está na memória e é repassada oralmente pela população, de geração a geração, é uma história de superação de dificuldades.

Outra fase trazida nas narrativas, como motivo de grande orgulho, é o movimento das artes, iniciado há mais de quatro décadas, que projetou Olinda como uma cidade singular em relação a sua produção artística. Olinda é trazida como uma cidade que tem uma enorme capacidade de superação de suas fases de perdas e destruição. Mas entendemos que Olinda se supera por sua resistência, como uma cidade que não se deixa abater pelas adversidades e utiliza, para isso, sua energia e criatividade. Em 2006, Olinda foi eleita a Primeira Capital da Cultura do país. Chega, assim, novamente, a um primeiro lugar, aquela que já foi a principal vila da Capitania de Pernambuco, quando do período do Brasil colônia.

De sua história antiga de lutas, batalhas, guerras e heroísmo, o olindense também se orgulha. Mas, mesmo tendo uma longa história de perdas e conquistas, é o olindense também vaidoso de sua capacidade de nunca perder sua alegria, que explode nas fantasias que seu carnaval realiza, um dos mais importantes e vibrantes do país, possibilitando um momento catártico para moradores e visitantes. Olinda é multicultural, é festa, é arte, é frevo, é alegria. Isso é revelado pelo amor do olindense ao carnaval, a seus blocos, clubes e a sua música, que trazem para o carnaval as manifestações populares representativas dos povos que formaram o Brasil como nação: o maracatu, os cabloquinhos e os blocos de pau-e-corda, que representam, respectivamente, o povo negro, os índios e os portugueses.

Não é simples, para um pesquisador que nasceu e viveu parte de sua vida numa cidade, escrever objetivamente e com neutralidade sobre ela, como se fosse possível colocar em campos distintos a razão e a emoção. Isto porque, o andar por suas ruas, ladeiras e becos, o participar dos acontecimentos ocorridos no passado, ter vivido suas festas religiosas e profanas, ter tido as importantes companhias da família e dos amigos de infância e adolescência, tudo isto molda a maneira de viver e de ver a cidade. Mas não é impossível, quando contamos com os recursos da metodologia da história oral, e podemos comparar nossas experiências com a dos outros olindenses, que também viveram situações semelhantes, num mesmo momento e espaço históricos e que trazem visões diferentes, narrando suas lembranças de formas distintas. Foi possível ouvir a memória de uma outra geração, cuja visão da cidade é diferente, porque viveram realidades diferentes, numa mesma cidade.

A pesquisa não ouviu os jovens adolescentes, nem crianças olindenses. Não sabemos se as percepções da cidade seriam construídas com estes mesmos matizes apresentados. Mas

recortamos e delimitamos o perfil dos depoentes e trabalhamos apenas com adultos e idosos. Fica aqui a proposta para que o estudo possa estimular outras pesquisas, com outros sujeitos, em Olinda ou em outras cidades brasileiras.

Também não foi possível, apesar de ter sido muito tentador, caminhar em outra direção nesta pesquisa e também levantar, junto aos depoentes, suas impressões sobre a situação do casario antigo de Olinda, outra questão instigante. Nele foram feitas muitas reformas no período em que o Sítio Histórico entrou em decadência e suas casas foram vendidas e transformadas em ateliês, pousadas, lojas etc. O trabalho de pesquisa de André Pina¹, já citado é esclarecedor sobre estas modificações e alterações feitas na cidade e faz uma grave denúncia do risco de Olinda se transformar numa cidade apenas de fachadas.

A casa nº. 65, da Rua Vinte e Sete de Janeiro, em Olinda, por exemplo, onde a autora passou sua infância e adolescência, sempre foi uma casa residencial. A partir dos anos 1960, entretanto, ela deixou de ser usada para tal fim e já foi: república de estudantes, restaurante indiano, depois mexicano. Neste último, o empresário derrubou as paredes internas para construir um mezanino e abrir um salão para colocar as mesas, fatos que interferiram em toda a estrutura da edificação e alterou sua volumetria. Foi, ultimamente, um espaço e centro de arte.

Outra possibilidade de desenvolvimento da pesquisa seria ter trabalhado mais detalhadamente o tema do carnaval, tão intenso e tão cheio de tradições em Olinda, as mudanças e o crescimento impressionante da festa, que de tão famosa chegou a ter suas casas alugadas por preços cotados em dólar. Isto levou a Prefeitura a elaborar a Lei nº. 5.306, em 2001, Lei do Carnaval, que disciplinou, entre outras coisas, o uso do som mecânico nas casas da cidade, que estava prejudicando os desfiles das agremiações carnavalescas tradicionais. Essa medida tornou o carnaval mais tranquilo e diminuiu o acesso de foliões que iam à cidade fazer baderna e não estavam interessados nos desfiles das agremiações. Vários depoentes concordaram com essa legislação e acharam que houve uma melhora qualitativa no Carnaval desses últimos anos. Seria necessária uma pesquisa sobre este tema que aprofundasse o conhecimento sobre sua evolução. Fica a proposta para novos trabalhos.

Mas Olinda, na visão dos olindenses, é uma cidade especial que, tal qual a fênix, ressurge das cinzas com uma incrível capacidade de recuperação e de reescrever a cada período uma nova história. Ultimamente, é pelas artes que Olinda está escrevendo mais um capítulo de sua longa história. É mais uma “onda”, uma fase de “subida” em sua história. Por isso os olindenses a amam apaixonadamente.

¹ PINA, 2006.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

AGRA OLIVEIRA, Valéria (Coord.). *Projeto Foral de Olinda*. Relatório II. Olinda: Prefeitura de Olinda, 1996.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

AMADO, Janaína. *Terra boa, gente ruim: história e memória do degredo no Brasil*. *CLIO Revista de Pesquisa Histórica*, Recife, n. 24, p. 13-18, 2006.

AMARO, Mariana; BIASETTO, Daniel. As cidades que são número 1. *Revista Veja*, São Paulo, edição 2.070, ano 41, n. 29, p. 113, 23 jul. 2008.

ANDRADE, Manuel Correia. *Recife: problemática de uma metrópole de região subdesenvolvida*. Recife: EDUFPE, 1979.

ANDRADE, Manuel Correia. Formação da aglomeração recifense. In: JATOBÁ, Lucivânio (Org.). *Estudos nordestinos sobre crescimento urbano*. Recife: FUNDAJ, 1987. p. 257-291.

ANDRADE, Manoel. *Recife, uma trajetória secular*. Recife: Artelivros, 2003.

ARAÚJO, Rita de Cássia. *As praias e os dias: história social das praias do Recife e de Olinda*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2007.

ARLÉGO, Edvaldo. *Olinda: patrimônio natural e cultural da humanidade*. Recife: Edificantes, 1992.

ARLÉGO, Edvaldo. *Nassau, o homem e o mito*. Recife: Edificantes, 2004.

ATAÍDE, José. *Olinda, carnaval e povo*. Olinda: 1900/1981. Olinda: FCSPHO, 1982.

AZEVEDO, Aroldo. Vilas e cidades do Brasil colonial. *Geografia – espaço e memória*, São Paulo, n. 10, p. 23-79, 1994.

AZEVEDO, Thales. *Povoamento da Cidade do Salvador*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

AVÉ-ALLEMANT, Robert. *Viagem pelo norte do Brasil no ano de 1859*. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1961.

BAERS, Pe João. *Olinda Conquistada: narrativa do padre João Baers*. São Paulo: IBRASA, 1978.

BARBOSA, Antonio. *Relíquias de Pernambuco: guia aos monumentos históricos de Olinda e Recife*. São Paulo: Fundo Educativo Brasileiro, 1983.

BARBOSA, Diana; GUERRA, Rafael. Terreno fértil para a arte. *Revista Continente-Documentos*, Recife, n. 27, p. 1-40, 2004.

BARBOSA, Márcio. *Experiência e narrativa*. Salvador: EDUFBA, 2003.

BARBOSA, Pe Antonio. *Relíquias de Pernambuco: guia aos monumentos históricos de Olinda e Recife*. São Paulo: Fundo Educativo Brasileiro, 1983.

BARLÉU, Gaspar. *O Brasil holandês sob o Conde João Maurício de Nassau: história dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil e noutras parte sob governo do Ilustríssimo João Maurício Conde de Nassau, etc. ora governador de Wsel, Tenente-General de cavalaria das Províncias Unidas sob o Príncipe de Orange*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005.

BARROS, José D' Assunção. *O campo da história: especialidade e abordagens*. Petrópolis: Vozes, 2004.

BARROS, José D' Assunção. *Cidade e História*. Petrópolis: Vozes, 2007.

BELTRÃO, Luiz. *Memória de Olinda*. Olinda: FIAM, Centro de Estudos de História Municipal; Prefeitura Municipal de Olinda, 1996.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política; ensaio sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENTO, Cláudio Moreira. Montes dos Guararapes – Projeção Histórica. In: _____. *As batalhas dos Guararapes: análise e descrição militar*. Disponível em: <<http://www.ahimtb.org.br/suma.htm>>. Acesso em: 9 jul. 2008.

BERGSON, Henri. *L'Èvolution créatrice*. Paris: PUF, 1969.

BERGSON, Henri. *Cartas, conferências e outros escritos*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores).

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória* - ensaio sobre a relação do corpo com e espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BERNARDO, Terezinha. *Memória em branco e negro: olhares sobre São Paulo*. São Paulo: EDUC; Fundação Editora da UNESP, 1998.

BIRMAN, Joel. *Ensaio de teoria Psicanalítica: metapsicologia, pulsão, linguagem, inconsciente e sexualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

BIRMAN, Joel. *Psicanálise, Ciência e Cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

BIRMAN, Joel. *Estilo e modernidade em Psicanálise*. São Paulo: Ed. 34, 1997.

BNH INVESTE 11 bilhões em obras do CURA em Olinda. *Jornal do Comércio*, Recife, p. 1, 13 abr. 1874.

BONALD NETO, Olímpio. *Cultura, Turismo e tempo*. Recife: FUDARPE, 1980.

BONALD NETO, Olímpio. A igreja de N. S. do Amparo não pode ruir. *Diário de Pernambuco*, Recife, p. 1, 7 out. 1985.

BONALD NETO, Olímpio. *Palco e palanque: contribuição à crônica pitoresca de Olinda*. Recife: Coleção Concórdia, 1988.

BONALD NETO, Olímpio. *Os gigantes foliões em Pernambuco*. Olinda: Fundação Centro de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda, 1992.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOXER, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654*. Recife: CEPE, 2004.

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Certidão de Tombamento da Cidade de Olinda, com demarcação do polígono protegido pelo Decreto-Lei n.º. 25, de 30 de novembro de 1937*. Rio de Janeiro, 9 de agosto de 1988.

BRASIL ARQUEOLÓGICO. Site da Equipe do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco. *A escavação da Sinagoga Kahal Zur Israel na mídia*. Disponível em: <[http://www.magmarqueologia.pro.br/S_Kahal\(Midia\)htm](http://www.magmarqueologia.pro.br/S_Kahal(Midia)htm)>. Acesso em: 17 mar. 2008.

BUENO, Eduardo. *A coroa, a cruz e a espada: lei, ordem e corrupção no Brasil colônia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia* - histórias de deuses e heróis. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

CALADO, Frei Manuel. *O valoroso lucideno*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1987.

CARDOSO, Ciro Flamarion. *Os métodos da história*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

CASTELLS, Manuel. *A questão urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

CASTRO, Bernardino. *Nossa Senhora dos Guararapes*: romance histórico, descritivo, moral e crítico. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1980.

CASTRO, Josué de. *Geopolítica da fome*: ensaio sobre os problemas de alimentação e de população do mundo. São Paulo: Brasiliense, 1961. v. 2.

CATÁLOGO da Exposição “Batalha dos Guararapes: um olhar contemporâneo”. Recife: FUNDARPE, abril de 1994.

CAVALCANTI, Vanildo. *Olinda do Salvador do mundo*. Recife: ASA Pernambuco, 1986.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1995.

CÓRDULA, Raul. Utopia do olhar. In: OLINDA Arte em toda parte. Catálogo da 1ª Edição da Exposição. Olinda: Prefeitura Municipal de Olinda, dez. 2001. p. i-vi.

COSTA, Jurandir. *Violência e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DIDIER, Marília. *Reestruturação urbana*: molhe dos milagres. 1998. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pernambuco, 1998.

DORGEUILLE, Claude. Identificação. In: CHEMAMA, Roland. *Dicionário de Psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995. p. 103-104.

DOSSE, François. *História e Ciências Sociais*. São Paulo: EDUSC, 2004.

DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

DUARTE, Luiz. *Olinda na formação da nacionalidade*. Recife: Imprensa Universitária da UFRPE, 1976.

DUVIGNAUD, Jean. Prefácio. In: HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990. p.9-17.

ENCICLOPÉDIA BARSA. Elaborada sob supervisão dos Editores da Encyclopaedia Britannica. v. II, p. 196. Rio de Janeiro; São Paulo, 1979.

FENDRESS, James; WICKHAN, Chris. *Memória social*. Lisboa: Teorema, 1992.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREZ, Gilberto. *Raras e preciosas vistas e panoramas do Recife – 1855- 1857*. Rio de Janeiro: Fundação Pró-Memória; Recife: FUNDARPE, 1984. (Coleção Pernambucana, 2ª fase).

FREUD, Sigmund. *La Afasia*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Vision, 1973.

FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974a. 1895 [1950], v. I.

FREUD, Sigmund. A psicopatologia da vida cotidiana. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974b, 1901, v. VI.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro, 1974c, 1905, v. VII.

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974d, 1914. vol. XII.

FREUD, Sigmund. O inconsciente. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro; Imago, 1974e. 1915, v. XIV.

FREUD, Sigmund. A Repressão. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974f. 1915, v. XIV.

FREUD, Sigmund. Os instintos e suas vicissitudes. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974g, 1915, v. XIV.

FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974h. 1916, v. XIV.

FREUD, Sigmund. Lição XVIII. A fixação ao trauma - o inconsciente. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974i. (1916-1917), v. XVI.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974j. (1917[1915]). v. XIV.

FREUD, Sigmund. O Ego e o Id. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: 1974k. 1923, v. XIX.

FREUD, Sigmund. O Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974L. (1930[1929]) vol. XXI.

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974m, (1913[1912-12]). v. XIII.

FREUD, Sigmund. Psicologia de grupo e a análise do ego. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974n, 1921. v. XVIII.

FREUD, Sigmund. Introdução a psicanálise e as neuroses de guerra. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974o. 1919. v. XVII.

FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974p. v. V. (1900-1901).

FREYRE, Gilberto. *Olinda: 2º guia prático, histórico e sentimental de cidade brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. Rio de Janeiro: Record, 1990.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GALINDO, Marcos. *História do Brasil na Holanda. Continente - Multicultural - CEPE*, Recife, n. 1, p.28-33, jan. 2001.

GALINDO, Marcos. Eckhout etnógrafo: a missão holandesa de Nassau foi uma expressão tardia do Renascimento nos Países Baixos. Coube a ela registrar a excentricidade do Novo Mundo com uma maior riqueza de detalhes. *Revista Continente-Multicultura*, Recife, Ano II, n. 21, p. 20-22, 2002.

GALHARDO, Talles. O gosto eclético e o histórico Carmo. *Jornal de Olinda*, Olinda, p. 6, dez. 2006.

GALVÃO JUNIOR, Sebastião de Vasconcellos. Recife. In: SILVA, Leonardo Dantas (Org.). *Dicionário corográfico, histórico e estatístico de Pernambuco*. 2. ed. Recife: CEPE, 2006. p.11-491.

GAMA, José Bernardo. *Memórias históricas da província de Pernambuco*. Recife: Arquivo Público Estadual, 1977. (cópia da edição de 1844).

GARDNER, George. *Viagem no Brasil – Principalmente nas Províncias do Norte e nos Distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1942. (Brasiliana Série 5ª v. 223).

GOMES, Laurentino. *1808: Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil*. São Paulo: Plante, 2007.

GOMEZE, Ana Paula. *Olinda recebe executivos da General Eletric*. Disponível em: <<http://www.olinda.pe.gov.br/portal/noticias.php?cod=190>>. Acesso em: 10 set. 2008.

GOOGLE Maps Brasil. Recife PE. Disponível em: <<http://maps.google.com.br/maps?q=recife&ie=UTF8&ll=-8.034584,-34.890175&spn=0.077849,0.105743&z=13>>. Acesso em: 2 jul. 2008.

GOUVEIA, Graça. O último mandato popular. In: GOUVEIA, Graça. *Por amor a Olinda – Barreto Guimarães*. Disponível em: <<http://www.alepe.pe.gov.br/perfil/parlamentares/BarretoGuimaraes/09.html>>. Acesso em: 3 fev. 2008.

GOVERNO e povo no testemunho a Olinda agora cidade-patrimônio. *Diário Oficial do Estado de Pernambuco*, Recife, Ano LX, n. 53, p. 1, 22 mar. 1983.

GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil, e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822, 1823*. São Paulo: EDUSP, 1990.

GUENTHER, Konrad. *Das Antiliz Brasiliens*. Leipzig: [s.n.], 1927. Apud SILVA, Leonardo Dantas. Olinda no tempo do inquisidor. *Revista Continente - Documento*, Olinda, Ano IV, n. 42, p. 10-13, 2006.

GUERRA, Flávio. *História de Pernambuco*. Recife: FUNDARPE; Massangana, 1992.

GUIA PERNAMBUCO. *Teatro Santa Isabel*. Disponível em: <www.guiapernambuco.com.br/teatro/teatrosa.shtml>. Acesso em: 11 abr. 2008.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *Cidade da mineração: memória e práticas culturais*. Cuiabá: EDUFMT, 2006.

GUSMÃO FILHO, Jaime. *A cidade histórica de Olinda: problemas e soluções de engenharia*. Recife: EDUFPE, 2001.

HALBWACHS, Maurice. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Librairie Felix Alcan, 1925.

HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HERKENHOFF, Paulo (Org.). *O Brasil e os holandeses (1630-1654)*. Rio de Janeiro: Sextante, 1999.

HINO de Olinda. Disponível em: <<http://www.olinda.pe.gov.br/portal/simbolosmunicipais.php>>. Acesso em: 20 dez. 2007.

HOFFMANN, Rodolfo. Distribuição da renda e pobreza na região metropolitana de recife. In: PREFEITURA MUNICIPAL DE OLINDA. Secretaria de Planejamento, Transportes e Meio Ambiente/DIM. *Metrópole Estratégica*. Olinda, 2006. p. 1-65.

HOMEM, Selênio. Olinda: ontem e hoje. In: TEIXEIRA, Manuel (Org.). *Olinda das colinas à planície*. Recife: Bagaço, 2004. p.186-188. v. IV.

HOTEL POUSADA PETER. *Home Page*. Disponível em: <<http://www.pousadapeter.com.br/>>. Acesso em: 9 jan. 2008.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Sales. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IBGE – Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Séries Estatísticas Retrospectivas*. Rio de Janeiro, 1986.

IBGE – Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico 2000*. Disponível em: <www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 15 maio 2008a.

IBGE – Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Home Page*. Disponível em: <www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 16 maio 2008b.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Vértice, 1970.

JERUSALISKY, Alfredo. Sobre lembranças e outros esquecimento. *Envelhecimento: uma Perspectiva Psicanalítica*, Curitiba, Ano V, p. 11-26, dez. 2001.

JODELET, Denise. *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

JODELET, Denise, A cidade e a memória. In: DEL RIO, Vicente; DUARTE, Cristiane Rose; RHEINGANTZ, Paulo Afonso (Orgs.). Projeto do lugar: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2002. p.31-43.

KIDDER, Daniel. *Reminiscência de viagem e permanências nas províncias do norte do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980.

KIDDER, Daniel. Onde a imaginação não conhece limites. In: SOUTO MAIOR Mário; SILVA, Leonardo Dantas (Orgs.). *O Recife: quatro séculos de sua paisagem*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 1992. p. 147-161.

KOSTER, Henry. *Viagem ao nordeste do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.

LACAN, Jacques. *Identificação*. Seminário Inédito. Centro de Estudos Freudianos do Recife. Publicação Interna, 1961-1962.

LACAN, Jacques. *L'Angoisse. Séminaire*. Seminário Inédito. Publication Interne. Paris: Association Freudienne, 1962-1963.

LACAN, Jacques. *La família*. Buenos Aires: Homo Sapiens, 1977.

LACAN, Jacques. *Escritos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 11 – Os quatros conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 1 - Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a. (Primeira edição de 1953).

LACAN, Jacques. Conferência em Genebra sobre o Sintoma. *Opção Lacaniana*, Genebra, n. 23, p. 6-16, dez. 1998b.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Diccionario de Psicoanálisis*. Barcelona: Editorial Labor, 1971.

LEFEBVRE, Henri. Industrialização e urbanização – noções preliminares. In: _____. *O direito à cidade*. São Paulo: Moraes, 1991. p. 3-27.

LE GOFF, Jacques. *A nova história*. São Paulo: Martins Fonte, 1990a.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. São Paulo: Unicamp, 1990b.

LEITÃO, Lúcia. Espaço do abrigo? Espaço do afeto! In: DEL RIO, Vicente; DUARTE, Cristiane Rose; RHEINGANTZ, Paulo Afonso (Orgs.). *Projeto do lugar: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2002. p. 365-369.

LEITE, Tiago de Barros. Brilha lá fora a “Prata de casa”. *A Voz de Olinda*, Olinda, Ano 1, n. 5, p. 1, 30 dez. 1956.

LEROY, Ernest. Apresentação. In: ARLÉGO, Edvaldo. *Nassau, o homem e o mito*. Recife: Edificantes, 2004. (Orelha do livro).

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LIMA, Oliveira. Descobrimento do Brasil. In: LIVRO do centenário (1500-1900). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1902. v. III.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MACIEL, Tânia. A representação entre cognição e concepção do ambiente construído. In: RIO, Vicente; DUARTE, Cristiane; RHEINGANTZ, Paula (Orgs.). *Projeto do Lugar - colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2002. p.131-135.

MAGNOLI, Demetrio. *História da Paz*. São Paulo: Contexto, 2008.

MAIA, Tom; FREYRE, Gilberto; MAIA, Thereza Regina Camargo. *Recife & Olinda*. São Paulo: Nacional; Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1978.

MAIOR, Mário Souto; SILVA, Leonardo Dantas (Orgs.). *O Recife: quatro séculos de sua paisagem*. Recife: FUNDAJ; Massangana; Prefeitura da Cidade do Recife, Secretaria de Educação e Cultura, 1992.

MÁRIO, Hélio. Eles se detestavam. Entrevista a Evaldo Cabral de Mello. *Revista Continente – Documento*, Recife, Ano II, n. 21, p. 13-17, set. 2002.

MARX, Murilo. *Cidade brasileira*. São Paulo: EDUSP, 1980.

MATOS, Adriana Dória. Carnaval é como um rio. *Revista Continente-Documento*, Recife, Ano I, n. 7, p. 5-35, 2003.

M’BOW, Amadou Mahtar. Olinda é patrimônio do mundo. *Informativo Olinda*, Olinda, Edição Especial, p. 1, abr. 1983.

MEDEIROS, Roseana Borges. Clubes e troças. *Revista Continente- Documento*, Recife, Ano III, n. 30, p. 31-37. 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MELLO, Evaldo Cabral de. *Olinda restaurada: guerra e açúcar no Nordeste, 1630/1654*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária; São Paulo: EDUSP, 1975.

MELLO, Evaldo Cabral de. *A ferida de Narciso: ensaio de história regional*. São Paulo: SENAC, 2001.

MELLO, Evaldo Cabral de. Eles se detestavam. Entrevista concedida a Mário Hélio. *Continente-Multicultural*, CEPE, Recife, ano II, n.21, p. 13-18, 2002.

MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a história do Brasil holandês: a economia açucareira*. Recife: CEPE, 2004a.

MELLO, José Antonio Gonsalves de. *A economia açucareira*. Recife: CEPE, 2004b.

MELO, José Ataíde de. *Olinda, Carnaval e Povo*. Olinda: Fundação Centro de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda, 1982.

MELO NETO, João Cabral. Olinda revisited. In: _____. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MENDES, Chico; VERÍSSIMO, Chico; BITTAR, William. *Arquitetura no Brasil de Cabral a Dom João VI*. Rio de Janeiro: Novo Milênio, 2007.

MENDONÇA, Andréa. Pelourinho de novo. *A Tarde*, Salvador, Revista Muito, p. 34, 5 abr. 2008.

MENEZES, José Luiz Mota. *Sé de Olinda*. Recife: FUNDARPE, 1985.

MENEZES, José Luiz Mota. Apresentação. In: BATALHA dos Guararapes: um olhar contemporâneo. Catálogo da Exposição de Pinturas, realização da Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco. Recife, abr. 1994.

MENEZES, Maria Aparecida. História Oral: uma metodologia para o estudo da memória. *Vivência*, UFRN/CCHLA, Natal, v. 1, p. 23-36, jan./jun. 2005.

MILET, Vera. *A teimosia das pedras: um estudo sobre a preservação do patrimônio ambiental do Brasil*. Olinda: Prefeitura de Olinda, 1988.

MIRANDA, Manuela Buarque. Histórico. In: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. Rio de Janeiro: IBGE, 1958.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória*. São Paulo: Contexto, 1991.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1992.

MOSCOVI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MULLER, Frei Bonifácio. *Olinda e suas igrejas: esboço histórico*. Recife: Livraria Pio XII, 1945.

MUMFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens, suas transformações, suas perspectivas*. Belo Horizonte: Livraria Itatiaia Limitada, 1965. v. 1.

NIEUHOF, Joan. *Memorável viagem marítima e terrestre ao Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1942. (Biblioteca Histórica Brasileira. v. IX).

NEVES, Lucília de Almeida. Memória, história e sujeito: substratos da identidade. *História Oral: Revista da Associação Brasileira da História Oral*, São Paulo, v. 6, n. 3, p. 109-116, jun. 2000.

NOGUEIRA, Mons. Severino Leite. *O seminário de Olinda e seu fundador o Bispo Azeredo Coutinho*. Recife: FUNDARPE, 1985.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História, PUC, São Paulo*, n.10, p.7-28, 1993.

NOVAES, Fernando. *Olinda, evolução urbana*. Recife: FUNDARPE, 1990.

O BARROCO na Europa e nas Américas. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1970. v. V. (Coleção Artes nos Séculos).

OLINDA Arte em toda parte. Catálogo da 1ª Edição da Exposição. Olinda: Prefeitura Municipal de Olinda, dez. 2001.

OLINDA Arte em toda parte. Catálogo da 7ª Edição da Exposição. Olinda: Prefeitura Municipal de Olinda, 2007.

OLINDA Patrimônio da Humanidade. Prefeitura Popular. Secretaria de Planejamento, Transporte e Meio Ambiente. *Plano Diretor*. Disponível em: <http://portalolinda.interjornal.com.br/planejamento_meio_ambiente_planodiretor.shtml>. Acesso em: 13 fev. 2008.

OLIVEIRA, Catarina. *Lugar e memória: testemunhos megalíticos e leituras do passado*. Lisboa: Colibri, 2001.

ORNELLAS, Maria de Lourdes. *Afetos manifestos na sala de aula*. São Paulo: Annablume, 2005.

PAMUK, Orhan. *Istambul: memória e cidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. *American Journal of Sociology*, Chicago, v. XX, p.27-67, mar. 1916.

PEDRAZZINI, Yves. *A violência das cidades*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

PEDROSA, Fábio. *Aspectos da evolução da linha de costa no município de Olinda entre 1915 e 2004: evidências dotecnôgeno em Pernambuco*. Disponível em: <<http://www.mp.pe.gov.br/index.pl/clipagem2308>>. Acesso em: 8 set. 2007.

PEDROSA, Fábio. *Aspectos da evolução da linha de costa no município de Olinda entre 1915 e 2004: evidências dotecnôgeno em Pernambuco*. 2007. Tese (Doutorado em Geologia) – Centro de Tecnologia e Geociências, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

PEREIRA, Nilo. *Pernambucanidade*. Recife: Secretaria de Turismo, Cultura e Esporte, 1983.

PINA, André. *Transformações dos espaços de habitação do sítio histórico de Olinda*. 2006. 165 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

PINHEIRO, Eloísa; GOMES, Marco. Os arquitetos, a cidade e o fascínio pela história. In: PINHEIRO, Eloísa; GOMES, Marco (Orgs.). *A cidade como história: os arquitetos e a historiografia da cidade e do urbanismo*. Salvador: EDUFBA, 2004. p. 9-18.

PINTO, Graziela. Editorial. *Insight Psicoterapia e Psicanálise*, São Paulo, v.11, n.118, p.3, jun. 2001.

PINTO, Romildo Gouveia. *Olinda Holanda*. São Paulo: J. Scortecci, 1987.

PLANO de Desenvolvimento Local Integrado executado pelo prefeito Arêdo Sodré Motta. *Diário de Pernambuco*, Recife, p. 3, 3 abr. 1974.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.5, n. 10, p.200-212, 1988.

POLLACK, Michael. Memória e esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.3-15, 1989.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de *Civitella Val di Chiana* (Toscana: 29de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaina (Orgs.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 103-130.

PREFEITURA MUNICIPAL DE OLINDA. Sociedade Civil de Planejamento. Ltda. (SOCIPLAN). Serviço Federal de Habitação e Urbanismo (SERFHAU). *Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Olinda*. Olinda, 1973. v. 1-8.

PREFEITURA MUNICIPAL DE OLINDA. *Atas do Conselho de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda*. Olinda, 1983. v. 1.

PREFEITURA MUNICIPAL DE OLINDA. Secretaria do Patrimônio e Cultura. *Projeto Foral de Olinda*. Relatório II. Coordenação de Valéria Maria Agra. Oliveira, Olinda, 2000.

PREFEITURA MUNICIPAL DE RECIFE. *Atlas Municipal: Desenvolvimento Humano de Recife*. Recife: SEPLAN-Projeto PNUD, 2005. 1 CD.

PREFEITURA MUNICIPAL DE OLINDA. Secretaria de Planejamento, Transportes e Meio Ambiente (SEPLAMA / DIM). *Mapas Temáticos - Olinda em Dados*. Olinda, 2006a. v. III.

PREFEITURA MUNICIPAL DE OLINDA. Secretaria de Patrimônio Ciência, Cultura e Turismo. *Pagus*. Olinda, 2006b. 1 CD.

PREFEITURA MUNICIPAL DE OLINDA. Secretaria de Planejamento, Transportes e Meio Ambiente/DIM. *Metrópole Estratégica*. Olinda, 2006c.

PRIORE, Mary Del. As aventuras do traidor Manoel de Moraes. *Revista Veja*, São Paulo, edição 2065, ano 41, n. 24, p.156, 10 jul. 2008.

PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido: no caminho de Swann*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

PROUST, Marcel. Entrevista. Tradução Marcelo Coutinho Vargas. *Espaço e Debates: Revista de Estudos Regionais*, São Paulo, p. 80-81, 1981.

QUINTELA, Ariadne. Guaianases: lugar de trabalho e lazer. *Jornal do Comércio*, Recife, Seção de Turismo, p. 10, 20 dez. 1985.

REIS FILHO, Nestor Goulart. *Evolução urbana do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1968.

REIS FILHO, Nestor Goulart. *Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial*. Colaboradores: Beatri Piccolotto Siqueira Bueno, Paulo Júlio Valetim Bruna. São Paulo: EDUSP; Imprensa Oficial do Estado, Fapesp, 2000. (Uspiana-Brasil 500 anos).

RICHSHOFFER, Ambrósio. *Diário de um soldado: (1629-1632)* Recife: CEPE, 2004.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. São Paulo: Papyrus, 1994. Tomo I. p. 115. Apud BARBOSA, Márcio. *Experiência e narrativa*. Salvador: EDUFBA, 2003. p. 85.

RIO, Vicente del; DUARTE, Cristiane; RHEINGANTS, Paulo (Orgs.). *Projeto do lugar: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2002.

ROCHA Tadeu. Planos e obras de urbanização do Recife. *Diário de Pernambuco*, Recife, 5, 15, 22 e 29 de maio e 5, 12 jun. 1983. Apud ARAÚJO, Rita de Cássia. *As praias e os dias: história social das praias do Recife e de Olinda*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2007.

ROMA, Birmingham. Prefácio. In: FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. *Memória Social*. Lisboa: Teorema, 1992. p.7-11.

ROSA, Fernanda Jenens. *Os doces da fidalguia*. Olinda: Prefeitura de Olinda, 1988.

ROSAS, Fernanda. *Os doces da fidalguia*. Recife: GCL, 1988.

ROSENFELD, Israel. Um manuscrito para Freud. *Insight Psicoterapia e Psicanálise*, São Paulo, v. 11, n. 118, p. 4-8, jun. 2001.

SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil (1500-1627)*. São Paulo: Melhoramentos, 1954. Apud FREYRE, Gilberto. *Olinda: 2º guia prático, histórico e sentimental de cidade brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

SAMPAIO, Dorany. Apresentação. In: BOXER, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654*. Recife: CEPE, 2004. p. iv-v.

SANTIAGO, Diogo Lopes. *História da guerra de Pernambuco*. Recife: CEPE, 2004.

SANTOS, Luciana. Apresentação. In: OLINDA Arte em Toda Parte. Catálogo da 7ª Edição. Olinda: Prefeitura Municipal de Olinda, 2007. p.2-3.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço, técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1990.

SCHMALZ, Alfredo Carlos. As históricas Ressacas em Olinda. *Anuário de Olinda*, Olinda, n. 2. XV-XVI, p. 40-44, set. 1965.

SILVA, José Cláudio. *Tratos da arte de Pernambuco*. Recife: Governo do Estado, 1984.

SILVA, Leonardo Dantas. O Recife, várias visões. In: MAIOR, Mário Souto; SILVA, Leonardo Dantas (Orgs.). *O Recife: quatro séculos de sua paisagem*. Recife: FUNDAJ; Massaangana; Prefeitura da Cidade do Recife, Secretaria de Educação e Cultura, 1992. p. 9-25.

SILVA, Leonardo Dantas. A primeira capital brasileira da cultura – Olinda. *Revista Continente - Documento*, Recife, Ano IV, n. 42, p.1-35, 2004a.

SILVA, Leonardo Dantas. Introdução. In: WATJEN, Hermann. *O domínio colonial holandês no Brasil*. Recife: CEPE, 2004b. p. xi-xxv. p. xii.

SILVA, Leonardo Dantas. Olinda o que há no nome. *Revista Continente - Documento*, Recife, Ano, IV, n. 42, p.4-7, 2006a.

SILVA, Leonardo Dantas. Olinda: arruando por becos e ladeiras. *Revista Continente - Documento*, Recife, Ano IV, n. 42, p. 27-31, 2006b.

SILVA, Leonardo Dantas. Olinda no tempo dos flamengos. *Revista Continente - Documento*, Recife, ano IV, n 42, p. 14-17, 2006c.

SILVA, Leonardo Dantas. Olinda no tempo do inquisidor. *Revista Continente – Documento*, Recife, Ano IV, n. 42, p. 10-13, 2006d.

SILVA, Leonardo Dantas. Olinda o castigo divino. *Revista Continente - Documento*, Recife, ano IV, n. 42, p. 18-19, 2006e.

SILVA, Leonardo Dantas. Olinda de onde se vê. *Revista Continente-Documento*, Recife, ano IV, n. 42, p. 25-26, 2006f.

SILVA, Leonardo Dantas. Olinda o crime maior: marcas da destruição causada pelo incêndio provocado pelos holandeses permaneceram por séculos em Olinda enquanto Recife tudo era progresso e novidade. *Revista Continente- Documento*, Recife, Ano IV, n. 42, p. 20-23, 2006g.

SILVA, Leonardo Dantas (Org.). *Dicionário corográfico, histórico e estatístico de Pernambuco*. 2. ed. Recife: CEPE, 2006h.

SOARES, Lucila. *Não é mais um sonho impossível*. Disponível em: <<http://clipping.planejamento.gov.br/Noticias.asp?NOTCod=342136>>. Acesso em: 24 out. 2008.

SOUTO MAIOR Mário; SILVA, Leonardo Dantas (Orgs.). *O Recife: quatro séculos de sua paisagem*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 1992.

STADEN, Hans. *Viagem ao Brasil*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1989. (Coleção Afrânio Peixoto. v. 9.).

TEIXEIRA NETO, Manoel. *Olinda (das colinas à planície); natureza, história, cultura, monumentos, carnaval*. Olinda: Polys, 2004.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado - história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOLLENARE, Louis François. *Notas dominicais tomadas durante uma viagem em Portugal e no Brasil em 1816, 1817, e 1818*. Salvador: Progresso, 1956.

VASCONCELOS, Frederico. Olinda é mais bonita vista do mar ou das janelas dos conventos. *Folha de São Paulo*, São Paulo, Caderno de Turismo, p. 7-11, 6 out. 1997.

VASCONCELOS, Pedro. *Dois séculos de pensamento sobre a cidade*. Ilhéus: Editus, 1999.

VASCONCELOS, Pedro. *Salvador: transformações e permanências (1549-1990)*. Ilhéus: Editus, 2002.

VASCONCELOS, Pedro. Destinos paralelos: as aglomerações de Olinda-Recife e Salvador. Uma homenagem a Manuel Correia de Andrade. In: FERRAZ, Fernando (Org.). *Reflexões sobre espaço-tempo*. Salvador: UCSAL/Quarteto, 2004. p. 105-123.

VERAS, Luciana. A primeira capital brasileira da Cultura. *Continente - Documento*, Recife, Ano, IV, n. 42, p.37-55, 2006a.

VERAS, Luciana. Olinda hoje, eu sou. Título de Primeira Capital Brasileira da Cultura coloca Olinda em destaque. *Revista Continente- Documento*, Recife, Ano IV, n. 42, p. 41-43, 2006b.

VILHENA, Luís. *A Bahia no século XVIII*. Salvador: Itapuã, 1969.

WATJEN, Hermann. *O domínio colonial holandês no Brasil*. Recife: CEPE, 2004.

WEBER, Max. Conceito e categorias de cidade. In: VELHO, Otávio G. (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p. 68-89.

FONTES

FONTES IMPRESSAS

DOCUMENTOS OFICIAIS

Olinda

ARQUIVO MUNICIPAL ANTONINO GUIMARÃES

- ‘*O Foral de Olinda*’. Projeto Foral de Olinda, Cópia do Livro de Tombo nº. 01-B 1783/1806 da Confirmação do Foral e da Ação Demarcatória e Sentença, de 23 de setembro de 1710.
 - Lei Rerratificação da Notificação 1155/79, aprovada em 18/11/1958, do SPHAN – Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, atual IPHAN-Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que corrigiu as divergências entre o disposto nas normas urbanísticas estabelecidas na Notificação 1.155/79 do SPHAN na Lei Municipal nº. 3.826/73. Legislação Urbanística do Município de Olinda – Livro III – do Sítio Histórico.
 - Notificação 1004/68, de 19/04/1968 do DPHAN- Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, atual IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
 - Certidão de Tombamento da Cidade de Olinda, de 30/11/1937, da demarcação do polígono protegido pelo Decreto-lei nº. 25/37 de 30/11/1937, p. 2.
 - Lei Municipal nº. 4.849/92, Legislação Urbanística do Sítio Histórico de Olinda.
 - Lei Municipal nº. 3.826 de 29/01/1973, Legislação Básica Urbanística do Município de Olinda.
 - Decreto Municipal nº. 023/82 de 29/06/1982, Confere à Olinda o título de Cidade Ecológica e considera o coqueiro árvore-símbolo de Olinda. Prefeitura Municipal de Olinda.
 - Diploma de Cidade Patrimônio Cultural da Humanidade, conferido pela UNESCO em 1982.
 - Lei nº. 5306/2001 de 21/12/2001 da Prefeitura Municipal de Olinda, que institui normas e procedimentos para serem cumpridos durante o período carnavalesco no Município.
 - *Plano de Desenvolvimento Local Integrado - PDLI*, vol. I,II, II, IV,V,VI,VII e VIII, de 1972, Prefeitura Municipal de Olinda/ SEPLAMA/DIM.
 - Plano Diretor de Olinda, *Construindo um querer Coletivo*, Prefeitura Municipal de Olinda, 1997. Prefeitura Municipal de Olinda/SEPLAMA/DIM.
- Olinda em Dados*, Prefeitura Municipal de Olinda. SEPLAMA, 1998.
- *Plano Diretor de Olinda*, Prefeitura Municipal de Olinda. SEPLAMA/CECI, 2003.

- Lei nº. 6863/1980 de 26/11/1980, Câmara dos Deputados, sancionada pelo presidente da república João Figueiredo, resultante do Projeto de Lei nº. 1.440, do Deputado Fernando Coelho, erige Olinda como Monumento Nacional.
- Diário do Congresso Nacional, Seção I, de 08/07/1961, p. 7.
- Lei nº. 79/70, de 18/09/1979, institui o tombamento de bens pelo Estado, decretado e sancionado por Marco Antonio Maciel, governador de Pernambuco.

INSTITUTO HISTÓRICO DE OLINDA

- Anuário de Olinda, n. 2, XV-XVI, set. 1965.

JORNAIS E REVISTAS

A Voz de Olinda, 30/12/56, ano 1 nº. 5.

Jornal de Olinda, dezembro de 2006.

Jornal O Verão, out.1933/nov.1934.

Jornal O SOL, ago.1934.

Jornal O Balneário, set./nov. 1938.

A Voz de Olinda, 1956.

Jornal da Semana, Edição de 15 a 21/06/84.

Informativo Olinda, Assessoria da Imprensa da Prefeitura Municipal de Olinda. Edição especial, abr. 1983, p. 1.

Dário de Pernambuco, edição de 24/03/68.

Diário de Pernambuco de 16/08/70.

Diário da Noite, de 14/05/71.

A Última Hora de 13/08/71.

Diário de Pernambuco, de 28/12/72.

Jornal do Comércio, matéria publicada em 11 de março de 1973.

Jornal do Comércio, edição de 22/11/73.

Diário de Pernambuco, edição de 03/04/74.

Diário da Noite, edição de 30/09/08.

Diário da Noite, de 18/09/76.

Jornal do Comércio de Pernambuco, edição de 26/03/77.

Jornal do Comércio de Pernambuco de 06/04/77.

Diário de Pernambuco de 05/10/77.

Diário de Pernambuco 29/09/77.
Diário de Pernambuco 05/03/78.
Diário de Pernambuco, de 26/10/78.
Diário de Pernambuco edição de 21/05/79.
Jornal do Comércio de 20/01/81.
Diário de Pernambuco de 13/08/82.
Jornal do Comércio edição de 29/01/83.
Diário de Pernambuco, Matéria de Tadeu Rocha, edição de 29/05/ e 12/06/1983.
Diário de Pernambuco de 20/03/84.
Diário de Pernambuco 14/04/84.
Diário de Pernambuco de 12/06/84.
Diário de Pernambuco, edição de 27/02/1985.
Diário de Pernambuco, edição de 19/05/85.
Diário de Pernambuco 06/08/85.
Diário de Pernambuco, de 07/10/1985.
Diário de Pernambuco, de 15/10/8.
Diário de Pernambuco 02/06/1989.
Diário de Pernambuco, de 19/03/86.
A Folha de Pernambuco de 02/06/1989.
A Folha de Pernambuco edição de 14/11/2006.
Diário de Pernambuco, de 10/12/87. Diário de Pernambuco, seção Vida Urbana, de 23/08/2007.
Diário Oficial de Pernambuco, de 23/08/2007.
A Tarde, Revista Muito, edição de 05/04/08, p.34
Revista Veja, Edição 2070, ano 41- nº. 29 de 23/07/08.
Revista Veja, Edição 2065, ano 41- nº24. Ed. Abril, 18/06/2008.
Revista Visão de 12/05/75.
Revista Continente, - Documento , ano IV nº. 42/2006.
Revista Continente – Documento, ano V, nº. 54/2007.
Revista Continente,- Documento ano ° III, nº. 27/2004.
Revista Continente-Multicultural. Ano II, nº. 21, setembro/2002.
Revista Continente Multicultural , Ano I, nº. 1, janeiro/2001.

FONTES ORAIS

Adicélia Cristina Cavalcanti Lobo do Nascimento

Adilson de Almeida Vasconcelos

Aldo Bezerra Cavalcanti

Alexandre Alves Dias

Antonio Alves Dias

André Renato Pina Moreira

Carlos Ivan de Melo

Clara da Silva Braga

Dayse Maria da Silva Correia

Dione do Nascimento Silva

Eunice do Nascimento Silva

Flávio Dionísio de Santana

Gina Genoveva Alves

Giselda Pereira Amâncio -Deda Bajado.

Ilmar Belo dos Santos

Iraci da Silva Alves

José Ataíde de Melo

José Cisneiro Bezerra Cavalcanti

Marcelino João Gusmão Lobo

Marco Aurélio de Oliveira Reis

Maria José Moreno da Silva

Marília Didier Oliveira Reis.

Ronaldo Guimarães de Almeida Filho

Rosa Maria Assis dos Santos

Roziane Bernardo de Holanda Ribeiro

Sandra Maria Maia e Silva

Sueli Silva de Lima

Teresa Costa Rego

Ubiratan de Castro e Silva

Valdenito Laureano Oliveira

FONTES CARTOGRÁFICAS (PLANTAS E MAPAS)

Mapa das Capitanias Hereditárias.

Detalhe do Mapa da Costa de Pernambuco. (1586).Cópia do original que se encontra na Biblioteca da Ajuda - Lisboa, intitulado: “Roteiro de todos os sinais que há na costa do Brasil”

Perspectiva do Ressife e Villa de Olinda (1616) Original manuscrito que integra o códice “Rezão do Estado Brasil” de Diogo de Campo Moreno. ca 1616.

De Stadt Olinda Pharnambuco Estampa e Folhetos holandeses do Maritiem Museum, Rotterdam ca. 1630.

Planta esquemática de Olinda e Recife, *Livro qve da Rezão do Estado do Brasil*

Planta de Olinda. Original do Algemeen Rijkarchief, Haia ca. 1630.

Desenho que ilustra o livro de Johan Nieuwhof. séc. XVII.

Tela de autoria de Franz Post.

Mapa rudimentar de Olinda, na parte superior o que existia em Olinda antes do incêndio. Desenho do Capelão J. Baers. 1630.

Planta de Olinda 1915.

Mapa da Cidade de Olinda, em 1940.

Mapas Temáticos de Olinda.

Mapas da ocupação territorial de Olinda.

Mapa do Sítio Histórico de Olinda com zonas de proteção cultural.

Mapa Turístico de Olinda.

Mapa de Olinda com suas principais atrações turísticas.

Mapa de Olinda.

Mapa de Olinda com Zonas e RPAs.

Fotografia aérea parcial do Sítio Histórico de Olinda. Fotografia do Satélite Quik-Bird – AEROSAT/PMO, junho de 2004.

Fotografia aérea de Olinda com visão parcial do Sítio Histórico de Olinda. Fonte: Fotografia do Satélite Quik-Bird – AEROSAT/PMO, junho de 2004.

Mapa da região Conurbada de Recife e Olinda.

Mapa do sítio Histórico de Olinda e favelas em seu interior.

ÍNDICE ICONOGRÁFICO (FOTOGRAFIAS, CARTÕES POSTAIS, PINTURAS,
GRAVURAS, LITOGRAVURAS.)

PREFEITURA MUNICIPAL DE OLINDA

Mercado da Ribeira Olinda. 2006.

ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL ANTONINO GUIMARÃES, OLINDA

Vista da Praça da Abolição, Olinda. Início século XIX.

Vista do secular Mosteiro de São Bento, datado de 1585.

Seminário de Olinda, datado do séc. XVI. Ao fundo, a vista da cidade do Recife.

Fotografia do Sobrado Colonial Mourisco da Praça João Alfredo nº. 7, Olinda. Fonte Acervo FCCR, Coleção Álvaro Farias, 1944.

Sobrado Colonial Mourisco com balcão “muxarabi”, sito à Rua do Amparo, 28 Olinda. Coleção Alexandre Berzin. 1940.

Casarão Colonial Rural, alterado para estilo chalé em 1897.

Fotografia do Seminário de Olinda. Séc. XVI.

Apresentação pictórica do istmo, aparecendo Recife. Peeters Gillis, século XVII.

Olinda vista do alto da Sé. Fonte: Coleção Augusto Stahl, 1855.

Olinda. Litogravura de VW. Bassler, oficina de J. Braunsdorf, Desdren s. d. 1848. In: Gilberto Ferrez, *Raras e Preciosas vista e panoramas do Recife. 1755-12855*.

Vista de Olinda. 1580. Coleção Maurício Lamberg.

Igreja do Rosário. Fonte: Coleção Augusto Stahl. 1855.

Igreja Na. Sa. do Carmo. Fonte: Mauricio Lamberg, 1880.

Casario de Olinda. Fonte Coleção Maurício Lamberg. 1880..

Casario da parte alta da cidade de Olinda. Coleção Augusto Stahl. 1855.

Fotografia aérea do Istmo. Coleção André Pina.

Estação da Maxambomba no Largo do Carmo, Olinda 1910.

A maxambomba na Praça do Carmo Olinda. 1910.

Bonde Na ponte do Varadouro. 1924..

O Bonde elétrico na ponte do Varadouro Olinda. 1930.

Praça do Carmo. 1910.

Praia dos Milagres, Olinda, primeiras décadas do séc. XX. Coleção Edmar Lopes.

Praia do Farol Olinda início do séc. XX.

Largo do Carmo. Início do séc. XX.

Residência de verão do governador de Pernambuco. Olinda. Início do séc. XX.

Vista da Av. Sigismundo Gonçalves, 1910. Coleção Cartões Postais.
 Vista aérea do Largo do Carmo. 1950.
 Vista aérea da Praia do Carmo. 1910-1920.
 Fotografias de banhistas em Olinda. Fotografia H. Martins. 1915.
 Banhistas em Olinda. Anos 30.
 Olinda e igreja da Sé. 1944.
 Praia do Carmo. Anos 50.
 Praia dos Milagres e avanço do mar. 1960.
 Casas de veraneio destruídas. Praia dos Milagres. 1963.
 Destruição de casas pelas ressacas. Coleção Severino Fragoso.
 Detalhes da casa de veraneio destruída. Década de 60.
 Flagrante da Construção dos diques de proteção. Olinda, 1960.
 Fotografia aérea da Praia dos Milagres, com dique de proteção. 1996.
 Fotografias de diversas casas no Sítio Histórico com proteção de grades. 2006.
 Fotografia da Av. Liberdade, tendo à esquerda a Praça da Abolição.
 Vista da cidade do Recife e da parte de Olinda tomada da ladeira da Misericórdia - Litografia de W. Bassler, na oficina de J. Braunsdorf - Dresden. 1847.
 Fotografia do Fortim de São Francisco Olinda.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO CÍCERO DIAS DO MUSEU DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Reprodução parcial da “Batalha dos Guararapes. Peça votiva à Nossa Senhora dos Prazeres do Monte Guararapes. Séc. XVII. Autor desconhecido.

CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO “BATALHA DOS GUARARAPES: UM OLHAR CONTEMPORÂNEO”

Reprodução de tela sem título, de Teresa Costa Rego.
 Reprodução parcial do Mural da Batalha dos Guararapes de Francisco Brennand.
 Representação parcial do painel votivo da Batalha dos Guararapes.
 Cena da “Batalha”, de Ismael Caldas.
 Cena parcial de “Fragmentos do Painel da Conceição dos Militares” de José Cláudio.

ACERVO PARTICULAR DA AUTORA

Fotografia do Sobrado Colonial Mourisco. Praça João Alfredo, nº. 7, Olinda. 2007.

Fotografia da Rua Vinte e Sete de Janeiro, com a casa de nº. 65, e o Casarão Colonial Mourisco. 2008.

Casarão Colonial Rural, restaurado, atual sede da Biblioteca Municipal de Olinda.

Fotografia do Mosteiro de São Bento. Séc. XVI. 2006.

Sobrado residencial de três andares. Olinda. Atual sede do Arquivo Público de Olinda.

Chalé em Olinda. 2007.

Fotografia recente do dique na Praia do Bairro Novo, Olinda.

Praia do Carmo. 2008.

Praia do Carmo. 2008.

Dique de proteção na Praia do Bairro Novo. 2008.

Igreja do Carmo. 2007.

Projeto Monumenta. Igreja do Carmo. 2007.

Fotografia da Praia de Casa Caiada. 2007.

Fotografia da favela V-8, no Sítio Histórico de Olinda. 2008.

Casa nº. 65 da Rua Vinte e sete de Janeiro Olinda, com porta de grade.

Fotografia de Pousada com grades. Olinda.

Reprodução do Tela da artista Gina Alves intitulado “Invasão Holandesa”.

Detalhes do Tela sobre a invasão holandesa de Gina Alves. 2006.

Fotografia de entalhe de Olinda década de 60.

Fotografia de entalhe de Rômulo, Olinda, década de 60.

Entalhes Figurativos de Olinda, autores anônimos. Década de 90.

Fotografia de entalhe dos irmãos Andrade. 2008.

FONTES DIVERSAS

Sítio Histórico de Olinda, com seu casario e suas ladeiras. Coleção Colorfotografias de Brasil, Fotografia Felix Richter.

Igreja da Sé, datada de 1537, em segundo plano o Seminário de Olinda e a igreja Na. Sa. das Neves. Coleção Colorfotografias do Brasil, Fotografia Felix Richter.

Vista aérea panorâmica de Olinda.

Largo do Amparo com a igreja do Amparo no primeiro plano. Sítio Histórico de Olinda.

Antigo Paço dos Governadores e atual sede da Prefeitura Municipal de Olinda, construção do século XVII, no Sítio Histórico.

Detalhe do Mapa constante no livro *Viagem ao Brasil*, de Hans Staden, publicado em 1557.

Brasão do Donatário Duarte Coelho da Capitania de Pernambuco.

“Vila de Olinda”. Gravura de Frans Post do livro de Barlaeus – 1647, ca 1637-1645.

“Marin d’Olinda” Gravura inserida na obra de Johannis Laet, *História ou Annaes dos feitos da Companhia das Índias Ocidentais*, 1630.

Trecho da tela que se encontra na galeria do Convento de Santo Antonio em Igarassu. Autor desconhecido.

Detalhe do balcão estilo “muxarabi”, do Sobrado Colonial Mourisco da Praça João Alfredo, nº 7, Olinda.

Planta interna do Sobrado Colonial Mourisco da Praça João Alfredo nº. 7, Olinda.

Típico Casarão Colonial Rural preservado, sito à Avenida Liberdade nº100, Largo do Carmo Olinda. Fotografia de meados do séc. XIX.

Casarão Colonial sito à Estrada do Bonsucesso, nº. 39 Olinda.

Fotografias de vários sobrados de Olinda.

Rua de São Bento casas térreas conjugadas.

Rua Vinte e Sete de Janeiro, nº. 65. Casas térreas e sobrado.

Palácio de Nassau. Imagem do Museu do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco.

Igreja e Mosteiro do Carmo, em meados do séc. XIX.

Fotografia de Olinda e Recife. Acervo EMPETUR, 2007.

Fábrica de Doces Amorim Costa, Varadouro Olinda. 1959.

Casario de Olinda, início séc. XX.

Quatro chalés na Praça do Carmo. Final do séc. XX.

Chalé no Sítio Histórico, final do séc. XIX. Olinda.

Bancada Federal de políticos de Pernambuco. Visita de Juscelino à Olinda. 1955. Álbum de família.

Fotografia do interior da igreja de São Pedro Mártir. Olinda, presença de grades. Fotografia: Lídia Vasconcelos. 2007.

Imagens do bloco carnavalesco de Olinda.

Imagem de blocos carnavalescos de Olinda.

Fachada principal do Mosteiro de São Bento-Olinda.

Detalhe do altar mor do Mosteiro de São Bento.

Batalha dos Guararapes, reprodução da tela de Victor Meirelles (1832-1903), de 1871.

Reprodução do painel votivo da Batalha dos Guararapes. Forro da nave principal da Igreja de Nossa Senhora da Conceição dos Militares. Fotografia Silvia Portela. 2008.